

**A perspetiva da Violência Familiar na voz da comunidade cigana:  
Um Estudo investigativo nos Bairros do Lagarteiro e Contumil**

Bárbara Daniela Leal Bernardo Martins

Relatório de estágio a apresentar ao Instituto Superior de Serviço Social do Porto para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Intervenção Social na Infância e Juventude em Risco de Exclusão Social, realizada sob a orientação científica da do Doutor José Alberto Reis.

Orientador: Doutor Professor José Alberto dos Reis

Orientadora Local: Dra. Rosa vieira

ISSSP, 26 de Setembro 2019

**A perspectiva da Violência Familiar na voz da comunidade cigana:  
Um Estudo investigativo nos Bairros do Lagarteiro e Contumil**

Bárbara Daniela Leal Bernardo Martins

ISSSP, 26 de Setembro 2019

## Resumo

A investigação desenvolvida é sobre a perspectiva da comunidade cigana sob a violência.

Esta etnia rege-se sobre princípios e leis muito distintas de qualquer outra cultura, e sendo a violência doméstica um tema cada vez mais falado na atualidade é pertinente compreender este fenómeno de acordo com os valores desta cultura.

Assim, o presente estudo tem como objetivos perceber a cultura, a distinção entre homem e mulher, o que é ser criança nesta cultura, a lei, e a problemática da violência sob a perspectiva da mulher, criança e jovem.

Para realizar este estudo, desenvolvemos um estágio de 900 horas na Associação “Norte Vida”, sediada no Porto.

No quadro da compreensão, desenvolvemos uma investigação qualitativa com recurso a entrevistas com mulheres de origem cigana residentes do Bairro de Contumil e através do Focus Grupos com crianças do Bairro do Lagarteiro e Contumil, que se centrou na realização de várias atividades lúdico-didáticas com o intuito de trabalhar e de perceber o fenómeno da violência.

Um dos recursos mais utilizados para este estudo foi a observação participante, onde se pode observar práticas, culturas e comportamentos. A participação ativa das crianças e das mulheres nas atividades realizadas e o dia-a-dia vivido no bairro, permitiu a realização de registos de notas de campo.

Através dos dados recolhidos foi possível analisar se a violência para a etnia cigana é vista como está descrita na legislação, como é que esta etnia lida e age em situações de violência e como as crianças e jovens vêem a mesma.

Palavras-chave: Crianças e jovens; Violência; violência doméstica; Comunidade cigana

## Abstract

The developed research is about the gypsy community's perspective on violence.

This ethnicity follows principles and laws very different from any other culture, and since domestic violence, is nowadays a very much discussed topic, it's pertinent to understand this phenomenon according to the values of this culture.

The present study aims to understand this culture, the distinction that it's made between men and women, what it feels to be a child in this culture, the law, and the problem of violence from the perspective of woman, children and youth.

For the accomplishment of this study a 900-hour internship was developed at the "Norte Vida" Association, in Porto.

For comprehension support, we developed a qualitative investigation performing interviews with women of gypsy origin living in the neighbourhood of Contumil, as well as Focus Groups with children from the neighbourhood of Lagarteiro and Contumil, which focused on the accomplishment of various ludic-didactic activities in order to work on and to better understand the phenomenon of violence.

One of the most used methods for this study was the participant observation, where practices, cultures and behaviours could be observed.

The active participation of children and women in the activities carried out and the day-to-day life in the neighbourhood, led to the recording of field notes.

Through the collected data it was possible to analyse if the violence for the gypsy ethnicity is seen as it's described in the legislation, how does this ethnic group lead with and react in situations of violence and how the children and young people see this topic.

Keywords: Children and Youth; Violence; Domestic Violence; Gypsy Community.

## **Agradecimentos**

Mais do que um simples trabalho individual, este relatório foi uma superação de preconceitos que existiam antes de iniciar a minha prática profissional com a comunidade cigana.

Um longo caminho foi percorrido, caminho esse com muitos obstáculos, lágrimas e cansaço, que pensava que não chegaria ao fim. Caminho esse que só foi possível com o apoio de pessoas fundamentais que existem na minha vida e que sempre contribuíram para que este caminho terminasse.

Assim, quero agradecer aos meus pais pela oportunidade que me proporcionaram e pelos sacrifícios que fizeram ao longo destes dois anos de mestrado.

Ao meu irmão por estar sempre presente em todo o meu percurso académico e me apoiar.

Agradeço em especial à minha mãe por nunca me ter deixado desistir e me ter dado a força que necessitava para superar os obstáculos que me apareceram ao longo deste percurso.

Ao professor José Alberto, por ter pegado no meu trabalho e no meu tema. Agradeço também a positividade que sempre demonstrou em relação ao meu trabalho, fazendo com que acreditasse mais do que estava a acreditar.

O meu muito obrigado à supervisora Dra. Rosa Vieira por todo o ensinamento, apoio e pela sua disponibilidade. Foi incansável a sua ajuda e agradeço imenso por me ouvir, pela paciência, e por sempre me dar força.

A todos os técnicos da Norte Vida, ao Dr. André, ao Gil e à Liliana pela atenção e disponibilidade com que me receberam e pelo que me ensinaram.

Um muito obrigado às mulheres ciganas com quem contatei ao longo do meu estágio, agradeço pelos ensinamentos, pelo carinho e por sempre se mostrarem disponíveis a colaborar. Foi sem dúvida uma das experiências e das aprendizagens que mais valorizo.

Um agradecimento muito especial aos meus meninos, quanta alegria eles transmitem ao mundo, ser criança é das melhores coisas da vida e trabalhar com elas é sem dúvida muito especial. Sentia muitas vezes que voltava a ser criança, e percebi que

para trabalharmos com crianças temos mesmo que às vezes ser crianças, para perceber o mundo delas. Também percebi o quão velha estou por não ter filhos nem ter casado com 25 anos, quando entramos na comunidade cigana e temos 25 anos é estranho para eles não temos uma família, no meu primeiro dia fui logo bombardeada a dizerem que ia ficar solteira para o resto da vida por ainda não ter arranjado marido, foi aí que percebi que a minha aventura ia começar e que estava a entrar num mundo novo e desconhecido.

Agradeço à Norte vida – Equipa de Rua Oriental, pela oportunidade de estagiar nesta instituição, não podia ter escolhido melhor “escola” para crescer enquanto pessoa e para obter todos os ensinamentos que tenho hoje. Obrigada por me fazerem sempre sentir membro da vossa equipa, o bom ambiente, a capacidade de se ouvirem e de trabalharem em equipa é sem dúvida algo que destaco.

Por fim, destaco todas as minhas amigas que sempre estiveram presentes ao longo de todo o meu percurso académico. À Mariana, Juliana, Inês, Carina, Raquel e Soraia um muito obrigada por aturarem todos os meus desabafos e nunca me deixarem desistir. Um agradecimento especial à Melissa que me ajudou em horas difíceis. À Márcia uma pessoa que se cruzou no meu caminho nesta última etapa académica da minha vida, uma rapariga que vinha da área de filosofia entrar nesta aventura de ser interventora social. Obrigada por fazeres parte deste meu caminho e da amizade que construímos.

## **Índice dos anexos**

Anexo 1- Artigo 152º- Violência doméstica

Anexo2- Artigo 152º- Maus tratos e infração de regras de segurança

Anexo3- Artigo 172º- Atos sexuais com adolescentes

Anexo 4- Planeamento das atividades

Anexo 5- Informação recolhida do focus grupos

Anexo 6- Consentimento informado

Anexo 7- Entrevista das sete mulheres ciganas

Anexo 8- Notícia

## **Índice das figuras**

Figura 1- Guião da entrevista

Figura 2-Atividade papel do homem e da mulher na comunidade cigana

Figura 3- Atividade como se sente a vítima?

Figura 4- Atividade violência familiar sob a criança e o jovem- conceito e tipos de maus tratos

Figura 5- Atividade retratar os vários tipos de maus tratos

Figura 6- Atividade do Bullying

## **Índice das Tabelas**

Tabela 1- Nível de escolaridade e de retenções das crianças/jovens do bairro de Contumil e Lagarteiro

Tabela 2- Análise das entrevistas

## Índice

Resumo.....	iii
Abstract.....	iv
Agradecimentos.....	v
Índice dos anexos.....	vii
Índice das figuras.....	viii
Índice das Tabelas.....	ix
Introdução.....	1
I-Violência doméstica.....	4
1.Violência doméstica em Portugal.....	4
1.1.Tipos de violência doméstica.....	6
1.2. Violência sob a criança e o jovem em contexto familiar.....	7
1.2.1. Medidas de proteção da criança.....	9
2.O processo de desenvolvimento cognitivo da criança.....	10
2.1.A importância da socialização primária e secundária na construção do indivíduo.....	12
3.O que é uma Criança e jovem em Risco?.....	13
II- Comunidade Cigana.....	16
1.História do povo cigano.....	16
1.1.A Etnia Cigana – Usos e Costumes.....	19
III- Metodologia de Investigação e Intervenção.....	22
1.Pergunta de partida e objetivos da intervenção.....	22
2.Metodologia utilizada na intervenção.....	23
2.1.Instrumentos utilizados para a recolha de dados.....	24
3.A escolha do grupo para a recolha de dados.....	26
Parte IV- Enquadramento institucional.....	28
1.Associação Norte Vida.....	28
1.1.Caracterização da “Casa do Gil” e do “Pavilhão” .....	29

1.2 Caracterização da equipa técnica.....	29
1.3.Caracterização das crianças e jovens acompanhadas pela “Norte vida.....	31
2.Contexto Habitacional.....	33
2.1.O Bairro de Contumil e Lagarteiro.....	34
3. A “Lei Cigana” ser mulher na comunidade cigana.....	36
3.1. A comunidade vista pelas mulheres.....	39
3.1.1.Casamento.....	39
3.1.2.Género.....	42
3.1.3.A postura da comunidade cigana perante a violência.....	46
4.Ser criança na comunidade cigana/ lei cigana.....	52
5.Exposição das crianças a situações de “violência”.....	55
5.1.O olhar das crianças sobre a violência psicológica.....	56
6.Violência nas escolas e o significado da violência para as crianças da comunidade cigana.....	57
6.1.Bullying.....	62
Parte V- O papel do Assistente Social como interventor na Comunidade Cigana.....	64
Considerações finais.....	66
Bibliografia.....	69
Webgrafia.....	73
Anexos.....	74
Anexo 1- Artigo 152º- Violência doméstica.....	75
Anexo2- Artigo 152º- Maus tratos e infração de regras de segurança.....	76
Anexo 3- Artigo 173º- Atos sexuais com adolescentes.....	77
Anexo 4- Planeamento das atividades.....	78
Anexo 5- Informação recolhida do focus grupos.....	90
Anexo 6- Consentimento informado.....	102
Anexo 7- Entrevista das sete mulheres cigana.....	103
Anexo 8- Notícia.....	128

## **Introdução**

O estudo foi realizado na Associação Norte Vida – Equipa de Rua Oriental sediada no Porto nos bairros do Lagarteiro e de Contumil. Realizar um estágio nesta associação foi uma aprendizagem e uma preparação para a prática profissional. Permitiu que nos despíssemos de preconceitos que existiam perante a cultura cigana. Esta cultura trouxe muitos ensinamentos, ensinou-nos a olhar para o outro, a aceitar pessoas com ideais diferentes e a valorizar-nos enquanto mulheres.

Inúmeros estudos se podem fazer sobre esta cultura e daí a grande dificuldade da escolha do tema para o relatório. Inicialmente partimos com algumas ideias sobre o que queríamos trabalhar e explorar. No entanto a nossa vivência no contexto dos bairros acabou por trazer o tema ao nosso encontro. Quando deparamos com a violência diária entre as crianças e jovens, percebemos que era algo a explorar. Não era por acaso que os dois bairros abrangidos pelo estágio são os que têm números mais elevados de casos de violência doméstica detetados pela CPCJ em 2017. Realço que estes números não se referem somente à comunidade cigana, mas sim à comunidade em geral residente de ambos os bairros

A violência doméstica é um tema que está muito presente atualmente no nosso dia-dia e que cada vez mais tem sido explorada e falada devido ao elevado número de casos em Portugal.

Ao longo da prática foi possível perceber que a cultura cigana tem ideais e costumes diferentes da cultura portuguesa. Por isso, foi necessário deixar de lado as aprendizagens, valores e formas de estar na vida e provocar uma rutura, evitando o risco dos desvios etnocentristas, pois estamos a lidar com uma cultura diferente com ideias e pensamentos diferentes daqueles que nos são transmitidos.

Para a realização deste estudo foi estabelecido como objetivo principal identificar o significado de violência para a cultura cigana e como objetivos específicos, avaliar a possibilidade de construir uma tipologia de subcategorias de violência através da análise das práticas e representações dos entrevistados sobre a cultura cigana; compreender o conceito da violência na comunidade cigana em grupos de população residente nos bairros de Contumil e Lagarteiro.

Os contributos deste estudo podem fundamentar uma intervenção futura junto da comunidade, suas crianças, jovens e famílias, para produzir as mudanças necessárias nas representações e conseqüentemente nas atitudes para que as suas interações sociais se alterem. O objetivo de trabalharmos com estes a questão da violência é intervir e transformar o modo de estar dos sujeitos nos contextos em que se cruzam.

Estruturalmente o relatório encontra-se dividido por quatro capítulos. O primeiro e segundo capítulo fazem referência ao quadro teórico. -“Violência doméstica” e “Cultura cigana”, o terceiro e o quarto capítulo referem-se à parte empírica, o quinto capítulo expressa o papel do Assistente Social na comunidade cigana.

O primeiro capítulo centra-se na definição da violência doméstica, quais os tipos de violências que existem e nas conseqüências que a violência pode trazer futuramente às crianças e jovens, também neste capítulo fazemos referência à definição de risco e perigo.

O segundo capítulo aborda a história da cultura cigana e as práticas dessa comunidade, fazendo alusão ao papel da mulher na comunidade.

O terceiro intitulado de “Metodologia de investigação e intervenção” apresenta os objetivos para a realização do estudo, aborda a metodologia e a recolha de dados utilizada para realizar o estudo, destacando, a entrevista realizada às mulheres da comunidade cigana, o focus grupos, utilizado para recolha de informação junto das crianças e jovens e a observação participante.

O quarto capítulo aborda a Associação Norte Vida onde foi realizado todo o trabalho empírico, a caracterização das crianças e dos jovens e o contexto habitacional. Também neste capítulo fazemos referência às atividades realizadas com as crianças e jovens os dados recolhidos, e analisamos as entrevistas dirigidas às mulheres

Destacamos como temas principais do estudo as representações sobre:

- O que é ser mulher na comunidade,
- O casamento,
- Os papéis relacionados com o género
- A violência na família e na escola;
- O que é ser criança nesta comunidade
- As conseqüências da violência para as crianças e jovens

O quinto capítulo refere a importância do papel de um assistente social como interventor na comunidade cigana. Por fim, terminamos o relatório com as conclusões finais

## I-Violência doméstica

### 1. Violência doméstica em Portugal

O fenómeno que estudamos é o da violência na cultura cigana. Para realizar este estudo foi necessário controlar o etnocentrismo, ou seja, deixar de lado os nossos valores e costumes, de forma a aceitarmos e entendermos os valores e costumes da comunidade cigana.

Para isso é necessário ir contra os obstáculos do conhecimento científico que são o senso comum, individualismo, naturalismo e etnocentrismo.

Para compreender melhor este problema social é importante defini-lo, mas antes de fazê-lo, entendo que será importante definir o conceito de “violência” e “doméstica” separadamente, e em seguida abordar a conjugação de ambos.

Segundo Pais (1998) não existe uma definição da palavra violência a nível universal, pois esta varia consoante o espaço e o tempo.

O conceito de violência segundo Manita, Ribeiro & Peixoto (2009) é *“qualquer forma de uso intencional da força, coação ou intimidação contra terceiro ou toda a forma de ação intencional, que de algum modo, lese a integridade, os direitos e necessidades dessa pessoa”*.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) (2001) define-a como o uso de força física ou poder, podendo este ser uma ameaça ou praticado, contra o próprio indivíduo, outra pessoa ou contra um grupo ou comunidade, da qual advenha o advém sofrimento, morte, dano psicológico, desenvolvimento prejudicado ou privação.

Esta também pode ser definida como sendo uma atuação voluntária ou involuntária praticada por um ser humano, ou um mero facto natural (não humano). Com efeito, é tão possível afirmar que o comportamento de uma pessoa é violento, tal como uma tempestade, sendo este ato voluntário ou involuntário. (Lopes, 2013:6)

A palavra “doméstica” refere-se à casa e/ou vida familiar. A ideia de casa engloba todas as relações de coabitação, mesmo entre não familiares. Nomeadamente devido de idade, deficiência, doença, gravidez ou dependência económica. Esta restringe a violência como a que incide entre pessoas que habitam na mesma casa, que faz parte ou fez da mesma família, ou que têm ou tiveram uma relação de namoro. (Lopes, 2013:7/8).

Assim, a violência doméstica segundo Manita, Ribeiro & Peixoto (2009) é *“um comportamento violento e continuado ou um padrão de controlo coercivo exercido, direta ou indiretamente, sobre qualquer pessoa que habite no mesmo agregado familiar (...) ou que mesmo não coabitando, seja ex-companheiro ou familiar”*.

Este tipo de comportamento violento pode resultar em danos físicos, sexuais, emocionais, psicológicos, isolamento social da vítima e privação económica e um domínio do agressor, fazendo com que a vítima se sinta com uma baixa autoestima, sem valor e com um medo constante.

A partir deste conceito a violência doméstica distingue-se de duas formas: **violência doméstica em sentido estrito**, que são todos os atos criminais referentes no art. 152º do Código Penal<sup>1</sup>: maus tratos físicos ou psíquicos (castigos corporais; privações da liberdade e ofensas sexuais); ofensa à integridade física grave; morte; ameaça; coação; injúrias; difamação e crimes sexuais. (APAV,2012)

A **violência doméstica em sentido lato** que inclui os crimes que estão em contato doméstico, como a violação de domicílio ou perturbação da vida privada; investigação da vida privada através de imagens, conversas telefónicas, emails, revelar segredos, etc; violação de correspondência ou de telecomunicações; violência sexual; violação da obrigação de alimentos; homicídio: tentado/consumado; dano; furto e roubo. (APAV,2012)

A violência dentro do lar, lar que supostamente deveria ser seguro, íntimo e harmonioso sempre tem existido com maior ou menor visibilidade de acordo com o contexto cultural e social. Para além de ser um ato antigo, cultural e por vezes socialmente aceite em várias partes do planeta, ocorre em todas as classes sociais, ou seja, não é um ato específico de uma classe social, não escolhe idades, nem género, assim, apercebemo-nos que não são apenas as mulheres as vítimas de violência doméstica, por vezes, a vítima é do sexo masculino. (Silva;2015)

Segundo o relatório de 2016 do Gabinete de Apoio à Vítima (APAV) os casos de violência doméstica em Portugal têm vindo a aumentar cerca de 8,1% entre 2014 e 2016, registando-se 35.411 atendimentos.

Sendo a violência doméstica um crime público, segundo a lei nº 59/2007, 4 de setembro do Código Penal, logo que o Ministério Público tome conhecimento deste crime, tem que obrigatoriamente iniciar um inquérito e investigar os factos até que se dê

---

<sup>1</sup> Anexo 1- Artigo. 152- Violência Doméstica

como encerrado o caso. Como muitas vezes não é a vítima que apresenta queixa, esta pode não querer que exista um procedimento criminal, e nestes casos, o Ministério Público é obrigado na mesma a continuar com o inquérito.

### 1.1. Tipos de violência doméstica

Existem vários tipos de violência doméstica, segundo Manita; Ribeiro & Peixoto (2009) a mais frequente é a **violência emocional e psicológica** que “*consiste em desprezar, menosprezar, criticar, insultar ou humilhar a vítima, em privado ou em público, por palavras e/ou comportamentos; criticar negativamente todas as suas ações, características da personalidade ou atributos físicos; gritar para atemorizar a vítima (...)*”, existem ainda os seguintes tipos de violência: **intimidação, coação e ameaça**, este tipo está associado à violência emocional-psicológica (tipo de violência mais utilizado pelos/as agressores/as) que “*(...) consiste em manter a mulher vítima sempre com medo daquilo que o agressor possa fazer contra si e/ou contra os seus familiares (sobretudo filhos) e amigos, a animais de estimação ou bens.*” O agressor pode fazê-lo através de palavras, olhares, expressões faciais, gestos que são explícitos ou mexer em objetos que intimidam a vítima. O agressor pode também ameaçar causar lesões ou a morte à vítima, filhos ou familiares da mesma, que se suicida caso esta o abandone ou recorrer aos filhos, impondo o poder. Às vezes o agressor consegue levar a vítima à prática de condutas ilícitas, conseguindo manter a vítima sobre o seu controlo.

A **violência física** consiste no uso da força física com o objetivo de causar dano físico deixando marcas evidentes;

O **isolamento social** “*resulta das estratégias implementadas pelo agressor para afastar a vítima da sua rede social e familiar, dado que uma vítima isolada é mais facilmente manipulável e controlável do que uma vítima com uma boa rede de apoio familiar e social. (...)*” Esta estratégia tem como objetivo proibir a vítima de se ausentar de casa sozinha ou sem o consentimento do agressor, proibindo-a de ir trabalhar, afastando-a do convívio com a família ou amigos, seja por manipulação ou por ameaça. (Manita; Ribeiro & Peixoto; 2009: 16 à 19)

O **abuso económico** está “*associado frequentemente ao isolamento social, é uma forma de controlo através do qual o agressor nega à vítima o acesso a dinheiro ou bens, incluindo, muitas vezes, bens de necessidade básica para esta e para os seus filhos (...)*”.

A **violência sexual** que consiste na imposição de práticas de cariz sexual contra a vontade do outro, recorrendo a ameaças ou até à força física. (Manita; Ribeiro & Peixoto; 2009). Por ultimo o “**stalking**”, segundo a APAV consiste num comportamento que intimide ou aterrorize o outro, por exemplo, seguir o companheiro(a) para o local de trabalho.

## **1.2. Violência sob a criança e o jovem em contexto familiar**

O fenómeno da violência e dos maus tratos no seio familiar começou a ser considerado como um grave problema social há algumas décadas. Em 1874 com o caso de Mary Ellen, uma rapariga vítima de maus tratos, reconheceu-se pela primeira vez esta problemática. Nesta sequência, em New York, fundou-se a “*society for prevention for cruelty to children*”. Após alguns anos criaram-se sociedades “*anglo-saxónicas homógas*”, ou seja, criaram-se associações que começaram a trabalhar este tipo de problemática, assim, começou a existir uma sensibilidade pública face às crianças que sofrem de maus tratos, surgindo leis de proteção à infância. (Magalhães, 2005:28)

A segunda guerra mundial, devido às atrocidades cometidas contra as crianças e ao elevado nº de órfãos e crianças deslocadas pela guerra, veio reforçar ainda mais esta problemática e a sensibilidade pública, criando-se organismos como a United Nations International Children’s Emergency Fund; fundo internacional de socorro à infância (UNICEF) em 1947. No ano seguinte, aprovou-se a “*Declaração Universal dos Direitos Humanos*” e em 1959 a “*Assembleia Geral das Nações Unidas*” com a aprovação da “*Declaração dos Direitos da Criança*”. (Magalhães, 2005:28)

O diagnóstico frequente de crianças vítimas de violência pelos seus progenitores nos serviços de pediatria era elevado, por isso os médicos foram os primeiros a fazer as denúncias.

Neste seguimento, H. Kempe iniciou a expressão “*battered child*”, publicando um artigo no “*Journal of the American Medical Association*”, sobre a operacionalização do “*Síndrome da Criança Batida*” (GALLARDO; 1994), referindo-se ao abuso físico, possibilitando um olhar sobre esta problemática como um quadro clínico autónomo.

Esta publicação teve um impacto elevado, surgindo propostas legislativas que impunham que se denunciasse qualquer suspeita de maus tratos.

Segundo Bastos & Veiga (2016) em Portugal a Convenção das nações unidas sobre o direito das crianças (CDC) foi adotada pela Assembleia Geral das Nações Unidas a 20 de Novembro de 1989, sendo ratificada por Portugal a 21 de Setembro de 1990, estipulando no artigo 19º “*Os Estados Partes tomam todas as medidas legislativas, administrativas, sociais e educativas adequadas à proteção da criança contra todas as formas de violência física ou mental, dano ou sevícia, abandono ou tratamento negligente, maus tratos ou exploração, incluindo a violência sexual, enquanto se encontrar sob a guarda de seus pais ou de um deles, dos representantes legais ou de qualquer outra pessoa a cuja guarda haja sido confiada*”.

A CDC tem como objetivo “*promover o desenvolvimento da criança e jovens*” (Bastos & Veiga; 2016:28). A convenção foca os direitos humanos das crianças, remetendo que estas têm os mesmos direitos que os adultos (direito à saúde, à educação, à proteção e à igualdade de oportunidades).

De acordo com a UNICEF, a convenção apresenta quatro pontos fulcrais:

- “***A não discriminação***” que remete para os direitos que as crianças têm para desenvolver todo o seu potencial.
- “***O interesse superior da criança***” é prioritário, deve-se ter em atenção as opiniões e as ações das crianças.
- “***A sobrevivência e desenvolvimento***” refere que é importante garantir o acesso a serviços básicos e à igualdade de oportunidades, para que as crianças se desenvolvam de forma plena.
- ***A opinião da criança*** salienta a voz das crianças. Estas devem ser ouvidas e envolvidas em todos os assuntos que se relacionem com os seus direitos. (UNICEF; 2017)

A convenção apresenta assim, 54 artigos, sendo estes divididos em quatro categorias (direitos à sobrevivência, ou seja, todas as crianças têm direito a cuidados adequados; direito à educação; direitos à proteção e direitos de participação).

Segundo a UNICEF a criança é “*todo o ser humano menor de 18 anos, salvo se, nos termos da lei que lhe for aplicável, atingir a maioridade mais cedo*”.

O art.º 130 do código civil refere que a maioridade em Portugal é atingida quando um indivíduo perfizer dezoito anos de idade, adquirindo as capacidades para exercer os seus direitos, a ser autónomo e a dispor dos seus bens.

### 1.2.1. Medidas de proteção da criança

Toda a criança para se desenvolver da forma mais saudável, necessita de cuidados por parte dos seus progenitores ou cuidadores. Quando estes cuidados começam a ser inexistentes ou insuficientes, estas crianças encontram-se numa situação de risco, porque ficam privadas das necessidades básicas (alimento, afeto, proteção, entre outros) que garantem o desenvolvimento “normal” da criança. *“A desvalorização que marca a auto percepção da criança que não tem garantidas estas condições básicas de desenvolvimento, influência, de forma negativa, o seu interesse e investimento no mundo que a rodeia. Há uma estagnação do desenvolvimento normal da sua personalidade.”* (Reis, 2009:116).

A 1 de Janeiro de 2001, uma nova lei de proteção de crianças e jovens em perigo entra em vigor, consagrando o princípio de subsidiariedade e a intervenção que deve ser executada pelas entidades com competência em matéria de infância e juventude (ECMIJ), pelas Comissões de proteção de crianças e jovens em perigo (CPCJ) e pelos tribunais. Este sistema pretende dar respostas a todas as crianças que cujas condições de vida não asseguram o seu desenvolvimento e que sofrem de maus tratos por parte dos familiares.

Pode-se definir assim, os maus tratos infantis como *“toda e qualquer ação ou omissão (dos pais ou substitutos), não acidental, que impeça ou ponha em perigo a segurança dos menores e a satisfação das suas necessidades físicas e psicológicas básicas.”* (Alarcão cit in Palácios; 2002: 301)

No código penal, nos artigos<sup>2</sup> 152º e 172º a 174º está expresso várias formas de maus tratos em crianças e jovens.

Artigo 152º – *“Maus tratos e infração das regras de segurança”*, refere que, quem estiver sob a guarda ou a cuidar da criança, tiver atos de maus tratos físicos, psicológicos a estiver a tratar de forma cruel, colocar a criança a exercer atividades

---

<sup>2</sup> Anexo 2 e 3- Artigo 152º e Artigo 172º

perigosas ou desumanas ou até mesmo a colocar em trabalhos excessivos, é punido a pena de prisão de 1 a 5 anos.

Artigo 172º - “*Abuso sexual de crianças*”, refere que, quem exercer atos sexuais com um menor ou levar este a praticar com outro indivíduo é condenado a pena de prisão de 1 a 8 anos. Os menores de 14 anos são protegidos contra a prática de relações sexuais, coito anal ou oral, caso esta lei seja contrariada, o indivíduo pode ser condenado a uma pena de prisão de 3 a 10 anos. Para, além disto, quem praticar atos sexuais exibicionistas, ter conversas obscenas, ou ser pornográfico e que o menor esteja a ser utilizado a participar em fotografias, filme ou gravações pornográficas que possam vir a ser usados é punido até 3 anos.

Artigo 173º- “*Atos sexuais com adolescentes*”, refere que, o indivíduo que abuse da inexperiência de um menor entre 14 a 16 anos na prática de relações sexuais, coito anal ou oral, é punido com pena de prisão até 2 anos ou com pena de multa até 240 dias.

## **2. O processo de desenvolvimento cognitivo da criança e as situações de risco ou perigo**

A criança quando nasce depende do ambiente que a rodeia para sobreviver. Esta relação com o meio é decisiva para a sua formação e desenvolvimento cognitivo tão importante nesta fase da vida.

O desenvolvimento cognitivo só se faz na relação do indivíduo com o meio social, envolvendo todos os aspetos da inteligência humana para interpretarmos e nos adaptarmos ao mundo. O desenvolvimento cognitivo é indissociável do meio social. Desta forma, este assenta no desenvolvimento biológico, sendo um processo ativo de interação contínua com o meio, em que o indivíduo se vai construindo através das interações com este.

*“Para compreendermos como as crianças adquirem conhecimentos, temos de compreender como a criança vai agir sobre o meio e o meio sobre ela ao longo dos anos. O conhecimento é construído através da interação criança-meio”.* (cit in Freitas, 2012:16)

Piaget interessou-se pelo desenvolvimento cognitivo da criança. Mas antes de passarmos à explicação deste, explicaremos o que significa “cognição”, sendo um conjunto de mecanismos cerebrais (pensamento, raciocínio, linguagem, memória, entre

outros) fundamentais para a obtenção de conhecimento sobre o mundo. Estes processos cognitivos são desenvolvidos desde a infância através da aprendizagem. Desta forma, Piaget definiu-o como uma “construção contínua, mas não linear”, ou seja, o desenvolvimento é contínuo, daí existir as fases do desenvolvimento que irei abordar mais à frente, mas este não é igual para todos. A passagem de um estágio para o outro desenvolve-se por etapas sucessivas, que Piaget designa como um processo de equilíbrio. *“O desenvolvimento psíquico (mental), que se inicia com o nascimento e termina na idade adulta é comparável ao crescimento orgânico: tal como este, consiste essencialmente numa marcha para o equilíbrio. Tal como o corpo está em evolução até um nível relativamente estável, caracterizando pelo termo do crescimento e maturidade dos órgãos, também a vida mental evolui em direção a uma forma de equilíbrio final representada pelo espírito adulto. O desenvolvimento é, portanto, em certo sentido, uma equilibração progressiva uma passagem perpétua de um estado menor de equilíbrio a um estado de equilíbrio superior”* (Piaget, 1983:11).

Para que este processo se realize é necessário dois elementos díspares: as estruturas, que definem como a nossa atividade mental está organizada e o funcionamento que é a passagem de um estágio para o outro através de um desequilíbrio, que irá restabelecer um novo equilíbrio. Ou seja, uma nova aprendizagem não se faz, segundo Piaget, sem que haja um conflito cognitivo. É preciso que a criança seja confrontada com um problema (para o qual necessita de respostas) – desequilíbrio das estruturas anteriores – para que evolua para um novo estágio. Só desta forma, existirá a passagem para novas etapas do desenvolvimento.

Piaget para explicar a “teoria cognitiva” definiu quatro estágios, sendo estes: o sensório-motor, pré-operatório, operatório concreto e operatório formal. Para explicá-lo definiu quatro estágios, sendo estes: o sensório-motor, pré-operatório, operatório concreto e operatório formal.

Para Piaget (1983) o **estágio sensório-motor** (do nascimento aos dois anos) está dividido em três substádios, sendo o primeiro o dos reflexos, das primeiras tendências instintivas e das primeiras emoções. O substádio dos primeiros hábitos motores, percepções organizadas e dos primeiros sentimentos diferenciados e o terceiro substádio, da inteligência sensório-motora, das regulações afetivas e das primeiras fixações exteriores da afetividade.

O **Estádio Pré-Operatório** (2 aos 7 anos) é o estágio da inteligência intuitiva, dos sentimentos interindividuais espontâneos e das relações sociais de submissão ao adulto.

O **Estádio das Operações Concretas** (7 aos 11-12 anos) refere-se ao início da lógica e dos sentimentos morais e sociais de cooperação.

O **Estádio das Operações Formais** (a partir dos 12 anos) incide no estágio das operações intelectuais abstratas, da formação da personalidade e da inserção afetiva e intelectual na sociedade dos adultos (adolescência).

Para além da importância do processo cognitivo no desenvolvimento da criança, é no processo de socialização que o indivíduo apreende os aspetos fundamentais para a vida, uma vez que assimila a cultura, as normas, os valores, as condutas e os padrões de comportamento do grupo social no qual está inserido. A socialização ocorre para todos os indivíduos e faz-se sentir durante toda a vida, desde o nascimento e até à morte.

### **2.1. A importância da socialização primária e secundária na construção do indivíduo**

A socialização primária e secundária são muito importante para o indivíduo. *“Cada indivíduo nasce numa estrutura social objetiva, dentro da qual encontra os outros significativos que se encarregam da sua socialização. Estes outros significativos são lhes impostos”* (Berger & Luckman; 1999: 139)

Para Berger & Luckman (1999), este processo de socialização começa pelas emoções na criança, não tendo esta capacidades para adquirir estruturas cognitivas nos primeiros anos de vida. Ela começa a aprender na base dos sentimentos, emoções, afetividade. O alicerce da estrutura desta criança será composto pela dimensão afetiva. Se o ambiente não for positivo, a criança vai interiorizar essas emoções, visto que a criança só conhece nesta fase o mundo de casa, interiorizando o que se vê, fazendo igual. A socialização primária opera nas emoções, a criança aprende e apreende através das emoções e é na base destas que a criança se constrói. Este processo de socialização começa a ser heterorganizada, ou seja, é organizado por diferentes pessoas e são estas que vão decidir o seu processo de aprendizagem.

A linguagem é o instrumento mais importante para a socialização. A família é a base das relações emocionais e educativas, que são fundamentais para a vida do

adolescente. É a família que constrói os alicerces da estrutura emocional de uma criança

Depois da infância, esta começa a ir à escola, mas os traços principais já estão adotados. Nesta fase ela vai começar a compreender os outros, a sociedade, mas também é nesta fase que a escola ensina determinadas coisas às crianças, diferentes das que ela aprende em casa, dando-se uma dissonância.

A socialização secundária é uma continuação das aprendizagens que as crianças/jovens fazem ao longo da sua vida. Este processo nunca acaba.

Esta socialização é muito mais frágil que a primária e não ocorre da mesma forma, ficando menos sedimentada que a primária. Assim, as aprendizagens não ocorrem com a mesma intensidade que na primária, quando nos recordamos de algo, foi porque algo nos marcou. Estas aprendizagens são frágeis, com facilidade são destruídas e é preciso alimentá-las. (Berger & Luckman; 1999)

### **3. Criança e jovem em risco e perigo**

Toda a criança para se desenvolver da forma mais saudável, necessita de cuidados por parte dos seus progenitores ou cuidadores. Quando estes cuidados começam a ser inexistentes ou insuficientes, estas crianças encontram-se numa situação de risco, porque ficam privadas das necessidades básicas (alimento, afeto, proteção, entre outros) que garantem o desenvolvimento “normal” da criança. (Reis, 2009:116).

Se um progenitor não der amor, atenção e não prestar os cuidados necessários para um crescimento saudável do seu filho, está a negligenciá-lo.

A negligência está associada à problemática dos maus tratos infantis, sendo identificada como “(...) *all forms of physical and emotional mistreatment, sexual abuse, neglect or negligent treatment of children, as well as to their commercial or other exploitation (...) resulting in actual or potencial harm to the child (...) in the context of a relationship of responsibility, trust or power.*” (World Health Organisation in World Report on Violence and Health, 2002: 1250).

Assim negligência, de acordo com Magalhães (2005: 32), pode ser “(...) *um comportamento regular de omissão, relativamente aos cuidados a ter com um menor, não lhe sendo proporcionada a satisfação das suas necessidades em termos de*

*cuidados básicos de higiene, alimentação, segurança, educação, saúde, afeto, estimulação e apoio.”.*

Uma criança encontra-se em “risco” segundo Reis (2009) quando a família a priva ou lhe omite a satisfação das necessidades básicas de natureza material ou afetiva. Esta criança ainda não se encontra numa situação indesejada, mas tem grandes possibilidades de a atingir no futuro

Mas mais grave que a negligência é quando os pais sujeitam os seus filhos a maus-tratos físicos, psicológicos ou a abusos sexuais. Uma criança encontra-se em “perigo” quando um indivíduo a coloca numa situação de limite que comprometa toda a sua integridade humana. O Artigo 20º (privação do meio familiar e proteção do Estado) diz que a *“criança privada do seu ambiente familiar tem direito à proteção e assistência especiais do Estado. As soluções alternativas, tais como o acolhimento familiar e em instituição devem ter em conta a necessidade de assegurar uma continuidade à educação da criança bem como a sua origem cultural, étnica, religiosa e linguística.”* Quando a criança é privada dos seus direitos, esta passa por problemas como o *“comprometimento à educação, prejudicar a sua saúde ou o seu desenvolvimento físico, mental, espiritual, moral ou social”* (UNICEF, 1990:37)

Este tipo de violência, pode ter consequências muito graves ao nível físico e grandes traumas psicológicos que marcarão a criança para toda a vida, e poderão até conduzir à morte. Quando isto acontece a família é o principal fator de risco para a criança.

As crianças que passam por situações de maus tratos físicos e psicológicos, normalmente apresentam um padrão de vinculação desorganizado. Transformam-se em crianças inseguras, desconfiadas, vivem no medo e não têm valorização pessoal. Este ambiente instável vai prejudicar no seu desenvolvimento integral, a nível cognitivo, comportamental, emocional, social e físico.

De acordo com Silva (2001) a **nível comportamental** a criança pode apresentar características de internalização (baixa autoestima, ansiedade, inibição e isolamento) e de externalização (desobediência, oposição, comportamento agressivo e delinquência, consumo de álcool e de drogas).

A **nível emocional** a criança pode vir a ter como características a raiva, vergonha, culpa, medo, menor capacidade de empatia, tristeza, choro e dificuldades em admitir emoções. (Silva:2001)

A **nível cognitivo** pode haver consequências que levam ao fraco rendimento escolar, dificuldades de concentração e de memória, atitudes associadas ao uso da violência e dificuldade em resolver problemas. (Silva:2001)

A **nível social**, podem ter dificuldades em produzir soluções para os problemas interpessoais, atribuindo a culpa a todas as pessoas em seu redor, não conseguindo superar nem os resolver internamente. (Silva:2001)

A criança, também, pode vir a sofrer de **PTSD (Perturbação de stress pós-traumático)**, e vir a ter pensamentos intrusivos, cansaço afetivo, hipervigilância, pesadelos e ativação fisiológica. (Silva:2001)

Por último, a **nível somático** podem vir a apresentar características, como dores de cabeça e de estômago, tensão facial, movimentos corporais tensos e problemas alimentares e de sono. (Silva:2001)

Estas crianças, assistirem a atos violentos na idade escolar (6-11 anos), pode ter consequências graves no comportamento. Neste estágio, a criança considera os seus pais como modelos de referência, aprendendo desta forma, que o uso da violência é a forma como se resolve os problemas existentes. Ao assistir a estas situações violentas, identificam o papel da mãe e o papel do pai, vindo a reproduzi-lo mais tarde.

Normalmente nestas situações, os rapazes reproduzem o papel do pai e as raparigas da mãe.

Se não houver uma intervenção junto das crianças, vítimas destas situações, elas poderão reproduzir estas vivências quando forem mais crescidas.

Quando a criança é privada dos seus direitos esta passa por problemas como o *“comprometimento à educação, prejudicar a sua saúde ou o seu desenvolvimento físico, mental, espiritual, moral ou social”* (UNICEF, 1990:37)

## II- Comunidade Cigana

### 1. História do povo cigano

Originário da Índia, o povo cigano começou a entrar na Europa por volta do século XII (Azevedo, 2013).

As primeiras notícias sobre a entrada deste povo em Portugal datam a segunda metade do séc. XV, num período de migrações constante. No séc. XVI começam a surgir referências a este povo, através de queixas, perseguições, expulsões e exclusões. O estado português, perante esta situação demonstrou uma atitude discriminatória, decretando leis que impediram a entrada do povo cigano e expulsando os que residiam no país. (Silva. M, Silva.S, Pinto.M, et al, 2014: 60/61)

A permanência do povo cigano em Portugal tem sido uma constante luta, este povo com uma cultura, valores e modos de vida diferentes da cultura local dificultaram sempre a sua inclusão. o que levou ao uso da força para a sua expulsão, chegando até à pena de morte (Caré. M cit in Cortesão, et al, 2010:26). Ocorreram castigos que incluíam o açoitamento em praça pública, a proibição do uso do traje e da língua, de exercerem as suas profissões e a separação forçada dos casais e dos filhos. (Caré. M, 2010:26)

A rejeição a este povo tem sido dominante nas relações entre estas populações e o seu meio ambiente, segundo Liégeois (2001) *“manifestando dificuldades de arranjar alojamento, precariedade na saúde, expulsão dos nómadas, proibição de acesso a lugares públicos, rejeição generalizada, criando tensões, gerando conflitos sobretudo em épocas de crise económica. Não será difícil concluir o necessário corolário decorrente destas atitudes de rejeição, condicionadoras de todo o conjunto ciganos e constrangimentos recíprocos, verificados na integração das crianças desta etnia na escola.”*

Nem mesmo após o 25 de Abril de 1974, com a implantação do regime democrático a situação de estereótipos sobre este povo se alterou, continuando a despertar medo e insegurança. (Caré. M, 2010:68)

Atualmente, os ciganos continuam a ser vistos de forma preconceituosa, despertando nas comunidades, sentimentos de insegurança e receio.

Estes encontram-se distribuídos por todo o país, estando mais concentrados em Lisboa, Setúbal, Porto, Guarda, Bragança e Faro (Azevedo, 2013).

### **1.1. A Etnia Cigana – Usos e Costumes**

O conceito da palavra etnia define-se como *“um grupo de indivíduos ligados por um complexo de caracteres comuns- antropológicas, linguísticas, político-históricas, etc.- cuja associação constitui um sistema próprio, uma estrutura essencialmente cultural: uma cultura”*. (Roland, B; 1996:11) A cultura é a partilha de valores, normas de um determinado grupo.

Os ciganos pertencem ao grupo Gitano (ibéricos) e falam o Caló, para além do Português e Espanhol. (Azevedo, 2013).

A comunidade cigana partilha normas e tradições que consideram ser suas, como uma forma de identificação. Assim podemos destacar traços culturais como:

- “A família é fundamental é ela que constrói os valores;
- O grupo é mais importante que o indivíduo;
- O respeito pelas pessoas mais velhas (faz com que exista uma influência nos mais jovens)
- Respeito pela palavra;
- Um dos valores primordiais é a hospitalidade, acolhimento e solidariedade da família alargada;
- O culto é uma importante manifestação religiosa, cada igreja tem um pastor, que é uma figura de grande influência para a comunidade.
- A proteção das raparigas solteiras, em relação à sua virgindade”. (Gitano; 2014:11-12)

Os comportamentos, pensamentos e atitudes da comunidade cigana são definidos pela “Lei Cigana”, sendo esta bastante rígida, definindo o que é correto ou errado. Esta é uma lei bastante particular que esta comunidade cumpre à regra, apesar de atualmente já ter sofrido alterações.

Esta lei foi criada pelos antepassados, não existindo nenhum documento que refira como é exatamente esta lei, esta foi passada de geração em geração sendo aceite e cumprida até a atualidade. (Pinto, M., 2000: 65,66)

Nesta lei a diferença entre géneros é muito marcada, a diferença entre o homem e a mulher é visível, tendo o homem uma série de privilégios a que a mulher não tem direito.

O autoritarismo exercido pelos homens sobre as mulheres é uma constante. Os homens não só mandam nas mulheres e tomam as decisões, como também os filhos estão sob a autoridade destes. (Silva; 2014:104)

Às mulheres é atribuído o papel centrado na maternidade e no cuidado das pessoas idosas. A mulher casada e com filhos tem o dever de cuidar do espaço doméstico, ou seja, das tarefas domésticas, da educação dos filhos, bem como, toda a gestão financeira, pois é esta que assegura a gestão do orçamento familiar, (compras, confeção de alimentos, pagamento das despesas gerais e parte do rendimento para despesas pessoais do marido. (Silva; 2014:104) Atualmente, esta gestão financeira já é realizada pelo marido e pela mulher.

O luto é um princípio da lei cigana, surge para mostrar aos vivos e à pessoa que faleceu a dor e a tristeza da sua partida. A morte é sentida e vivida de uma forma rígida, pode ir de um período de algumas semanas a anos, dependendo do grau de parentesco e da relação. Assim, privam-se do conforto, rejeitam a alegria, não participam em festas, casamentos, batizados, fazendo desaparecer todos os objetos que façam lembrar da pessoa que faleceu. Para a mulher o luto ainda é mais rígido. A mulher quando fica viúva tem de se vestir de preto até ao fim da sua vida, não vão a festas durante muitos anos, rapam o cabelo, não podem tirar fotos, nem ter mais nenhum companheiro, já o homem quando fica viúvo pode arranjar outra companheira. Se uma mulher arranjasse outro companheiro era mal vista pela comunidade, tendo até que ser expulsa desta. (Pinto, M., 2000: 56, 57)

Relativamente à situação conjugal, os ciganos casam ou vivem em união de facto desde uma idade muito precoce. Segundo o estudo de Pinto, M. (2000) as mulheres casam entre os 12 e os 14 anos. Os filhos depois de casados vão viver com os pais, já as raparigas casadas vivem com os pais do companheiro.

Casar é uma decisão mais coletiva do que individual, sendo um compromisso para toda a vida (Mendes, 2012).

Os filhos quando nascem têm de estar comprometidos, os pais escolhem a futura mulher ou marido. Atualmente esta regra já se modificou permitindo que os filhos escolham com quem querem casar. (Pinto, M., 2000: 66)

Em algumas famílias continua a existir a tradição de serem os pais a escolherem com quem os filhos vão casar, caso estes não queiram casar com a pessoa que lhe foi comprometida, podem recorrer à fuga. Desaparecendo o casal durante um período de algumas horas ou até mesmo dias, quando regressam podem ter o perdão dos pais, sendo reconhecidos como casal. (Pinto, M., 2000: 66)

A cerimónia é determinada por rituais que as famílias procuram respeitar. A festa de noivado costuma durar dois a três dias e para demonstrar estatuto social, mudam de roupa múltiplas vezes ao longo da mesma (Azevedo, 2013).

É raro existir separações nas relações conjugais do cigano, a não ser por caso de maus-tratos violentos e sucessivos à esposa ou, quando a esposa é infértil e o homem a repudia (Mendes, 2012).

## **1.2. A Etnia Cigana – Usos e Costumes**

O conceito da palavra etnia define-se como *“um grupo de indivíduos ligados por um complexo de caracteres comuns- antropológicas, linguísticas, político-históricas, etc.- cuja associação constitui um sistema próprio, uma estrutura essencialmente cultural: uma cultura”*. (Breton; s/d:11) A cultura é a partilha de valores, normas de um determinado grupo.

Os ciganos pertencem ao grupo Gitano (ibéricos) e falam o Caló, para além do Português e Espanhol. (Azevedo, 2013).

A comunidade cigana partilha normas e tradições que consideram ser suas, como uma forma de identificação. Assim podemos destacar traços culturais como:

- “A família é fundamental é ela que constrói os valores;
- O grupo é mais importante que o indivíduo;
- O respeito pelas pessoas mais velhas faz com que exista uma influência nos mais jovens;
- Respeito pela palavra;
- Um dos valores primordiais é a hospitalidade, acolhimento e solidariedade da família alargada;
- O culto (igreja evangélica) é uma importante manifestação religiosa, cada igreja tem um pastor, que é uma figura de grande influência para a comunidade.

- Um elemento importante para a comunidade cigana é o sistema simbólico. Ao papel da mulher atribuiu-se a função de cuidadora e transmissão dos valores;
- A proteção das raparigas solteiras, em relação à sua virgindade”. (Gitano; 2014:11-12)

Os comportamentos, pensamentos e atitudes da comunidade cigana são definidos pela “Lei Cigana”, sendo esta bastante rígida, definindo o que é correto ou errado. Esta é uma lei bastante particular que esta comunidade cumpre à regra, apesar de atualmente já ter sofrido alterações.

Esta lei foi criada pelos antepassados, não existindo nenhum documento que refira como é exatamente esta lei, esta foi passada de geração em geração sendo aceite e cumprida até a atualidade. (Pinto, M., 2000: 65,66)

Nesta lei a diferença entre géneros é muito marcada, a diferença entre o homem e a mulher é visível, tendo o homem uma série de privilégios que a mulher desconhece.

O autoritarismo exercido pelos homens às mulheres é uma constante. Os homens não só mandam nas mulheres e tomam as decisões, como também os filhos estão sob a autoridade destes. (Silva; 2014:104)

Às mulheres é atribuído o papel centrado na maternidade e no cuidado das pessoas idosas. A mulher casada e com filhos tem o dever de cuidar do espaço doméstico, ou seja, das tarefas domésticas, da educação dos filhos, bem como, toda a gestão financeira, pois é esta que assegura a subsistência da família. (Silva; 2014:104)

O luto é um princípio da lei cigana, surge para mostrar aos vivos e à pessoa que faleceu a dor e a tristeza da sua partida. A morte é sentida e vivida de uma forma rígida, pode ir de um período de algumas semanas a anos, dependendo do grau de parentesco e da relação. Assim, privam-se do conforto, rejeitam a alegria, não participam em festas, casamentos, batizados, fazendo desaparecer todos os objetos que façam lembrar da pessoa que faleceu. Para a mulher o luto ainda é mais rígido. A mulher quando fica viúva tem de se vestir de preto até ao fim da sua vida, não vão a festas durante muitos anos, rapam o cabelo, não podem tirar fotos, nem ter mais nenhum companheiro, já o homem quando fica viúvo pode arranjar outra companheira. Se uma mulher arranjasse outro companheiro era mal vista pela comunidade, tendo até que ser expulsa desta. (Pinto, M., 2000: 56, 57)

Relativamente à situação conjugal, os ciganos casam ou vivem em união de facto desde uma idade muito precoce. Segundo o estudo de Pinto, M. (2000) as mulheres casam entre os 12 e os 14 anos. Os filhos depois de casados vão viver com os pais, já as raparigas casadas vivem com os pais do companheiro.

Casar é uma decisão mais coletiva do que individual, sendo um compromisso para toda a vida (Mendes, 2012).

Os filhos quando nascem têm de estar comprometidos, os pais escolhem a futura mulher ou marido. Atualmente esta regra já se modificou permitindo que os filhos escolham com quem querem casar. (Pinto, M., 2000: 66)

Em algumas famílias continua a existir a tradição de serem os pais a escolherem com quem os filhos vão casar, caso estes não queiram casar com a pessoa que lhe foi comprometida, podem recorrer à fuga. Desaparecendo o casal durante um período de algumas horas ou até mesmo dias, quando regressam podem ter o perdão dos pais, sendo reconhecidos como casal. (Pinto, M., 2000: 66)

A cerimónia é determinada por rituais que as famílias procuram respeitar. A festa de noivado costuma durar dois a três dias e para demonstrar estatuto social, mudam de roupa múltiplas vezes ao longo da mesma (Azevedo, 2013).

É raro existir separações nas relações conjugais do cigano, a não ser por caso de maus-tratos violentos e sucessivos à esposa ou, quando a esposa é infértil e o homem a repudia (Mendes, 2012).

### **III- Metodologia de Investigação e Intervenção**

#### **1. Pergunta de partida e objetivos da intervenção**

Ao longo do trabalho realizado surgiram várias interrogações relacionadas com a etnia cigana. Porquê a violência entre a etnia cigana e outros grupos sociais? Em que medida o conceito de violência doméstica na etnia cigana se aproxima ou não do conceito de violência doméstica de outros grupos? Será que as crianças da etnia cigana têm padrões de comportamentos de violência diferentes das crianças e jovens de outros grupos? Podem considerar-se alguns costumes da etnia cigana como violência?

Estas questões surgiram no decorrer do estágio, à medida que fomos conhecendo a cultura cigana e os seus costumes e os modos de interação/ rejeição mútua entre as crianças ciganas e não ciganas.

No bairro do Contumil a Norte Vida é praticamente frequentada por crianças e jovens da cultura cigana, quem não pertence a esta etnia não é aceite, levando a que quem não seja cigano se afaste. Os pais de outros grupos não querem que os filhos se misturem com a cultura cigana.

O bairro do Lagarteiro é mais multicultural e o “pavilhão” onde estão as instalações da associação é frequentado por crianças ciganas e não ciganas.

Uma das situações que nos deparamos em ambos os bairros é a violência física e psicológica que existe entre as crianças e jovens. Esta foi uma questão que nos intrigou e daí o interesse em estudá-la.

Assim, definimos como objetivo principal: identificar o significado de violência para a cultura cigana. Como objetivos específicos: avaliar a possibilidade de construir uma tipologia de subcategorias de violência através da análise das práticas e representações dos entrevistados sobre a cultura cigana; compreender o conceito da violência na comunidade cigana em grupos de população residente nos bairros de Contumil e Lagarteiro.

Como a violência é algo que estes praticam regularmente sem terem noções de o estarem a fazer e das consequências que isso causa nos outros. É que os sujeitos percebam os diferentes tipos de violência e o que sentem os sujeitos vítimas desta.

A escolha destes objetivos partiu da necessidade de construir conhecimento sobre as representações deste grupo étnico sobre a violência. Esse conhecimento pode

vir a constituir-se como base de uma intervenção social para a mudança dessas mesmas representações com o objetivo de reduzir os fenómenos de violência.

Para que a intervenção social produza uma mudança é necessário conhecer modos de vida cultura e valores dos grupos. Este conhecimento é necessário para provocar uma reflexão que sempre tem que ser feita a partir das práticas e representações dos grupos. Por isso para quem estuda para intervir e estimular essa reflexão de uma forma pedagógica, implica um esforço de controlo do etnocentrismo. Para conseguir uma abordagem de investigação e simultaneamente pedagógica, é necessário partir da cultura e valores existentes, para sobre esse conhecimento desenvolver a reflexão e a mudança de atitudes e valores necessários à mudança.

Em síntese, este estudo tem, portanto, como finalidade servir de base a uma mudança social que reduza os fenómenos de violência e transformar o modo de estar e de interagir dos sujeitos nos contextos em que se cruzam.

## **2. Metodologia utilizada na intervenção**

Para realizar esta pesquisa escolhemos a metodologia da investigação-ação (I.A).

A abordagem da investigação-ação segundo Cohen e Manion cit in Bell (1993) lida com um problema em concreto referente a uma situação identificada e que exige um processo de mudança.

Todo o processo é controlado através da recolha de dados (questionários, diários, entrevistas, estudos de caso, etc), para que os resultados possam ser modificados, ajustados, de acordo com as necessidades e a avaliação que vai sendo feita do processo, com o objetivo de se obterem resultados a curto e longo prazo. É necessário que exista continuidade de forma a se reajustar as estratégias ao conhecimento que se vai construindo para melhorar continuamente as práticas desenvolvidas.

Na investigação-ação constroem-se as hipóteses a partir do conhecimento obtido no contexto da prática, ou seja, o investigador interventor formula objetivos e princípios a partir do problema e dos contextos que está a estudar e onde pretende intervir. A recolha de informação leva à revisão de hipóteses que podem conduzir a um aperfeiçoamento da ação. (Brown e Mcintryre cit in Bell; 1993:21)

A investigação-ação adapta-se às situações concretas onde existem problemas sobre os quais é preciso intervir com base no conhecimento que fundamenta a ação. Tem de ser planeada como qualquer outra investigação, de acordo com os métodos de recolha de dados que o investigador queira usar para recolher a informação desejada sobre os problemas e sobre os processos desenvolvidos.

É uma metodologia que dá ênfase à prática para a resolução de problemas.

A I.A apresenta quatro características específicas: situacional, interventiva, participativa e auto avaliativa. Situacional, porque tem por base um diagnóstico e a solução de um problema num contexto específico. Interventiva, porque não se baseia só a descrever um problema social, mas a intervir. Participativa, porque todos os intervenientes fazem parte da investigação, não se baseia só no investigador, mas sim por um investigador-coletivo. Auto avaliativa no sentido em que todas as modificações vão ser continuamente avaliadas, de forma a produzir novos conhecimentos, (Coutinho; 2014: 365:366).

A teoria e a prática estão interligadas nesta metodologia. Esta tem um triplo objetivo: produção do conhecimento; modificar a realidade e transformar pessoas. (Coutinho cit in Simões; 2014: 366).

Esta metodologia pretende alcançar mudança na prática, com o objetivo de conseguir melhores resultados na intervenção.

Para esta investigação ser realizada através deste método, o investigador tem de selecionar instrumentos para a recolha da informação.

## **2.1. Instrumentos utilizados para a recolha de dados**

As técnicas utilizadas para a intervenção foram: a revisão da literatura, observação não estruturada (observação participante), focos grupos e a entrevista.

A **revisão de literatura** permite obtermos um conhecimento mais abrangente sobre o fenómeno que pretendemos estudar a partir do conhecimento já construído sobre o fenómeno em estudo. Partir do que já se sabe sobre um determinado fenómeno, é a única forma de construir conhecimento, interpretar os fenómenos, planificar o caminho a seguir e implementar os métodos e técnicas ajustadas ao processo de investigação intervenção que vai realizar. (Coutinho; 2014:59). Vai igualmente potenciar a credibilidade da investigação e ajudar na elaboração de um

marco teórico que vai dar sentido às atividades e a todo o procedimento colocado em prática e aos resultados obtidos. (Coutinho; 2014: 60:61)

Segundo Coutinho (2014) *“O investigador pode ser visto como alguém que procura resolver problemas. Uma vez que o objetivo da investigação é aumentar a compreensão de um dado problema, o problema pode ser entendido como um obstáculo a ultrapassar (...)”*

A **observação não estruturada** refere-se ao investigador que vai para o terreno com um bloco de notas, retirando toda a informação possível sobre o que observou. A **observação** que realizamos foi **participante**, porque estivemos nos contextos dos Bairros, desenvolvemos atividades com as crianças, os jovens e as mulheres, como técnicos integrados da Associação Norte Vida.

Tivemos um papel ativo, e a nossa observação permitiu compreender o mundo dos indivíduos, visto que estivemos inseridos no mundo deles, observando-os e partilhando as mesmas experiências. (Hebert; Goyette e Boutin; 1990:155)

Foi a observação participante que permitiu elaborar registos no diário de campo, observar comportamentos, hábitos e aspetos culturais da comunidade cigana, o envolvimento da equipa técnica com as crianças e as famílias, a dinâmica dos bairros e o meio habitacional.

A **entrevista** foi uma técnica que optamos para recolher informações às mulheres da comunidade cigana. É uma técnica muito importante para a recolha de dados, pois fornece ao investigador uma interação com o entrevistado, possibilitando uma recolha de informação dirigida para os aspetos que pretendíamos conhecer de forma mais abrangente.

Segundo Powney e Watts cit in Hebert; Goyette e Boutin (1990) a entrevista pode ser dividida em duas categorias: entrevista orientada para a resposta e a entrevista orientada para a informação. Para a investigação utilizou-se a entrevista orientada para a informação, esta entrevista também pode ser intitulada como estruturada e tem como objetivo perceber o ponto de vista de uma pessoa ou de um grupo perante uma determinada situação em encontros face a face com os entrevistados, com o objetivo de perceber as suas vidas experiências, expressas com as palavras do entrevistado. (Coutinho cit in Taylor e Bogdan; 2014:141).

O **Focus Grupo** foi outra técnica de recolha de dados que utilizamos para conseguir obter informação por parte das crianças dos bairros do Lagarteiro e do Contumil.

Esta técnica é realizada a um grupo de pessoas e segundo Teddie e Tashakorri (cit in Coutinho; 2014) *“combina a entrevista e a observação (...) o investigador coloca aos entrevistados uma série de perguntas pré-determinadas- pelo simples facto de envolver um grupo, as interações que se estabelecem entre os participantes são uma importante fonte de informação para a colheita de dados”*.

Para que toda esta investigação seja realizada é necessário que o investigador consiga sentir o mundo afetivo, imaginário e cognitivo, para que consiga compreender atitudes, comportamentos, ideias, valores, mitos, etc. O investigador não pode julgar nem comparar, tem de ter a capacidade de ouvir e compreender mesmo que não se identifique com as opiniões ou atitudes. (Cancherini; 2010:6)

## **1. A escolha do grupo para a recolha de dados**

A recolha de dados iniciou em 2018, entre fevereiro e maio no bairro do Contumil e Lagarteiro com grupos de 8 pré-adolescentes com idades compreendidas entre os 8 e os 12 anos.

Os critérios de seleção passaram pela observação dos comportamentos destas crianças e jovens, percebendo assim, que as crianças com idades inferiores a 8 anos, não possuem ainda maturidade para abordarem temas mais específicos e que necessitam de reflexão, como o tema da violência exige. Estipulamos também que seria até aos 12 anos, porque é quase inexistente jovens com idades superiores a 12 anos frequentarem a Norte Vida, aparecendo muito esporadicamente a este local.

A partir das leituras realizadas fundamentamo-nos na teoria de Piaget sobre as fases do desenvolvimento, mais em concreto, no estágio operatório concreto (7-12 anos).

Neste estágio Piaget analisa os aspetos intelectuais e posteriormente os afetivos.

A criança começa a formular operações mentais, ou seja, a fazer raciocínios, resolver problemas, *“classificação múltipla, a reversibilidade, a seriação e a conservação, através dos quais pode mentalmente manipular símbolos de diferentes maneiras, passa a lidar com conceitos como os números e relações”* (Freitas, 2009:30).

A criança após os sete anos começa a cooperar, porque já não confunde o seu próprio ponto de vista com o dos outros. A linguagem egocêntrica passa a ser inexistente, a criança passa a valorizar o outro o que até agora isso não acontecia, esta gradualmente vai estruturar-se pela razão. *“A criança de sete anos começa a libertar-se do seu egocentrismo social e intelectual e assim se torna capaz de coordenações novas, que terão a maior importância para a inteligência e ao mesmo tempo para a afetividade.”* (Piaget, 1983:62).

Neste período existe uma lógica interna que consiste em solucionar problemas concretos, surgindo então, o pensamento lógico, sendo este mais flexível e eficaz.

Para além de nos fundamentarmos em Piaget, também nos fundamentamos em Bernestein e na sua teoria sobre os códigos linguísticos.

A linguagem é muito importante para o processo de comunicação e para a criação de laços sociais.

Segundo este autor existem dois códigos linguísticos: o restrito rege-se ao uso de vocabulário mais rígido e mais restrito, sendo a comunicação mais reduzida. O elaborado rege-se por vocabulário mais complexo e específico. (Narzetti, C. & Nobre, A.:2016).

Apesar das crianças e dos jovens apresentarem um vocabulário restrito, as crianças selecionadas já apresentam facilidade em expor a sua opinião sobre determinados assuntos, conseguindo estabelecer um diálogo.

O estudo não só incidiu nas crianças dos 8 aos 12 anos, como também nas mulheres da comunidade cigana com idades compreendidas entre os 27 e os 40 anos, residentes do bairro de Contumil.

Realizamos uma entrevista para perceber a visão destas sobre a violência e para conhecer e perceber um pouco mais sobre esta cultura.

O objetivo desta entrevista é compreender a visão de duas gerações diferentes e a influência que têm sobre os seus progenitores.

## **Parte IV- Enquadramento institucional**

### **1. Associação Norte Vida**

Em 1991, por iniciativa do Governador Civil do Porto e do Núcleo Distrital do Projeto Vida, criou-se uma Instituição Privada de Solidariedade Social (IPSS) denominada de Norte Vida -Associação para a Promoção da Saúde.

A Norte Vida é constituída por vários projetos e serviços como: Rede Local de Intervenção Social; Comunidade de Inserção/Área de Dia de Aldoar; Comunidade Terapêutica do Meilão; Equipa de Intervenção Direta – Porto Ocidental; Escola Profissional de Tecnologia Psicossocial do Porto; Equipa de Rua Oriental; Gabinete de Apoio – Casa da Vila Nova e Rotas com Vida. A estagiária integrou o projeto “Equipa de Rua Oriental”.

A Norte Vida - “Equipa de Rua Oriental”, está sediada na Rua Eng. Pedro Inácio Lopes, Bairro de Contumil, Bloco 13, Entrada 149 CE, 4350 – 259 Porto e funciona no seguinte horário: de segunda a quinta das 11h00 às 20h00; sexta das 9h00 às 18h30; Atividades lúdicas no Bairro de Contumil das 16h30 às 19h30 em horário letivo e das 14h30 às 16h30 em horário não letivo e atividades lúdicas no Bairro do Lagarteiro das 16h30 às 19h30 em horário letivo e das 14h30 às 16h30 em horário não letivo.

A Norte Vida - “Equipa de Rua Oriental” tem como objetivo principal intervir com crianças e jovens em situação de risco ambiental, residentes dos Bairros do Lagarteiro e de Contumil. Desenvolvendo assim, atividades lúdico-pedagógicas para as crianças e adolescentes que adotam a rua e os espaços públicos dos bairros como um espaço de vida e de aprendizagem, bem como na realização de apoios psicossociais junto das suas famílias.

A equipa também desenvolve estratégias comunitárias, considerando sempre as necessidades individuais e coletivas da população, dando-lhes ferramentas para serem os protagonistas da sua própria mudança, para conseguirem obter estilos de vida saudáveis, sucesso educativo e indo contra a tendência do absentismo escolar, abandono escolar e comportamentos desviantes.

### **1.1. Caracterização da “Casa do Gil” e do “Pavilhão”**

A “Casa do Gil” nome intitulado pelas crianças e jovens do Bairro do Contumil, sediada no Bairro do Contumil, é constituída por duas casas de banho, uma cozinha, uma sala de estudo, a sala dos pequenos (3 aos 5 anos), a sala de jogos e a sala principal.

O “pavilhão” sediado no Bairro do Lagarteiro, foi o espaço disponibilizado pela câmara à Norte Vida. Este espaço é constituído por uma sala de estudo, sala de atividades e uma casa de banho.

O espaço do apoio ao estudo da Norte Vida destina-se às crianças e jovens e tem como objetivo combater o insucesso escolar que em ambos os bairros (Lagarteiro e Contumil) é bastante elevado, fomentando o desenvolvimento pessoal e social das crianças e dos jovens. Este espaço pedagógico tem como ponto fulcral responder às necessidades e aos interesses de cada uma das crianças e jovens, respeitando sempre os ritmos de aprendizagem, envolvendo estes nas tomadas de decisões, ou seja, são as crianças e os jovens que vêm de forma voluntária para o apoio ao estudo, os técnicos da Norte Vida não os obrigam a fazer os trabalhos de casa ou a estudarem, cada um deles tem essa autonomia e responsabilidade.

Inicialmente esta sala de estudo não teve muito sucesso segundo os técnicos, mas cada vez mais tem vindo a crescer, pois as crianças e os jovens têm mostrado mais interesse em fazer os trabalhos de casa e em estudar. A sala de estudo funciona como um dispositivo de escuta onde crianças e jovens encontram um espaço onde podem falar à vontade sobre os seus problemas.

Muitos assuntos são abordados aqui nesta sala, a partir de temas que são escolhidos pelos jovens. Sendo este um espaço descontraído, é mais fácil colocarem dúvidas e questões que não se sentiriam tão à vontade para fazê-lo no âmbito da sala de aula.

### **1.2 Caracterização da equipa técnica**

A equipa de Rua Oriental da Associação Norte Vida, dispõe de um Psicólogo (Coordenador de Equipa); uma técnica de Serviço Social; um técnico Psicossocial; um ajudante de ocupação e um animador.

O psicólogo que é também o coordenador da equipa gere todo o funcionamento da Associação e tem como responsabilidade a supervisão dos outros profissionais.

Para além destas responsabilidades, é o responsável pelo apoio ao estudo e apoio psicológico das crianças e jovens que frequentam a associação.

A Assistente social elabora o diagnóstico social das crianças, jovens e respetivas famílias que frequentam a Associação. Estes diagnósticos são importantes para se fazer uma avaliação inicial sobre as famílias e das crianças e jovens e seus problemas e posteriormente atualizar essa informação que integra o processo de cada criança ou jovem.

- Permite conhecer os problemas de saúde que podem impedir os jovens e as crianças de participarem nas atividades propostas pelos animadores
- Identifica a situação profissional dos pais,
- Organiza e atualiza a situação escolar das crianças e jovens
- Informa sobre o contacto a fazer em caso de urgência

Segundo Amaro (2015) as fichas de identificação construídas a partir do diagnóstico são importantes *“para a qualidade de vida e êxito da sua execução, pois situa o profissional no universo e realidade do sujeito (...)”*.

Um dos procedimentos utilizados pela Assistente social são as visitas domiciliárias esta é *“um meio da qual o profissional se debruça sobre a realidade social com a intenção de a conhecer, descrever, compreender ou explicar. O seu diferencial em relação a outras técnicas é que tem por local de ação o meio social mais privativo (...) a sua casa ou local de domicílio (...)”* (Amaro; 2015:15) Ao fazer estas visitas a técnica resolve os problemas que são expostos pelas utentes.

O animador e o ajudante do animador organizam as atividades apresentadas diariamente às crianças e jovens que frequentam a Associação. As atividades são de cariz educativo, temático e preventivo.

Todos os técnicos fazem os registos das crianças e dos jovens que participam nas atividades propostas pelos animadores, no apoio ao estudo e que vão à escola. Estes registos são importantes para a contagem da segurança social, onde mensalmente são enviados para terem o conhecimento do número de crianças e jovens que tem acompanhamento por parte dos técnicos da Equipa de Rua Oriental.

Para, além disto, estes registos também são importantes para os técnicos identificarem qual a problemática a intervir.

Salientamos a partir da observação realizada que a equipa técnica funciona com um espírito de união e entreaduda numa perspetiva de inter e multidisciplinarietà. Observou-se ao longo dos meses de estágio, que o facto desta equipa ser tão acessível para as crianças e jovens e mesmo para com os profissionais que integram a Associação, proporciona um ambiente positivo para se trabalhar, onde se aceitam críticas e se aprendem com elas. A forma de se falar e o ambiente descontraído que esta associação tem, proporciona aos técnicos não terem medo de falhar e não terem medo de se expressar.

Os objetivos gerais da equipa técnica de Rua Oriental são: estudar o ambiente em que os sujeitos estão inseridos de forma a contextualizar o fenómeno do ponto de vista sócio espacial e ecológico; Promover o contacto e a ligação com as famílias e da comunidade tendo em vista a prevenção, o apoio e a resolução de problemas; Fazer a prevenção primária da toxicodependência e de comportamentos desviantes; Satisfazer as necessidades básicas de alimentação, higiene, saúde e vestuário; Encaminhar para as estruturas de rede existentes no sentido de promover a integração social e fazer a prevenção do contágio das doenças sexualmente transmissíveis.

### 1.3.Caracterização das crianças e jovens acompanhadas pela “Norte vida”

A Associação Norte vida acompanha no bairro do Contumil 53 crianças e jovens, com idades compreendidas entre os 3 e os 20 anos, sendo que, 30 são do sexo feminino e 23 do sexo masculino, predominado o grupo etário dos 7 aos 13 anos.

BAIRRO	GÉNERO			ESCOLARIDADE				REPROVAÇÕES				
	F	M	T	1º-9-ano	E.E	Pré	não frequenta	1x	2x	3X	>4X	s/reprovações
CONTUMIL	30	23	53	42	1	1	1	19	2	4	>4X	11
LAGARTEIRO	29	28	57	53		3	1	16	10	5	2	20

**Tabela 1-** Nível de escolaridade e de retenções das crianças/jovens do bairro de Contumil e Lagarteiro

No que diz respeito à escolaridade, tal como podemos analisar na tabela acima das 53 crianças e jovens, 42 estão a frequentar o ensino regular (1º ao 9º ano), 1 está no ensino especial, 9 estão na pré e 1 não frequenta.

Do 1º ao 4º ano as crianças e jovens frequentam a escola Básica de Montebello sediada no Porto, em Contumil e do 5º ao 9º ano frequentam a escola Básica Nicolau Nasoni também sediada em Contumil.

Das 42 crianças e jovens que frequentam o ensino regular, 19 já reprovaram de ano 1 vez, 6 já reprovaram 2 vezes, 4 já repetiram 3 vezes e 11 nunca reprovaram.

Como podemos verificar com estes dados, a maioria das crianças e jovens apresentam insucesso escolar.

Já no bairro do Lagarteiro a Norte Vida acompanha 57 crianças e jovens, com idades compreendidas entre os 5 e os 19 anos, sendo que, 29 são do sexo feminino e 28 do sexo masculino, predominado o grupo etário dos 7 aos 13 anos.

No que diz respeito à escolaridade, tal como podemos analisar na tabela 1, das 57 crianças e jovens, 53 estão a frequentar o ensino regular (1º ao 9º ano), 3 estão na pré e 1 não frequenta.

Do 1º ao 4º ano as crianças e jovens frequentam a escola Básica do Lagarteiro sediada no Porto, no Lagarteiro e do 5º ao 9º ano frequentam a escola Básica do Cerco, sediada no Porto no bairro do Cerco.

Das 53 crianças e jovens que frequentam o ensino regular, 16 já reprovaram de ano 1 vez, 10 já reprovaram 2 vezes, 5 já repetiram 3 vezes, 1 criança e jovem já repetiu 4 vezes, com 5 reprovações existe 1 criança/jovem e 20 nunca reprovaram.

Em ambos os bairros existem uma elevada taxa de insucesso escolar, um dos motivos, entre outros, é o excessivo número de faltas à escola., por motivos diversos tais como:- os pais não levam os filhos à escola quando acontece uma festa no bairro; quando os pais ou os filhos estão doentes; aos pais não lhes apetece levar os filhos naquele dia à escola ou alguém no bairro foi para o hospital.

A desmotivação pelo estudo também é uma das razões do insucesso escolar, o facto de os pais terem baixa escolaridade resulta na transmissão desses valores e ideais aos filhos.

Outro fator é a imposição cultural. a cultura cigana já como imposição as mulheres abandonaram a escola muito cedo, quando lhes aparece a primeira menstruação é sinal que são mulheres e acabam por sair da escola por imposição cultural, os rapazes apesar de poderem frequentar a escola por um período mais longo acabam por a abandonar antes da entrada para o ensino secundário.

Ao abordarmos com estas crianças e jovens o que queriam ser no futuro, tanto as raparigas como os rapazes pareciam formatados para dizerem a mesma resposta

como se não conhecessem outras profissões. As raparigas queria ser “manicuras, esteticistas ou cabeleireiras”, já os rapazes queriam ser “jogadores de futebol ou MC’s”.

Apesar de existir uma imposição cultural nas mulheres por terem que abandonar a escola, existem pais que querem que as filhas acabem o 9ºano ou o 12º ano, o que denota uma evolução desta cultura.

## **2. Contexto Habitacional**

A comunidade cigana habita normalmente nos bairros ou em acampamentos, que segundo as mulheres do bairro do Contumil estes estão a deixar de existir, centrando-se nos bairros sociais.

O bairro do Lagarteiro localiza-se na zona oriental da cidade do Porto, na proximidade do concelho de Gondomar e tem um total 24 edifícios. O bairro de Contumil, sediado na Freguesia de Campanhã é constituído por 254 fogos, distribuídos por 6 blocos.

Estas habitações são fornecidas pela câmara a indivíduos com baixos rendimentos. A maioria das famílias do bairro de Contumil e do Lagarteiro que a Norte Vida acompanha, está desempregada e recebem o RSI. No bairro do Lagarteiro há mais familiares empregados (27 familiares estão empregados) do que no bairro de Contumil (4 familiares estão empregados). O bairro do Lagarteiro é mais multicultural tendo as famílias mais interesse em trabalhar do que no bairro de Contumil que é maioritariamente habitado pela comunidade cigana, onde têm valores e princípios mais direcionados para as feiras e para a lida da casa.

As habitações são arrendadas com rendas muito acessíveis ou vendidas, tendo por base financiamento com crédito ou empréstimos de baixos juros. A renda destas habitações varia entre os 4 euros e os 115 euros quer no bairro do Lagarteiro, quer de Contumil.

A atribuição das casas no bairro de Contumil é feita pela Domus Social e no Lagarteiro pelo Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana (IHRU).

Segundo o Artigo 3.º do Regulamento dos concursos para atribuição de habitações sociais -“*A habitação a atribuir a cada agregado familiar será a adequada*”

*à satisfação das suas necessidades, não podendo ser atribuído a cada concorrente o direito ao arrendamento ou à propriedade de mais do que um fogo*". A câmara estabelece a tipologia habitacional mediante o número de indivíduos do agregado familiar. Se os filhos tiverem idades relativamente próximas, partilharão o quarto. Estas famílias podem demorar mais de um ano a ter estas habitações, tudo depende da urgência e das características que cada uma apresente.

Se a família tem menos possibilidades ou se há alteração do número de elementos na família, passam-nas para uma habitação de renda mais baixa ou para uma casa adaptada ao número de pessoas, para não haver sobrelotação. Também há mudanças de habitação sempre que seja necessária uma grande reparação.

### **2.1.O Bairro de Contumil e Lagarteiro**

No bairro de Contumil existem duas escolas, a Escola Básica de Montebello que se destina a crianças do pré-escolar e do 1º ciclo e a Escola EB 2,3 Nicolau Nasoni, direcionada para o 2º e 3º ciclo.

Dentro do bairro existem cafés, campos de futebol, basquetebol, parque infantil, um jardim e acessibilidade a nível de transportes, existem paragens de autocarro dentro do bairro e o metro situava-se a 10 minutos a pé do bairro.

Um aspeto negativo deste bairro é a quantidade de lixo existente no chão, os moradores do bairro adquiriram um hábito de atirar o lixo para o chão, transmitindo o mesmo as crianças e jovens. Este é um dos aspetos que sentimos mais dificuldade de mudar nas crianças/jovens, mesmo ensinando-lhes a reciclagem, e dentro da própria associação existem inúmeros caixotes do lixo, estas preferiam sempre deitar no chão.

Ao realizar-se entrevistas a sete mulheres deste bairro, todas tinham queixas sobre a sua habitação. A maioria referiu que o espaço era pequeno, outras queixas apontadas foram a humidade e o chão levantado.

*"A casa é muito pequena, somos sete pessoas a viver num T2".*

(Excerto da entrevista, 23/01/2019, entrevistada 5)

Apesar destas queixas, só uma entrevistada é que gostava de sair do bairro referindo que:

*“ (...) gosto da minha casa não digo que não, mas se tivesse que sair dali saia”.*

(Excerto da entrevista, 17/01/2019, entrevistada 4)

As restantes moradoras dizem que gostam muito de morar no bairro de Contumil, devido à união que existe e ao bom relacionamento entre todos os moradores.

*“Damo-nos todos bem, não estamos sozinhas, saímos na rua e falamos com pessoas, somos unidos. O problema é que aqui não há muita privacidade, tudo se sabe aqui. No lagarteiro eles são mais fechados, não há esta união.”*

(Excerto da entrevista, 14/03/2018, entrevistada 2)

No bairro do Lagarteiro existe a Escola EB1/JI do Lagarteiro, sediado no meio do bairro e destina-se a crianças que frequentam a pré-escolar e o 1º ciclo.

Este bairro também dispõe de um centro social “Obra Diocesana” na área de infância, das valências de creche, pré-escolar, centro de atividades de tempos livres (CATL) e serviço de Apoio Domiciliário (SAD).

Dentro do bairro existem cafés, um pavilhão desportivo, um campo de futebol, jardim e acessibilidade a nível de transportes, as paragens de autocarro estão sediadas dentro do bairro.

Tal como no bairro de Contumil, também é visível a quantidade de lixo existente no chão não só do bairro, mas dos próprios prédios, onde as escadas estão imundas de lixo e sujidade.

Uma das diferenças entre os bairros é a nível da relacional entre os moradores. No bairro de Contumil denota-se uma união entre todos, a entreajudada é evidente. O bairro literalmente pára quando alguém vai para o hospital, todos ficam preocupados com a pessoa que foi hospitalizada querendo ajudar ao máximo a família da pessoa em questão. Esta é uma das particularidades da comunidade cigana.

No bairro do Lagarteiro o nível relacional é mais individualizado, cada um tem a sua vida, não existindo muito entreajudada e mais conflitos. Quando existem conflitos,

as ameaças são recorrentes, na maioria das vezes, recorrem ao uso da força física, tendo de ser necessário a intervenção da polícia.

Em ambos os bairros (Contumil e Lagarteiro) é possível observar uma concentração de várias famílias, primos, avós, irmãos, todos habitam no mesmo sítio, mas em casas diferentes.

As festas são algo dominante nos bairros por parte da cultura cigana, todos se reúnem no mesmo espaço, dançando e cantando até à madrugada

Antigamente a comunidade cigana vivia em acampamentos, atualmente já têm habitações próprias, na maioria das vezes, habitações em bairros sociais. (Mendes, Megano & Candeia cit in Guerra, 2014:86).

### **3. A “Lei Cigana” ser mulher na comunidade cigana**

#### **3.1. A comunidade vista pelas mulheres**

Realizou-se entrevistas a sete<sup>3</sup> mulheres do bairro do Contumil e utilizou a metodologia do focus grupos com crianças e jovens dos bairros do Contumil e Lagarteiro. O guião da entrevista era composto por 3 partes, a primeira parte com sete perguntas, a segunda com três e a terceira por seis, sendo analisado as variáveis/ perguntas ao longo deste capítulo

---

<sup>3</sup> Anexo 6 e 7- Consentimento informado e entrevistas às sete mulheres ciganas

## Guião da entrevista

### Caracterização da população cigana

1. Quais são as características mais distintivas da comunidade cigana?
2. Qual o papel da mulher na comunidade cigana?
3. Como é vista a mulher pelo homem cigano?
4. Acha que a população cigana é muito diferente da não cigana?
- 4.1 Se sim, em que aspetos é que se distingue da não cigana?
5. A comunidade cigana tem mudado nas últimas décadas? Que mudanças ocorreram?
6. Pode explicar a lei cigana?

### Caracterização habitacional

1. Gosta de residir no bairro? Porquê?
2. Salienta algum problema no seu alojamento? Qual?
3. Como é a relação dos moradores do bairro?

### Relação familiar

1. Como descreve o conceito de violência?
2. Como é a relação entre o homem e a mulher da cultura cigana? Na cultura portuguesa existem muitos casos de violência doméstica, na cultura cigana também acontece isto?
3. Suponhamos que era vítima de maus tratos ou conhecia alguém que era, o que faria nessa situação?
4. Alguma vez os seus filhos foram violentos para alguém na escola? Se sim como reagiu e o que fez?
5. Qual é a sua opinião sobre esta afirmação “quanto mais me bates mais eu gosto de ti”
6. Qual é a sua opinião sobre esta afirmação “é normal os casais gritarem”

Figura 1- Guião da entrevista

Análise das entrevistas							
Descrição Código	Entrevista da 1	Entrevista da 2	Entrevista da 3	Entrevista da 4 (mulher cigana que casou com um homem não cigano)	Entrevista da 5 (homem cigano que casou com uma mulher não cigana)	Entrevista da 6	Entrevista da 7
<b>Caraterísticas distintivas da comunidade de cigana</b>	Luto; casamento; diferenças entre homem e mulher	Casamento ; educação; liberdade	Casamento; união	Emprego; escola; poder do homem	União; casamento	Casamento; escola	Lida doméstica; respeito pelos homens
<b>Papel da mulher na comunidade de cigana</b>	Lida doméstica; poder do homem	Lida doméstica; cuidadoras do marido e filhos	Lida doméstica; cria os filhos; gere vida financeira	Lida doméstica; cuidadoras do marido e filhos; trabalho	Lida doméstica; Gere vida financeira	Lida doméstica;	Lida doméstica; cuidadoras dos filhos; feira
<b>De que forma é vista a mulher cigana pelo homem</b>	Valor; respeito; obediência	Escrava	Valor; fazem tudo	Trabalhar; o homem não faz nada	Fundamentais para a família	Responsáveis por tudo	Donas de casa
<b>Diferenças entre a cultura cigana e a não cigana</b>	Liberdade; escola; casamento	Trabalho; discriminação	Discriminação; vestuário; casamento; virgindade	Liberdade	Luto	Não existe	Traições; escola; tradições; hierarquia
<b>Mudanças ocorridas na comunidade de cigana nas últimas décadas</b>	Casamento; submissão; carta de condução; vestuário	Carta de condução; vestuário; liberdade; casar com pessoas de outra cultura	Carta de condução; vestuário; independência; educação	Casar com pessoas de outra cultura; tatuagens	Casar com pessoas de outra cultura; escola; trabalho	Casamento; trabalho	Carta de condução; vestuário; noivado; respeito
<b>Lei cigana</b>	Luto; trabalho	Casamento ; diferença entre homem e mulher	Casamento; virgindade; dependência do homem	Virgindade	Luto; traições; cigano da lei	Respeito aos idosos; cigano da lei; tribunal	Escola; obediência aos homens; justiça cigana
<b>Descrição do bairro</b>	União	União; não há privacidade	Não há discriminação	Queria sair do bairro	Calmo; união	União	Relação com os vizinhos é boa
<b>Problemas no alojamento</b>	Humidade	Casa pequena	Casa pequena	Casa pequena	Casa pequena	Casa pequena	Casa velha, chão levantado
<b>Relação com os moradores</b>	Bom relacionamento	União	Bom relacionamento	Pessoas mesquinhas	Bom relacionamento	Bom relacionamento	Bom relacionamento
<b>Conceito de violência</b>	Bater; psicológico	Bater; palavras	Verbal; psicológico; físico	Bater; psicológico; tratar mal	Bater; verbal	Bater	Bater; palavras; a mulher ser escrava

<b>Existência de violência doméstica na Comunidade cigana</b>	Violência não é um crime; não fazemos queixa; batem porque bebem; cigano da lei	Há homens que batem nas mulheres	Há de tudo um pouco; não fazemos queixa à polícia; cigano da lei; mulher mal vista	As mulheres encobrem a violência	Há de tudo um pouco; cigano contra a violência	Existe em todas as etnias	Chamo a polícia; existe muita violência; não vejo mal o meu marido dar-me uma chapada na cara
<b>O que faria se conhecesse ou fosse uma vítima</b>	Ralhava; não fazia queixa, quem faz fica sem os filhos	Não ia à polícia; queixa ao sogro	Pedia ajuda ao cigano mais velho	Chamava a polícia, mas os ciganos não o podem fazer	Só se estivesse no limite é que denunciava	Separava-me	Ajudava; não chamava a polícia
<b>O que fez ou fazia se o seu filho fosse violento na escola</b>	Ralhava; se lhe batessem para bater também	Ralhava	Castigo	Os meus filhos são mal tratados na escola e têm de se defender	Nunca foram violentos	Castigo	Castigo
<b>“Quanto mais me bates mais eu gosto de ti!”</b>	Não vale a pena bater	Não concordo com esta afirmação	Não faz sentido bater	Na lei cigana isto aplica-se	O amor fala mais alto e aceita-se	É o amor	Não adianta denunciar para depois ficar tudo bem
<b>“É normal os casais gritarem”</b>	Sim, eu também o faço	Sim, é normal, eu faço	Às vezes no meio de uma discussão	Mais ou menos, não gosto que me ouçam	Sim, é normal	Não, tem que se falar calmamente	É normal
<b>Tabela 2-Análise das entrevistas</b>							

### 1.1.1. Casamento

Esta lei foi criada pelos antepassados, não existindo nenhum documento que refira como é exatamente esta lei, desta forma, a estagiária recorreu a entrevistas a mulheres da comunidade cigana do bairro do Contumil para perceber como funciona esta lei.

Uma das regras existentes é em relação ao casamento, os filhos quando nascem têm de estar comprometidos, os pais escolhem a futura mulher ou marido. Atualmente esta regra já se modificou permitindo que os filhos escolham com quem querem casar

*“os meus três filhos não têm noiva, o meu sogro ainda pôs o meu filho mais velho noivo, mas o meu marido disse que não queria noivos na casa, que*

*eles escolhem quem quiser, seja cigana ou não cigana, para mim é igual”*

(Excerto da entrevista, 17/01/2019, entrevistada 7)

Em algumas famílias continua a existir a tradição de serem os pais a escolherem com quem os filhos vão casar, caso estes não queiram casar com a pessoa que lhe foi comprometida, podem recorrer à fuga. Desaparecendo o casal durante um período de algumas horas ou até mesmo dias, quando regressam podem ter o perdão dos pais, sendo reconhecidos como casal. (Pinto, M., 2000: 66)

Estagiária: *“O que está a acontecer, porque é que está o bairro inteiro na rua reunido?”*

Técnica: *“Foi um casal que fugiu, quando os casais de namorados não são aceites fogem. Acontece algumas vezes, mas depois voltam”.*

(excerto da nota de campo, 4/12/2017: Bairro do Lagarteiro)

Quando existe o casamento, as raparigas obrigatoriamente têm de ir virgens e realizar o teste da virgindade.

*“a mulher tem que casar virgem, na hora de casar as pessoas mais velhas têm de ver se ela é virgem ou não”*

(excerto da entrevista, 14/03/2018, entrevistada 2)

Este teste é realizado por uma pessoa mais velha numa sala isolada e consiste na colocação de um pano branco pela vagina da rapariga até ela sangrar. Quando ela sangra mostra-se o lenço ao noivo e aos convidados, mostrando que a rapariga é pura e digna para casar.

Estagiária: *“Como funciona o teste da virgindade?”*

Mulher cigana do bairro de Contumil: *“paíiii, então a rapariga vai para uma sala com uma mulher mais velha, ela mete-lhe os dedos com um pano branco e enfia aquilo com força para a rapariga sangrar”*

Estagiária: *“E se não sangrar? Há raparigas que não sangram quando perdem a virgindade.*

Mulher cigana do Bairro de Contumil: *“vaia, mas é obrigatório sangrar, tem que sangrar.”*

(excerto da nota de campo, 3/01/2018)

Ao abordar-se esta questão na atividade “Como se sente uma vítima”<sup>4</sup> realizada no bairro do Lagarteiro e Contumil, uma das raparigas do bairro do Lagarteiro muito revoltada referiu:

*“O teste da virgindade é sagrado, é pior perder a virgindade com um homem a pôr-nos a sua coisinha lá dentro, do que ser uma mulher a pôr-nos os dedos até sangrarmos, pois isso é sinal de que somos puras e isso tem muito valor.”*

(excerto da resposta a atividade nº2, 27/02/2018: criança 10 anos)

O teste da virgindade já está muito incutido nas crianças e nos jovens desde muito cedo, ao longo do estágio muitas conversas sobre este tema iam surgindo, não só sobre o teste e de como se sentiam, como da curiosidade que estes tinham em perceber como as “senhoras” perdiam a virgindade e tinham várias relações com homens diferentes, visto que na cultura deles era diferente.

*“Eu sei que o teste da virgindade dói, e tenho medo, a minha irmã já fez e diz que doeu”*

(excerto da nota de campo, 22/02/2018: criança 8 anos)

*“eu também tenho medo, mas tenho que fazer, para mostrar que sou pura”*

(excerto da nota de campo, 22/02/2018: criança 9 anos)

---

<sup>4</sup> Anexo 5- Recolha de informação do focus grupos

*“Os senhores não são puros, vocês andam com muitos homens, não quero imaginar o que é meter a coisa dele lá dentro, deve doer mais que nos porem os dedos, que horror”*

(excerto da nota de campo, 22/02/2018: criança 8 anos)

Os jovens após casarem (menores de idade e sem rendimentos), devido às tradições da cultura cigana, não dispõem de outros espaços de habitação e acabam por ficar na casa dos pais. Tipicamente vão para casa dos pais do jovem, uma vez que o homem é a figura dominante. (Mendes, Megano & Candeia, 2014: 83)

### **1.1.2. Género**

A família é a base da comunidade cigana, existem vínculos por relações de parentesco e por convivência, onde a base é o apoio e a solidariedade.

Nesta comunidade existem duas variáveis que têm forte influência nas relações de poder, a idade e o sexo. As pessoas com mais idade, ou seja, os idosos, exercem autoridade sobre os mais jovens, e o sexo masculino exerce sobre as mulheres. (Gitano; 2014:21)

A diferença entre o homem e a mulher é visível, tendo o homem uma série de privilégios que não são reconhecidos como direitos das mulheres.

O autoritarismo exercido pelos homens às mulheres é uma constante. Os homens não só mandam nas mulheres e tomam as decisões, como também os filhos estão sob a autoridade deste.

*“O homem manda em tudo a mulher não manda em nada, nós somos submissas ao marido. Se o marido disser “não veste aquela calça, não veste aquela camisola” nós não vestimos. O meu caso, como casei com um não cigano ele não manda em mim, mas se ele fosse cigano tinha de obedecer.”*

(Excerto da entrevista, 17/01/2019, entrevistada 4)

Quando questionamos as mulheres ciganas sobre a visão que o homem tinha sobre elas as respostas não variaram muito.

*“Uma escrava, porque temos que fazer tudo, eles trabalham nas feiras e até podem ter outros negócios, eles arranjam sempre negócios, mas nós normalmente levamos tudo às costas, nós preocupamo-nos mais com a vida.”*

(Excerto da entrevista, 14/03/2018, entrevistada 2)

*“Dão muito valor as mulheres, os homens para a comunidade são os principais, mas para mim nós é que somos, porque sem nós eles não conseguem fazer nada, nós é que fazemos tudo”.*

(Excerto da entrevista, 14/03/2018, entrevistada 3)

*“O homem não faz nada, encosta-se ali e ali ficou, não é como a mulher que tem que trabalhar, o homem não é nada, só gere o dinheiro”.*

(Excerto da entrevista, 17/01/2019, entrevistada 4)

*“A mulher é que é responsável por tudo (...)”.*

(Excerto da entrevista, 23/01/2019, entrevistada 6)

Através destas respostas, podemos perceber que a mulher tem o papel principal na família, este é definido na comunidade cigana. O homem trabalha nas feiras, mas a mulher é que é responsável por tudo o resto, não só por cuidar dos filhos como também do marido.

Ao longo do estágio observamos a diferença entre o papel do homem e da mulher cigana, por exemplo, quando existem visitas de estudo na escola, se a mãe permitir a filha/o ir e o pai não autorizar, a palavra do pai é que conta e da mãe não é valorizada.

Às mulheres é atribuído o papel centrado na maternidade e no cuidado das pessoas idosas.

A mulher casada e com filhos tem o dever de cuidar do espaço doméstico, ou seja, das tarefas domésticas, da educação dos filhos, bem como, toda a gestão financeira, pois é esta que assegura a subsistência da família. (Silva; 2014:104) Atualmente a gestão financeira é assegurada pelos homens e pelas mulheres.

Segundo as entrevistas às mulheres da comunidade cigana sobre o seu papel nesta comunidade, todas responderam o mesmo, que são responsáveis pela lida doméstica, cuidar dos filhos e do marido.

*“Temos que manter a ordem em casa, o que homem diz para fazermos é para o fazermos e a gente às vezes também não concorda, nós dirigimos a vida e eles é que comandam”.*

(Excerto da entrevista, 15/02/2018, entrevistada 1)

*“A mulher tem que arrumar, lavar loiça, tudo o que diz respeito à casa ela tem que fazer, arrumar os filhos, olhar pelo marido, ir trabalhar para as feiras, o marido conduzir a carrinha e ele vender, mas quem grita quem põe as coisas é a mulher.”*

(Excerto da entrevista, 17/01/2019, entrevistada 4)

*“O papel da mulher é fundamental, nós temos mais cabeça que os homens. A mulher cuida da casa, dos filhos, o homem trabalha, mas a mulher gere o dinheiro”.*

(Excerto da entrevista, 23/01/2019, entrevistada 5)

Antigamente as mulheres não podiam trabalhar sem ser nas feiras, nem podiam conduzir. Hoje já existe uma pequena evolução, já se permite que a mulher trabalhe em casa de “senhores” e que tire a carta de condução.

Ao entrevistarmos as mulheres desta cultura, tentou-se perceber quais as mudanças ocorridas ao longo dos anos. Várias mudanças foram surgindo, mas o casamento com a mulher virgem é algo que ainda se mantém e que não irá mudar tão cedo.

*“Casamento, antes casavam com o marido e era até a morte, agora não, mantinha-se aquele respeito, ele podia ser vadio, alcoólico, espancá-la, elas aguentavam e agora não. As mães querem dar mais liberdade e depois ficam faladas porque querem. A carta da condução também, agora as mulheres já*

*podem tirar. A roupa agora até já está demais, vestem mini saís, calças, tops, antes isto não acontecia.”*

(Excerto da entrevista, 15/02/2018, entrevistada 1)

*“A mulher é mais independente, eu sempre fiz o que quis, o meu marido nunca me restringiu, mas os meus antepassados não havia mulheres com carta de condução, as vestimentas mudaram muito, agora as raparigas novas vestem tops curtos e calções e no tempo da minha avó não era assim, não se podia usar roupas curtas, na praia ainda usamos fatos de banhos com calções, não podemos usar biquíni, só até aos 12 anos, quando ainda não são mulheres. A nível da educação também já evoluiu, eu só fui até ao 7º ano e a minha irmã agora vão até ao 10º ano. Se as minhas filhas quiserem ir para a faculdade eu não me importo, mas lá está também temos que olhar para o pensamento dos ciganos, que normalmente elas perdem o respeito.*

(Excerto da entrevista, 14/03/2018, entrevistada 3)

*“Já mudou muito, ciganos casam com não ciganos, já se vem ciganos com tatuagens e as mulheres já usam calças. A tradição do casamento é que não muda, a tradição da virgindade, vai morrer com eles”.*

(Excerto da entrevista, 17/01/2019, entrevistada 4)

A mulher tem o papel de obedecer ao homem, e desde que nasceu sempre foi preparada para isso.

Numa atividade<sup>5</sup> desenvolvida com 10 crianças de ambos os bairros, em que o objetivo era expressarem através da arte o papel do homem e da mulher, todos responderam e desenharam o mesmo,

*“A mulher tem que obedecer ao homem, tratar dos filhos, da casa, das contas, já os homens são os chefes, passam o dia no sofá a ver televisão, dormir e nas feiras.”*

(Excerto das respostas da atividade nº4, 13/03/2018 e 14/03/2018 – raparigas do bairro do Lagarteiro e Contumil)

---

<sup>5</sup> Anexo 5- Informações recolhidas pelo Focus grupos

Quando se questionou se concordavam com o papel do homem e da mulher, todos responderam que concordavam e que não mudavam nada. As raparigas (8) concordam que o papel delas era fazer toda a lida doméstica, cuidar dos filhos e que o dos homens era para estarem no sofá, sem as ajudar, enquanto elas lidam com tudo, já os 2 rapazes responderam que:

*“Não vamos fazer nada em casa, que isso é o papel da mulher o nosso é mandar”.*

(Excerto das respostas da atividade nº4,13/03/2018 e 14/03/2018 – rapazes do bairro do Lagarteiro e Contumil)

Os papéis já estão muito vincados nestas crianças, não conseguem aceitar que os homens as podem ajudar nas lidas domésticas. Para estas *“os homens são dominantes”*.



**Figura 2-** Atividade papel do homem e da mulher na comunidade cigana

### **1.1.3. A postura da comunidade cigana perante a violência**

Entrevistamos sete mulheres ciganas sobre esta problemática com o objetivo de perceber qual a postura e o papel da mulher perante uma situação de violência.

De uma forma geral a definição de violência segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) (2006) é definida como *“o uso de força física ou poder, podendo este ser uma ameaça ou praticado, contra o próprio indivíduo, outra pessoa ou contra um grupo ou comunidade, da qual advenha o advém sofrimento, morte, dano psicológico, desenvolvimento prejudicado ou privação”*.

As mulheres entrevistadas definem a violência como sendo física e psicológica.

*“Para mim violência é bater, existe aquela que não é bater que ainda é pior que é o falar, palavras que ainda dói mais, ou seja, a psicológica, e o desprezo mata, mais que a porrada”.*

(Excerto da entrevista, 15/02/2018, entrevistada 1)

*“É uma coisa horrível, não devia de existir, devia de ser tudo paz, carinho e amor. Não gosto de ver ninguém a bater, fico maluca com isso. As palavras também são horríveis, prefiro levar uma chapada a me digam certas coisas. Em relação aos maridos prefiro que ele me de uma sapatada ou duas do que me diga certas coisas que diz. O marido pode dizer tudo à mulher e nós não podemos responder, porque nós não temos esse direito, eles são superiores e nós temos que ouvir e aceitar”.*

(Excerto da entrevista, 14/03/2018, entrevistada 2)

Segundo a Comissão de Proteção de Crianças e Jovens (CPCJ) o Bairro do Lagarteiro e Contumil sediados na cidade do Porto são dos bairros que apresentam mais sinalizações de risco em 2017, o Lagarteiro com 38 processos e o do Contumil com 17 processos. Estes processos referem-se à população em geral.

Percebemos que o tema “violência” é de certa forma escondido e evitado falar, não só com as mulheres e os homens, mas também com as crianças/jovens, que já estão educados sobre o que devem dizer ou não fora de casa.

Apesar da dificuldade que as pessoas têm em falar sobre este assunto, as sete entrevistadas dispuseram-se a falar, mostrando como a comunidade lida com esta problemática.

Existem mulheres na comunidade cigana que não veem a violência como um crime, mas sim como um aspeto cultural. Segundo a lei cigana quando existem casos de violência as mulheres não podem apresentar queixa à polícia. Nestas situações devem falar com o “cigano da lei” que é o homem da família mais velho e expor a situação. Se apresentarem queixa à polícia, a mulher é expulsa do bairro e da comunidade ficando sem os filhos.

*“Nós não consideramos a violência como um crime, mas isso não quer dizer que goste, existe imensos homens aqui que batem nas mulheres. Nós nunca*

*fazemos queixa à polícia, não podemos, porque isso quer dizer que queremos outro homem. Existem os nossos mais velhos para fazermos queixa e eles irem ralhar com eles. Às vezes resulta outras não. Eles batem porque estão bêbados ou porque nós os confrontamos com opiniões diferentes. Para a gente é mau, porque um homem pode dar uma chapada e um pontapé à mulher. Tem que se valorizar a mulher. (...) Ouve uma mulher que foi fazer queixa há polícia e que ficou sem o marido e sem os filhos pela lei cigana. O marido batia-lhe a ela e as crianças foram obrigadas a ficar com o pai na mesma”.*

(Excerto da entrevista, 15/02/2018, entrevistada 1)

*“Fazemos queixa ao sogro e assim, agora ir à polícia fazer queixa isso é horrível na nossa cultura, somos logo faladas, somos vistas como se fossemos umas pessoas horríveis.”*

(Excerto da entrevista, 14/03/2018, entrevistada 2)

*“Se houvesse alguém a sofrer de violência da cultura cigana, nós não podemos fazer queixa, pedimos ajuda a um cigano mais velho, que é chamado o cigano da lei.*

*Nós somos mal vistas se pedirmos ajuda e podemos causar vários problemas, só podemos mesmo pedir ao cigano da lei. Nós agora tivemos um caso de violência doméstica e ela chamou a polícia e o marido podia levar 10 anos de cadeia, mas ele não foi preso, mas teve que ficar separado da mulher e ela agora está mal vista”.*

(Excerto da entrevista, 14/03/2018, entrevistada 3)

*“Há muita violência na cultura cigana, as mulheres encobrem a violência por medo, porque se vai dizer ao sogro, fica sem os filhos, não é preciso ir a tribunal, é uma lei diferente da vossa.”*

(Excerto da entrevista, 17/01/2019, entrevistada 4)

A entrevistada 4 já sofreu de violência doméstica e a sua postura perante esta é diferente das outras seis. Isto porque casou com um homem não cigano e sente que pode aceder aos seus direitos enquanto mulher.

*“(...) eu já sofri de violência como sabem, eu estou sempre com um pé atrás agora. Ele sabe que tenho medo, e que se ele me tocar eu vou logo à polícia, mas se for a minha irmã a fazer isto e a chamar a polícia significa que já tem outro homem. A comunidade não vê isto como algo mau, vê só que ela tem outra pessoa. Se a minha cunhada levasse porrada do meu irmão eu dizia-lhe para ir à polícia, porque eu sei melhor que ninguém o que custa, mas para a minha mãe ou assim, isto significava que ela tinha algum homem. É uma vida complicada, a vida de cigana é complicada.”*

(Excerto da entrevista, 17/01/2019, entrevistada 4)

A entrevistada 5 não é cigana, mas casou com um homem desta cultura e tem uma opinião diferente acerca da violência referindo que:

*“O cigano é muito contra a violência, apesar de haver muitos casos de maridos a bater a mulheres, mas em relação a violações a crianças, o cigano é muito contra.”*

(Excerto da entrevista, 23/01/2019, entrevistada 5)

A entrevistada 6 apresenta uma opinião e uma atitude diferente das restantes perante a situação da violência.

*“Se fosse comigo, eu separava-me dele, não ia ficar a viver nestas condições ainda para mais tendo crianças a ver.”*

(Excerto da entrevista, 23/01/2019, entrevistada 6)

A posição das mulheres perante a violência é ficarem caladas e não poderem tomar nenhuma atitude devido à lei cigana. Existem mulheres que tomam atitudes diferentes, mas acabam por ser uma minoria.

As mulheres acabam por aceitar a violência e muitas vezes não percebem o quão grave esta é.

*“ (...) , outras vezes porque eles tiveram razão, porque a mulher disse alguma palavra que não devia, um estalo não mata ninguém, é como nos filhos, como não podemos dar um estalo nos nossos filhos? Eles não obedecem dou uma bofetada ou no cu ou na cara, não mata ninguém. (...). Se eu dissesse algo de errado ao meu marido e ele me desse uma bofetada na cara eu não acho que é assim uma coisa por aí fora, não digo aquelas porradas, com paus e vassouras até ter muito sangue, porque isso é um extremo. (...). Se eu dissesse ao meu marido que ele estava a mentir, o meu marido dava-me logo uma bofetada na boca, eu merecia.”*

(Excerto da entrevista, 17/01/2019, entrevistada 7)

A entrevistada 7 é uma das mulheres que segue muito a cultura cigana e os seus princípios. Relativizando a violência física que o marido exerce sobre ela, aceitando-a e falando desta situação como algo compreensível e aceitável.

As entrevistadas perante a afirmação “quanto mais me bates mais eu gosto de ti” tiveram respostas distintas, umas afirmaram o quão errada esta afirmação era e outras o quão fazível esta era.

*“Não concordo, porque o homem não pode bater à mulher nem a mulher ao homem.”*

(Excerto da entrevista, 14/03/2018, entrevistada 2)

*“ (...) não faz sentido, não faz sentido bater.”*

(Excerto da entrevista, 14/03/2018, entrevistada 3)

*“A lei cigana é assim, quem casar com aquele homem, tem que ficar com ele até ser velha, até chegar ao ponto de se ter que fechar os olhos, daí esta afirmação, os ciganos matem -se fiéis.”*

(Excerto da entrevista, 17/01/2019, entrevistada 4)

*“É o amor, a pessoa gosta muito da outra pessoa, não é correto, mas a meu ver isso é amor.”*

(Excerto da entrevista, 23/01/2019, entrevistada 6)

Já em relação à afirmação “é normal os casais gritarem” a maioria respondeu que é normal e que as próprias o fazem.

*“Sim, também berro às vezes, ele berra e eu também berro”.*

(Excerto da entrevista, 15/02/2018, entrevistada 1)

*“Sim é normal, eu às vezes grito.”*

(Excerto da entrevista, 14/03/2018, entrevistada 2)

*“As vezes pode calhar, no calor da discussão pode haver um levantar da voz, eu às vezes estou aos berros com a minha filha, tenho que gritar, para ela ter consciência que tem que ter respeito por mim, ela está numa fase que eu tenho que me impor, porque ela quer o fazer, está nessa fase.”*

(Excerto da entrevista, 14/03/2018, entrevistada 3)

*“Sim, às vezes com os nervos, com os stresses, costuma ser normal, lá em casa acontece, acho que isso é normal. Nós achamos que isto é tão normal que nem tenho noção se estou a fazer bem ou mal, e não peço desculpa, já é a minha maneira de ser”.*

(Excerto da entrevista, 23/01/2019, entrevistada 5)

*“Eu com o meu marido não grito, mas grito muito com os meus filhos, é normal, não é uma coisa por outro mundo. Eu falo por mim se estiver enervada eu grito, se não gritar posso bater mais de força”.*

(Excerto da entrevista, 17/01/2019, entrevistada 7)

As mulheres da comunidade cigana não valorizam muito a violência psicológica, fazendo regularmente em casa com os filhos ou até nas discussões entre casal. A violência psicológica devia de ser vista de forma tão negativa como a violência física. Devia de se valorizar mais, o que ainda não acontece nesta cultura.

## **2. Ser criança na comunidade cigana/ lei cigana**

O conceito de criança é diluído pelas comunidades ciganas, na medida em que estas se aproximam dos adultos, partilham o mesmo espaço físico e social dos adultos e estão sempre presentes nas atividades familiares. (Silva et.al. 2014:109)

As raparigas por já terem tão vincado o seu papel na comunidade, estão sempre dispostas a ajudar e a fazer tarefas domésticas.

As crianças ciganas, desde cedo começa a ser autónomas. Pela observação que a estagiária fez ao longo destes meses de estágio, as crianças na maioria das vezes vêm sozinhas da escola para casa, crianças estas que ainda frequentam o 1º ciclo. Têm logo responsabilidades de cuidar dos irmãos mais novos, caso os tenham, e têm liberdade para andarem pelo bairro sozinhas, onde brincam juntamente com as outras crianças do bairro.

Apesar de os pais lhes darem liberdade e de lhes ensinarem a ser autónomas desde cedo, estas também têm limites, nunca podendo ser desobedientes com os pais, tendo sempre de lhes respeitar.

Como já referimos anteriormente, o papel das raparigas e dos rapazes é logo incutido às crianças desde cedo. As raparigas com 6 anos já começam a fazer a lida da casa, com tarefas simples, como varrer a casa, lavar a loiça e cuidar dos irmãos mais novos. Os rapazes acompanham o pai nas atividades comerciais, como a feira. (Silva et.al.; 2014:110/111).

Uma mulher do bairro do Contumil refere que a filha de 5 anos já ajuda na casa, faz a cama, varre, isto porque têm de aprender a ser mulheres.

*“A minha filha já sabe que tem que arrumar o quarto, fazer a cama e varrer, também não faz mais que isto, porque ainda tem 5 anos e é muito nova, mas já começa a ter uma noção do seu papel, as minha filha mais velha de 11*

*anos já faz tudo, mete a roupa na máquina, lava a loiça, têm de saber cuidar bem de um homem e de saber ser mulheres.”*

(Excerto de notas de campo, 26/02/2018: mãe 1)

Quando analisamos o nível de escolaridade desta cultura, o fator cultural impõe-se sob esta. A cultura cigana exerce uma forte resistência à escola. Uma escola imposta, obrigatória, inflexível, igual para todas as crianças. Supondo que a criança vive perto da escola todo o ano, com uma família com horários de trabalho e recursos, organizadas para levar os filhos à escola e a ir buscá-los. Considerando a escola o mais importante na vida da criança. Para os ciganos nada disto é assim... (Moura. A, 2005: 382)

É recorrente as crianças e os jovens faltarem muito à escola, porque os pais muitas vezes não os levam, por razões como:

*“Está frio, não me apeteceu sair da cama para os ir levar”*,

(Excerto de notas de campo, 16/01/2018: mãe 1)

*“Estou doente”*

(Excerto de notas de campo, 16/01/2018: mãe 2)

*“Não me apeteceu”*.

(Excerto de notas de campo, 16/01/2018: mãe 3)

Estas são as três afirmações mais recorrentes que os pais justificam as faltas dos filhos à escola, consequência disto, temos o insucesso escolar.

O abandono escolar precoce deve-se muito a aspetos culturais demarcados pela cultura cigana. Este é mais visível nas mulheres do que nos homens, pois as raparigas quando se transformam em mulheres, devido ao aparecimento da menstruação, a família não permite que estas frequentem mais a escola, devido ao contacto que estas podem ter com outros homens e o facto de serem faladas se o fizerem. O valor da virgindade é muito importante para a comunidade cigana, as raparigas só a podem perder no dia do seu casamento, daí serem obrigadas a abandonar a escola, para evitar que se relacionem com outros homens.

*“Em relação à escola, eu quero que elas vão, mas fora do bairro já não lhes permito ir, porque o povo começa a falar delas, “aí elas vão para a escola é para namorar, deve ter algum namorado”, depois fazem asneiras e por umas pagam todas.”*

(Excerto da entrevista, 15/02/2018, entrevistada 1)

*“Na educação a mulher não segue com o estudo em frente, vai até ao 9º ano, porque quando uma mulher é adulta com outras pessoas misturadas pode-se envolver, ou seja, começar a gostar de alguém e pode vir a ter problemas por causa disso, podem fazer asneiras com as pessoas antes de casar, e casar virgem é um orgulho”.*

(Excerto da entrevista, 14/03/2018, entrevistada 2)

*“ (...) tanto o cigano como o não cigano tem que andar na escola. Eu queria que as minhas filhas fizessem a escola até aos 18 anos, eu não tiro as minhas filhas, mas a minha irmã já vai tirar a filha para o ano, porque é uma mulher, já se pinta e se arranja e para não ir ninguém sem ser cigano atrás dela, eles tiram-na da escola para ver se ela casa com um cigano. Isto é a tradição, não quer que case com um não cigano. (...)”*

(Excerto da entrevista, 17/01/2019, entrevistada 4)

Apesar de isto ainda hoje acontecer, também já existe uma evolução. A maioria dos jovens que acompanho irão frequentar até ao 9º ano de escolaridade, inclusive raparigas. O que antigamente era inexistente, sendo que a maioria das mães nem sabe ler nem escrever, ou só terminaram o 1º ciclo.

Perante toda esta situação, questionou-se se não pode ser um ato de negligência, as crianças e os jovens faltarem inúmeras vezes à escola, as raparigas terem de ser obrigadas a desistir devido ao fator cultural e ao valor que dão à virgindade.

A educação é um direito da criança, e hoje os jovens são obrigados a frequentar o ensino até ao 12º ano, o que não irá acontecer com estas crianças e jovens. Estes já são socializados para terem uma vida à base da família, da feira e do rendimento social de inserção. Quem quiser sair desta perspetiva limitada não pode viver no bairro.

Porque não podem estas crianças e estes jovens decidir o que querem ser no futuro? Porque não podem ter um curso e ter uma profissão diferentes? sem estarem nesta expectativa limitada de casa e feira? Não será isto uma violência?

### 3. Exposição das crianças a situações de “violência”

Ao realizarmos o focus grupos, destaco duas jovens (K) e (B) que se deparam com situações de violência conjugal. Esta informação foi obtida na atividade nº2<sup>6</sup>. A (K) refere que já viu os pais agredirem-se fisicamente “*Já vi o meu pai bater na minha mãe*”, através da observação dos comportamentos desta criança percebemos que os comportamentos são violentos para com os colegas a nível físico e psicológica, e também para com os familiares. A (K) refere que “*já mordi uma criança*” e “*já bati na minha avó.*” Estes comportamentos são o reflexo do contexto familiar, é uma criança que necessita de muita atenção, o que nos leva a pensar que não a tem em casa. A família é instável, tem vários irmãos de pais diferentes, devido à mãe se ter envolvido com vários homens.

Analisando o caso da (B) esta é uma “líder”. A mãe não mostra que tem medo do pai e a filha também tem essa postura. Segundo (B) “*quando o meu pai fica violento agarro-o. O meu pai só fica violento quando bebe álcool e também quando pede dinheiro à minha mãe e ela não lhe dá. Quem o gere o dinheiro é ela, dando-lhe um x por dia mas quando o meu pai o gasta todo e pede mais à minha mãe, fica revoltado e violento por a minha mãe lhe negar o dinheiro.*”

A observação dos comportamentos que fizemos de (B) para com os colegas no contexto de recreio na escola do Lagarteiro e nas atividades realizadas pelos técnicos, averiguou-se que é uma rapariga que exerce violência a nível psicológico aos colegas. É muito protetora dos seus amigos, mas quando não fazem parte do seu grupo, a confrontem, não a aceitem como líder, insulta as outras crianças, fazendo com que o seu grupo as insulte também.

As crianças que passam por situações de violência quer física quer psicológica, normalmente apresentam um padrão de vinculação desorganizado. Transformam-se em crianças inseguras, desconfiadas, vivem no medo e não têm valorização pessoal. A família é onde se procura o conforto, a estabilidade, a segurança e o bem-estar, quando

---

<sup>6</sup> Anexo 5- Informação recolhida do Focus Grupo

as crianças não a têm, apresentam todos estes sentimentos. Este ambiente instável vai prejudicar no seu desenvolvimento integral, a nível cognitivo, comportamental, emocional, social e físico. (Silva, 2001)

A observação realizada a respeito dos comportamentos da jovem (K) e da (B), levam-nos a considerar que a (K) apresenta problemas a nível comportamental, como já referimos é muito violenta com os colegas e desobediente para com os técnicos, acabando muitas vezes por ser expulsa do pavilhão. A nível emocional esta apresenta muita raiva quando fala da família e também de alguns colegas; a nível cognitivo tem fraco rendimento escolar, já reprovou e tem muita dificuldade em se concentrar, está sempre muita dispersa. O nível social, a (K) e a (B) têm dificuldades em produzir soluções para os problemas interpessoais, atribuindo a culpa a todas as pessoas em sem redor, por exemplo, quando falham ou são chamadas a atenção pelos seus comportamentos, a culpa é sempre do outro e não delas. A jovem (B) apresenta problemas a nível comportamental, praticando violência psicológica e às vezes mesmo física para com os colegas e sendo desobediente com os técnicos, não respeita as regras.

### **3.1.O olhar das crianças sobre a violência psicológica**

Como referimos anteriormente a violência emocional e psicológica é das mais frequentes e tem consequências a vários níveis para a vítima.

Ao mostrarmos imagens que retratavam este tipo de violência, denotamos que as crianças e jovens não sabiam da existência desta, pois retratavam-na como se fosse a violência física.

Abordamos esta temática com as crianças e jovens de forma interativa, para explorarmos o seu conhecimento e a sua opinião sobre a violência psicológica.

Fizemos um jogo onde lhes perguntamos se concordavam ou discordavam com a seguinte frase “*É normal os casais gritarem*”, à qual todos os participantes (16) responderam que sim, referindo que era normal os casais discutirem e que às vezes se insultavam e gritavam.

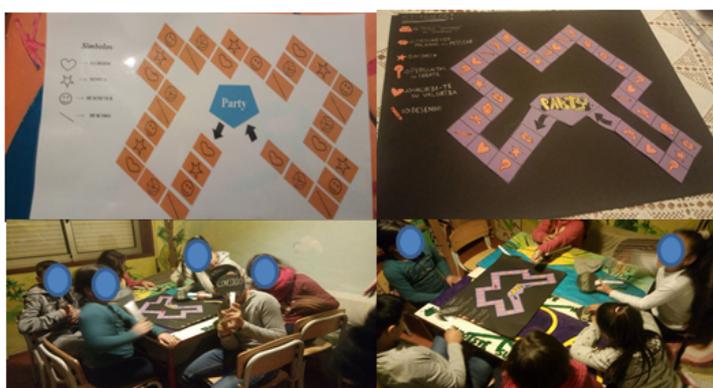
Ao questionarmos a frase “*Quanto mais me bates mais eu gosto de ti*” todos responderam que discordavam.

*“Não se deve bater para provar o amor”*

(excerto das respostas na atividade nº2, 27/02/2018 e 28/02/2018: 16 crianças expressaram o mesmo)

Apesar de abordarmos este tema, denotamos que diariamente continuam a recorrer aos insultos, não sabendo as mazelas internas que podem provocar nos outros.

Perante isto, analisamos que estas crianças desvalorizam a violência psicológica. Para elas a mais presente e que mais conhecem é a violência física. Não tendo a consciência que a violência psicológica é a que deixa mais marcas.



**Figura 3-** Atividade como se sente a vítima?

#### **4. Violência nas escolas e o significado da violência para as crianças da comunidade cigana**

Um dos rótulos atribuídos à comunidade cigana é a prática da violência que estes exercem nas escolas, quer seja os pais ou os filhos, o medo que provocam às outras culturas.

Uma situação que prevalece nas escolas é o conflito entre pais e escola. (Moura. A, 2005: 386) Descrevemos uma situação vivida na escola do bairro do Lagarteiro e que foi notícia com o título <sup>7</sup>“Professora agredida por socos e pontapés por familiares de um aluno do bairro do Lagarteiro no Porto”. Um aluno, que integra o grupo de jovens acompanhados pelo projeto da Norte Vida, foi interpelado pela professora devido à sua postura conturbada na sala de aula. A docente tentou acalmá-lo, tendo o jovem reagido de forma intempestiva cuspidando na cara da mesma.

<sup>7</sup> Anexo8- noticia

Ao chegar a casa o jovem comunicou à família o sucedido, no pescoço do jovem era visível uma pequena marca vermelha fruto de algum contacto com a docente. A família interpretou essa marca como fruto de uma agressão e de imediato deslocou-se em massa à escola, agredindo violentamente a professora.

A família atuou de acordo com os seus “códigos culturais”, tendo um espírito de hostilidade entre famílias agindo com atos de violência recíproca, direito de *vendetta*<sup>8</sup>.

Sendo assim, podemos questionar como é que o jovem interioriza este acontecimento, como compatibiliza um direito arcaico com os valores socialmente valorizados que não reconhecem a “justiça pelas próprias mãos”.

Nestas circunstâncias a socialização através da escola torna-se bastante limitada submetendo o jovem a uma dissonância cognitiva.

Como submeter a comunidade às regras sociais? Como prevenir estas situações?

Será que o trabalho que é desenvolvido nas escolas com os jovens de etnia cigana, irá produzir uma nova geração com outros valores?

Segundo Moura, cit Legois (2005) *As relações conflituosas são comuns entre as comunidades ciganas e as comunidades que as rodeiam, as relações dos pais e das crianças com a escola são largamente determinadas em função do perfil negativo destas relações.*

A escola é um lugar onde as diferenças existem e se confrontam, se a medicina não encontrou um comprimido para colmatar a obediência ou para tratar a agressividade, se alguns continuam a ser excluídos, a regulação entre as crianças continuará no futuro a estar na ordem do dia, ou seja, estamos perante um dos nossos sofrimentos profissionais atuais: a confrontação com a insubmissão, com a violência passiva e ativa, com o efeito negativo das punições e ameaças habituais. (...) Mas o desejo de trabalhar com alguém pacificado, regularizado, um espelho de nós próprios, arrisca-se a ser tenaz (Moura cit Cefalli, 2005:407).

A escola está formatada para trabalhar de igual modo com todos os alunos, não está preparada para as diferenças culturais existentes, e daí advém o insucesso escolar. (Moura cit Benavente, 2005:415).

Como referimos anteriormente, a violência nas escolas também é exercida pelos filhos, não só da cultura cigana, como de outras.

---

<sup>8</sup>**Vendeta** Espírito de hostilidade entre famílias e clãs inimigos, com actos de vingança recíproca, geralmente criminosos, como sucede na Córsega e em algumas regiões de Itália.

Na atividade<sup>9</sup> realizada com as crianças do bairro do Lagarteiro e Contumil, a maioria responderam que já receberam insultos por parte de outras crianças, salientando que estes:

*“Magoam e deixam triste”*

(excerto das respostas de 11 crianças na atividade nº1, 20/02/2018 e 21/02/2018)

A minoria respondeu:

*“É indiferente ser insultado, não sinto nada”*

(excerto das respostas de 5 crianças na atividade nº1, 27/02/2018 e 28/02/2018)

Diariamente ouvia-se estas crianças a agredirem-se verbalmente, mesmo as próprias que disseram que os insultos as magoavam e lhes deixavam tristes acabavam por o fazer. Questionamos o porquê e estas responderam que os outros também lhes insultam e que então também o faziam.

Podemos perceber aqui que a violência é algo comum entre todos, os insultos já são desvalorizados, porque já fazem parte do seu dia-a-dia.

Quando lhes questionamos o que significava a palavra violência e se sabiam quais eram os vários tipos de violência, todos responderam a *“agressão física”*, ficando muito surpreendidos que os insultos proferidos diariamente por estes eram considerados uma violência psicológica e que deixa marcas muito maiores que a violência física.

Ao abordarmos estas problemáticas, a jovem (K) refere que *“já vi os meus pais a agredirem-se fisicamente”*.

Num jogo que realizamos com o grupo continha a frase *“entre marido e mulher não se mete a colher”* ao qual pedimos para eles falarem sobre este provérbio e se concordavam. A maioria respondeu que não se metiam entre os pais se vissem violência, referindo que:

*“Nós não podemos ligar à polícia, temos medo que o nosso pai seja preso, mas se começarmos a chorar ele vai ter pena de nós, se não falamos com alguém da família para nos ajudar”*

---

<sup>9</sup> Anexo 5- Informação recolhida pelo Focus grupus

(excerto das respostas da atividade nº1, 20/02/2018 e 21/02/2018: 8 crianças expressaram o mesmo)

A jovem (K) ao abordar este assunto referiu que:

*“Eu não me meto, quem o faz é a minha irmã mais velha, mas já bati na minha avó”.*

Este comportamento leva-nos a refletir, que como a avó é mais frágil esta sentiu que tinha o poder de o fazer, repetindo os comportamentos que vê em casa. Esta sente-se inferior, por não conseguir lidar com esta situação e viu na avó uma forma de se sentir superior.

A jovem (B) refere o contrário das outras crianças afirmando que:

*“Quando o meu pai fica violento agarro-o, ele quando bebe grita muito e a minha mãe insulta-o dizendo que é bêbado. Ele também fica assim, quando pede dinheiro à minha mãe e esta não lhe dá, pois quem o gere é ela”.*

O jovem (C) refere que:

*“Eu metia-me claro para os separar, como homem não ia deixar o meu pai bater na minha mãe”.*

Seis das crianças preferiam não se pronunciarem sobre o assunto. Este é um tema difícil de abordar com as crianças e jovens da cultura cigana, porque já está enraizado que não se pode falar com outras pessoas do que se passa dentro de casa.

As mulheres da comunidade cigana que sofrem de violência não podem fazer queixa, devido à imposição cultural, sabendo que não podem ir contra os homens.

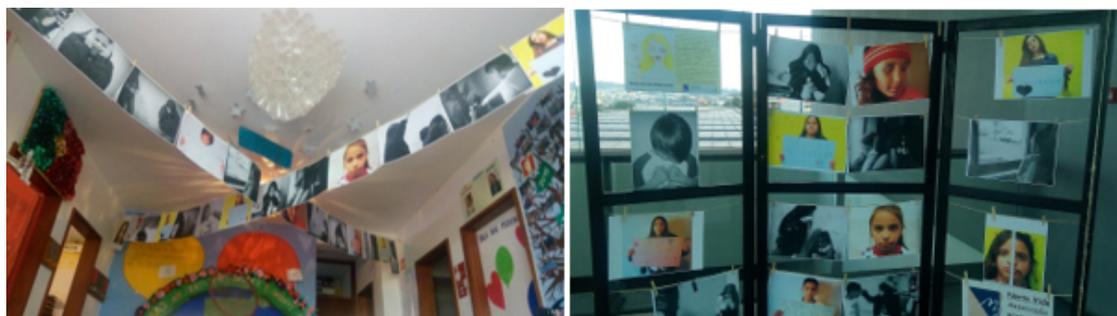
Estas respostas levam-nos a refletir que na cultura cigana já está muito enraizada o papel do homem e da mulher e que preferem que a mãe esteja a ser vítima de violência, a se fazer queixa à polícia, pois o importante é a figura do pai.



**Figura 4-** Atividade violência familiar sob a criança e o jovem- conceito e tipos de maus tratos

Perante todo este entendimento sobre a perspectiva da violência para as crianças e jovens, a estagiária decidiu realizar uma campanha sobre a representação dos maus tratos pelas crianças e jovens do bairro do Lagarteiro e do Contumil, onde foi exposta no mês do Junho de 2018 em ambos os bairros e no metro do estádio do dragão nas últimas duas semanas do mesmo mês.

As crianças e jovens tiveram de organizar uma campanha através de cartazes e de fotografias. Elas ficaram muito entusiasmados por participarem nesta atividade e mostrarem às pessoas como a violência é algo errado.



**Figura 5-** Atividade retratar os vários tipos de maus tratos

#### 4.1. Bullying

A violência escolar é um problema que afeta bastantes crianças e jovens (Gouveia cit in Matos,2011:6) e ocorre em todos os estratos sociais (Gouveia cit in Freire, 2011:7)

Segundo Dan Olweus (cit in Gouveia, 2011) o conceito de Bullying refere-se quando *“um aluno está a ser provocado/vitimado quando ele ou ela está exposto, repetidamente e ao longo do tempo, a ações negativas da parte de uma ou mais pessoas”*.

Realizamos uma atividade sobre esta temática<sup>10</sup> com 12 crianças de ambos os bairros, que consistia em fazê-los refletir e pensar como se sentiam se fossem diferentes, ou tivessem alguma incapacidade física. Para tal, o grupo teve de desenhar um barco primeiramente com nenhuma incapacidade e em seguida fazer o mesmo, mas com os olhos vendados, sem ambos os braços ou com um braço.

Quando terminaram a atividade questionamos-lhes sobre as dificuldades que sentiram ao desenhar com as limitações impostas. Todos os participantes responderam:

*“Sentimos dificuldades, porque não víamos, nem tínhamos braços”*.

(excerto das respostas à atividade, 23/04/2018 e 24/04/2018: 12 crianças expressaram o mesmo na atividade nº8)

Outra questão apresentada foi como é que lidavam com as dificuldades, 6 das crianças responderam que:

*“Existe uma rapariga na escola que tem uma deficiência no lábio e tem dificuldades na fala, às vezes gozamos com ela, mas é a brincar.”*

(excerto das respostas da atividade nº8, 23/04/2018 e 24/04/2018)

As restantes responderam:

---

<sup>10</sup> Anexo 5- Informação recolhida do focus grupos

*“Nós ajudamos os meninos que são diferentes”.*

(excerto das respostas à atividade, 23/04/2018 e 24/04/2018: 6 crianças expressaram o mesmo na atividade nº8)

Após estas respostas, fizemos-lhes refletir se todos nós também não temos uma pequena deficiência, todos responderam que sim, *“uns que tinham uma deficiência nos olhos, outros que tinha um braço ou uma perna maior que a outra.”*

Quando lhes questionamos sobre o Bullying, se sabiam o seu significado e o que provocava, todos responderam que:

*“É violência física e psicológica e provoca tristeza, isolamento, medo, não queremos ir à escola.”*

A jovem (B) referiu:

*“Se gozassem comigo eu sabia me defender e que isto só acontece a quem não o sabe fazer”.*

Após esta afirmação fizemos-lhes refletir que todos somos diferentes e que existem pessoas que têm mais dificuldades que outras em defender-se e que na vida precisamos uns dos outros, não conseguimos fazer nada sozinhos.



**Figura 6-** Atividade do Bullying

## **Parte V- O papel do Assistente Social como interventor na Comunidade Cigana**

O Serviço Social tem a sua origem na caridade, assumindo-se ao longo dos séculos como uma profissão. (Robertis, 2011: 15).

Segundo Robertis o Serviço Social aplica duas formas de sistematização da prática e de elaboração metodológica. A primeira é pragmática referindo que existe aproximação frente da realidade complexa e viva dos problemas sociais e individuais em que o Assistente Social intervém. A segunda é uma aproximação científica, com as ferramentas que põe à disposição das diversas ciências humanas, sobretudo a utilização dos métodos de investigação em Serviço Social. (Robertis, 2011: 53)

O Serviço Social assume um papel importante na sociedade atuando nas situações de maior precariedade e necessidade das populações, no entanto, existem *“dificuldades de afirmação de uma imagem mais positiva, persistindo uma ancoragem a representações históricas e verificando-se uma significativa exposição mediática, geralmente negativa, sem a correspondente afirmação dos Assistentes Sociais no espaço público”* (Branco, 2009: 79).

Para Amaro (2012), o assistente social constitui-se *“(...) como um profissional especializado na área das ciências sociais e humanas com capacidade de intervenção, planeamento e investigação e que atua em três níveis distintos: indivíduos, grupos e comunidade (...) e age com o propósito de identificar e resolver os problemas do indivíduo, grupo ou comunidade, adaptando-o e tornando-o útil à sociedade (...)”*, (Cit. In Andrade, 2014: 48).

Um Assistente Social tem como função orientar, conduzir e ajudar cada pessoa, mas isto só se torna possível se conseguirmos desenvolver uma relação proximidade e verdadeira com as pessoas com quem está a trabalhar. Para que esta relação se desenvolva é necessário que haja por parte do técnico, escuta ativa, aceitação, recetividade, empatia e respeito.

A aceitação pelo “outro” é fundamental quando se trabalha com a etnia cigana. Para tal, é fundamental que se aceite a pessoa tal como ela é, tendo que haver uma disponibilidade para conhecer e entender as vivências, histórias, memórias, sonhos, desejos, a cultura e o simbolismo. (Vieira, 2015).

Estas competências apresentadas são importantes para conseguirmos efetuar uma intervenção adequada com este público-alvo. Os técnicos da Norte-Vida são

cumpridores destas competências, disponibilizam-se a toda a hora para estas pessoas, ouvindo-as e percebendo as suas frustrações. As crianças são a voz desta associação, e é através delas que os técnicos desenvolvem um trabalho de mudança, mas esta só está a ser possível porque estes praticam uma escuta ativa, ouvindo, percebendo e estando lá para elas todos os dias, aceitando-as com todas as suas qualidades e defeitos.

## Considerações finais

Este trabalho permitiu-nos fazer uma reflexão sobre o seu estágio, a intervenção realizada e o caminho que fizemos para chegar ao seu objeto de estudo. Privilegiamos o tema da atualidade “Violência doméstica”, mas muitos temas podiam ser estudados dentro da cultura cigana, pois sem dúvida que é uma cultura extremamente complexa.

Ao longo do estágio e da interação que tivemos quer com mulheres ciganas quer com crianças e jovens desta cultura, sentimos que ficamos cada vez mais envolvidos com esta.

Foi uma aprendizagem “gigante” e um novo “olhar” sobre esta cultura. Antes de iniciarmos o estágio, tínhamos uma ideia estereotipada sobre a cultura cigana, por algumas experiências negativas do passado estando com receio de não conseguirmos nos identificar, nem de nos relacionar com esta cultura. Mas esses receios e esses medos foram se diluindo à medida que conhecíamos as pessoas e entrávamos aos poucos na vida delas. Foi uma cultura que nos trouxe imensos ensinamentos e que tivemos o privilégio de conhecer. O estágio foi uma grande concretização pessoal e profissional, onde aprendemos a olhar para além daquilo que as pessoas transparecem, porque há muito mais por trás de uma “capa”.

Na observação realizada durante os nove meses, denota-se o poder do homem sob a mulher, por exemplo, uma simples ida de carro o homem conduz e algumas mulheres vão atrás, nunca a estagiária assistiu um pai ir levar ou buscar os filhos à escola, no bairro os homens estão reunidos a beber e as mulheres a fazer a lida da casa.

As entrevistas e as atividades vieram confirmar o que observávamos. A mulher aceita tudo da parte do homem, sem poder contestar ou dar a sua opinião, a violência é aceite e escondida, o medo que os olhos destas mulheres transmitem quando dizem que não podem apresentar queixa, porque se o fizerem os filhos são retirados.

O teste da virgindade é de uma agressividade e de uma exposição para a mulher, para a comunidade cigana é um dos rituais mais puros e mais importantes da sua cultura. A brutalidade deste teste não é visto nem compreendido por estas mulheres e muito menos permitem que alguém de fora lhes diga ao contrário.

Muitas mudanças ocorreram nesta comunidade ao longo dos anos, mas o teste da virgindade será para manter, por muitos anos, afirmaram algumas mulheres.

Apesar de tudo, esta comunidade já evoluiu e mesmo tendo uma lei rígida, muitos aspetos foram modificados ao longo dos anos. A carta de condução já é permitida ser tirada pela mulher, o vestuário foi outra mudança, o uso obrigatório de saias por parte da mulher já não é imposto, podendo usar calças. A comunidade já permite casamentos entre ciganos e não ciganos o que era algo impensável a alguns anos atrás.

Ao trabalharmos com esta cultura percebemos que os cidadãos não ciganos não podem exigir que esta etnia mude os seus comportamentos quando nós também não mudamos os nossos pensamentos em relação a esta. A falta de trabalho para esta etnia é notável, jovens que vão a entrevistas de emprego ficam sem esta oportunidade por serem ciganas, poucas são as mulheres que conseguem arranjar um trabalho. Não mencionamos ao longo deste estudo a exclusão que esta etnia sente por parte das outras culturas, por não ser o objetivo deste, mas queremos expressar nesta conclusão que a exclusão existe não só por culturas não ciganas como pela cultura cigana. A comunidade cigana exclui quem não pertence a esta cultura, sendo muito difícil de aceitar os casamentos entre não ciganos, apesar de já existirem, nunca entram realmente nas práticas desta cultura.

O trabalho é um direito de todos, todos somos cidadãos e seres humanos, ninguém é perfeito. Não é só um cigano que é violento e rouba, todos os dias ouvimos notícias na televisão de indivíduos de outras culturas que o fazem. Não podemos ficar revoltados com a quantidade de pessoas ciganas que recebem o Rendimento Social de Inserção (RSI), quando é difícil ter uma porta aberta para o emprego. Muitos são os que não querem trabalhar, é verdade, mas também há muitos cidadãos de outras culturas que se acomodam.

É difícil pormos de lado as nossas crenças e receios quando desde que nascemos fomos preparados para a discriminar, as escolas fazem isso quando metem estes alunos em turmas mais fracas, desacreditando na capacidade destes, e se estas o fazem, e são a nossa base de ensinamento, como não havemos nós de não o fazermos. Temos de olhar mais para o outro, dar oportunidades, porque as pessoas surpreendem-nos.

Para além disto, a comunidade cigana habita em bairros sociais, que por si só, já é um fator estigmatizante e de exclusão, com casas sem condições, pouco espaço, com estruturas pobres.

Assim, é difícil mudarmos os comportamentos das crianças e dos jovens, quando estes já nascem num meio de exclusão. Os gritos à janela para a casa da frente, é algo característico nos bairros, por ser um meio tão pequeno e à parte, todos se conhecem e relacionam, o pijama da rua é algo normal e frequente, algo que nunca se veria na cidade, pois havia logo olhares e pensamentos sobre o porquê daquela pessoa estar de pijama na rua por ser algo incomum, a violência entre crianças é notória, o simples brincar destas é com “porrada” e com insultos uns aos outros. É normal estes comportamentos, quando os pais o fazem dentro de quatro paredes, ou na rua quando se juntam para decidir o futuro de alguém que não cumpriu com a lei.

A Norte Vida tem desenvolvido um trabalho para conseguir mudanças com estas crianças, jovens e mulheres. Não é fácil, é uma luta constante e um trabalho difícil, mas que se denota algumas evoluções por exemplo na educação. Muitas destas crianças manifestam que gostavam de estudar até ao 12º ano. O pedido de apoio ao estudo é um passo gigante quando a maioria da população tem o 4º ano. As escolas têm de reconhecer as diferenças culturais e os diferentes pontos de partida culturais. A educação é um direito de todos, mas a forma como se ensina tem de se adequar aos diferentes grupos de alunos.

Existe um caminho e um trabalho a se fazer com estas crianças e jovens. O trabalho dos técnicos sem dúvida é fundamental para que aos poucos se consiga fazer a mudança.

O papel de um assistente social no bairro é muito importante para melhorar as condições de vida destas famílias que residem nos bairros em condição de grande fragilidade social. Ser assistente social é ter empatia com os utentes é colocarmo-nos no lugar dos outros e nunca desistir de quem mais precisa. Muitas vezes é o único recurso, quando tudo parece estar a desmoronar na vida de algumas das famílias... Ser assistente social é muito mais que resolver problemas, é a capacidade de ouvir e apoiar sem preconceitos.

## Bibliografia

- Alarcão, M. (2002). *(des) Equilíbrios Familiares*. Coimbra: Quarteto Editora
- Amaro, S. (2015). *Visita Domiciliária: Teoria e prática*. Porto: Porto Editora
- Andrade, A. (2014). *Contexto e Prática do Serviço Social com pessoas idosas em Serviço de apoio domiciliário*. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa.
- Azevedo, A. C. (2013). *Etnias de Portugal: o caso dos ciganos*. E-REI: Revista de Estudos Interculturais do CEI.
- Bastos, A. & Veiga, F. (2017), *A análise do bem-estar das crianças e jovens e os direitos da criança*. Porto: Húmus
- Bell, A. (1993). *Principles for the design of teaching. Educational Studies in Mathematics*, 5-34.
- Benavente, A., Costa, A., Machado, F. E Neves, M. (1981). *Do Outro Lado Da Escola*. Lisboa: Teorema
- Berger, P. E Luckmann, T. (1999) *A construção social da realidade*. Lisboa: Dinalivro
- Bernstein, B. (1996) *Pedagogy, symbolic control and identity: theory, research, critique*. Londres: Taylor and Francis
- Cancherini, A. (2010). *A Escuta Sensível como Possibilidade Metodológica*. Universidade Católica de Santos.
- Canhão. M. (2007) *Pretextos*. Instituto da Segurança Social, IP
- Caré, M. (2010). *Ciganos em Portugal: Educação e Género*. Instituto da Educação - Universidade de Lisboa.
- Carvalho, M. (2015). *Serviço Social com famílias*. Lisboa: Pactor

- Coutinho, C. (2014). *Metodologia de investigação em ciências sociais e humanas: Teoria e prática*. Coimbra: Edições Almedina
- Dahlberg, L. and Krug, Etienne G. (2006). *Violência: um problema global de saúde pública*. Ciência saúde coletiva. São Paulo.
- Gallardo, J. (1994). *Maus tratos à criança*. Porto: Porto Editora.
- Freitas, Luiz C. et al. (2009). *Avaliação educacional: caminhando pela contramão*. Petrópolis: Vozes
- Lessard-Hébert, M.; Goyette, G.; Boutin, G. (1994). *Investigação qualitativa: fundamentos e práticas*. Lisboa: Instituto Piaget
- Liégeois, J-P. (2001). *Minoria e escolarização: o rumo cigano*. Lisboa: Centre de recherches tsiganes, Secretariado Entreculturas.
- Lopes, F. (2013). *Violência Doméstica*. Porto, pp.6-8. Dissertação de mestrado em Direito.
- Magalhães, T. (2005). *Maus tratos a crianças e jovens*. Coimbra: Quarteto
- Manita, C., Ribeiro, C., Peixoto, C. (2009). *Violência Doméstica: compreender para intervir, Guia de Boas Práticas para Profissionais de Instituições de Apoio a Vítimas*. Lisboa: Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género, Sersilito, Empresa Gráfica, Lda;
- Matias, T. (2013). *Educação Não Formal A importância das Salas de Estudo*. Escola Superior de Educação João de Deus, Lisboa. pp. 17-19. Dissertação de Mestrado
- Mendes, M. M. F. (2012). *Identidades, racismo e discriminação: ciganos*. Casal de Cambra: Caleidoscópio.
- Mendes, M., Magano, O., & Candeias, P. (2014). *Estudo Nacional sobre as Comunidades Ciganas*. Lisboa: Edição Alto-Comissariado para as Migrações

Moura, A. (2005). *Estudo do Tempo Escolar na Escola Primária: tempo de escola e tempo de vida*. Tese de Doutoramento em Estudos da Criança. Instituto de Estudos da Criança – Universidade do Minho, Portugal.

Narzetti, C. & Nobre, A. (2016). *A teoria dos códigos linguísticos de Basil Bernstein e a questão da modalidade oral da língua. Domínios de Linguagem*. Porto Alegre: Movimento; Editora da URGs, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Pais, E. (1998) *Homicídio conjugal em Portugal: rupturas violentas da conjugalidade*. Lisboa: Hugin.

Paugam, S. (2003). *Desqualificação social. Ensaio sobre a nova pobreza*. Porto: Porto Editora

Piaget, J. (1983). *Seis estudos de psicologia*. Lisboa: Publicações Dom Quixote Porto, N. S/d.

Porot, M. (1986). *A Criança e as Relações Familiares*. Porto: Prés Editora

Reis, V. (2009). *Crianças e Jovens em Risco*: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Coimbra.pp. 100-130 Tese de Doutoramento em Psicologia clínica

Robertis,C. (2011). *Metodologia da intervenção em Trabalho Social*. Porto: Porto Editora

Rolland,B. (1996). *As etnias*. Rés Formalpress

Secretariado Gitano (2007). *Guia para a Intervenção com a Comunidade Cigana nos Serviços de Saúde*. Disponível em [http://ec.europa.eu/health/ph\\_projects/2004/action3/docs/2004\\_3\\_01\\_manuals\\_pt.pdf](http://ec.europa.eu/health/ph_projects/2004/action3/docs/2004_3_01_manuals_pt.pdf)

Silva, L. (2001). *Acção Social na área da Família*. Lisboa: Universidade Aberta

Silva, M. C. , Silva, S. , Pinto, M. G. , Sobral, J. M., Ramos, M. , Barbosa, M. , ..., Gomes, S. (2014). *Sina social cigana. História, comunidades, representações e instituições*. Lisboa: Edições Colibri

Vieira, I. (2015). *A participação. Um paradigma para a intervenção social*. Lisboa: Universidade Católica Editora.

World Report on Violence and Health (2002) Chapter 3: *Child Abuse and Neglect by Parents and Other Caregivers*.

World Health Organization (2001). *Putting women first: ethical and safety recommendations for research on domestic violence against women*. Geneva: WHO.

## Webgrafia

APAV disponível em <https://apav.pt/vd/index.php/features2> (consultado a 23 de Dezembro de 2017)

APAV disponível em <https://apav.pt/vd/index.php/vd/o-que-e> (consultado a 23 de Dezembro de 2017)

Lei nº 112/2009, de 16 de setembro-Regime jurídico aplicável à prevenção da Violência doméstica, disponível em [http://www.pgdlisboa.pt/leis/lei\\_mostra\\_articulado.php?nid=1138&tabela=leis&so\\_miolo](http://www.pgdlisboa.pt/leis/lei_mostra_articulado.php?nid=1138&tabela=leis&so_miolo) (consultado 18 de Fevereiro de 2017)

"vendeta", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://dicionario.priberam.org/vendeta> (consultado em 01-03-2019).

UNICEF disponível em <https://www.unicef.org/> (consultado em 01-03-2019).

# **Anexos**

## Anexo 1- Artigo 152º - Violência doméstica

Lei nº 59/2007 de 04-09-2007

Artigo 1.º - Alteração ao Código Penal

Artigo 152.º - Violência doméstica

1 - Quem, de modo reiterado ou não, infligir maus tratos físicos ou psíquicos, incluindo castigos corporais, privações da liberdade e ofensas sexuais:

- a) Ao cônjuge ou ex-cônjuge;
- b) A pessoa de outro ou do mesmo sexo com quem o agente mantenha ou tenha mantido uma relação análoga à dos cônjuges, ainda que sem coabitação;
- c) A progenitor de descendente comum em 1.º grau; ou
- d) A pessoa particularmente indefesa, em razão de idade, deficiência, doença, gravidez ou dependência económica, que com ele coabite;

é punido com pena de prisão de um a cinco anos, se pena mais grave lhe não couber por força de outra disposição legal.

2 - No caso previsto no número anterior, se o agente praticar o facto contra menor, na presença de menor, no domicílio comum ou no domicílio da vítima é punido com pena de prisão de dois a cinco anos.

3 - Se dos factos previstos no n.º 1 resultar:

- a) Ofensa à integridade física grave, o agente é punido com pena de prisão de dois a oito anos;
- b) A morte, o agente é punido com pena de prisão de três a dez anos.

4 - Nos casos previstos nos números anteriores, podem ser aplicadas ao arguido as penas acessórias de proibição de contacto com a vítima e de proibição de uso e porte de armas, pelo período de seis meses a cinco anos, e de obrigação de frequência de programas específicos de prevenção da violência doméstica.

5 - A pena acessória de proibição de contacto com a vítima pode incluir o afastamento da residência ou do local de trabalho desta e o seu cumprimento pode ser fiscalizado por meios técnicos de controlo à distância.

6 - Quem for condenado por crime previsto neste artigo pode, atenta a concreta gravidade do facto e a sua conexão com a função exercida pelo agente, ser inibido do exercício do poder paternal, da tutela ou da curatela por um período de 1 a 10 anos.

*Início de Vigência: 15-09-2007*

## **Anexo2- Artigo 152º- Maus tratos e infração de regras de segurança**

### **CÓDIGO PENAL**

(...)

#### **Artigo 152º**

##### **(Maus tratos e infracção de regras de segurança)**

1— Quem, tendo ao seu cuidado, à sua guarda, sob a responsabilidade da sua direcção ou educação, ou a trabalhar ao seu serviço, pessoa menor ou particularmente indefesa, em razão de idade, deficiência, doença ou gravidez, e:

- a) Lhe infligir maus tratos físicos ou psíquicos ou a tratar cruelmente;
- b) A empregar em actividades perigosas, desumanas ou proibidas; ou
- c) A sobrecarregar com trabalhos excessivos;

é punido com pena de prisão de 1 a 5 anos, se o facto não for punível pelo artigo 144º.

2—A mesma pena é aplicável a quem infligir ao cônjuge, ou a quem com ele conviver em condições análogas às dos cônjuges, maus tratos físicos ou psíquicos.

3—A mesma pena é também aplicável a quem infligir a progenitor de descendente comum em 1.º grau maus tratos físicos ou psíquicos.

4—A mesma pena é aplicável a quem, não observando disposições legais ou regulamentares, sujeitar trabalhador a perigo para a vida ou perigo de grave ofensa para o corpo ou a saúde.

5—Se dos factos previstos nos números anteriores resultar:

- a) Ofensa à integridade física grave, o agente é punido com pena de prisão de 2 a 8 anos;
- b) A morte, o agente é punido com pena de prisão de 3 a 10 anos.

6—Nos casos de maus tratos previstos nos n.os 2 e 3 do presente artigo, ao arguido pode ser aplicada a pena acessória de proibição de contacto com a vítima, incluindo a de afastamento da residência desta, pelo período máximo de dois anos.

### **Anexo 3- Artigo 173º- Atos sexuais com adolescentes**

-----  
**Artigo 173.º - Actos sexuais com adolescentes**

1 - Quem, sendo maior, praticar ato sexual de relevo com menor entre 14 e 16 anos, ou levar a que ele seja praticado por este com outrem, abusando da sua inexperiência, é punido com pena de prisão até 2 anos.

2 - Se o ato sexual de relevo consistir em cópula, coito oral, coito anal ou introdução vaginal ou anal de partes do corpo ou objetos, o agente é punido com pena de prisão até 3 anos.

3 - A tentativa é punível.

## **Anexo 4- Planeamento das atividades**

### **Sessão de apresentação**

A sessão de apresentação consiste na explicação da intervenção que irei fazer ao longo do estágio às crianças e jovens do bairro de Contumil e do Lagarteiro. Inicialmente irei-me apresentar referindo o meu nome, onde estudo e o que pretendo fazer. Explicarei que ao longo da minha intervenção irei fazer vários jogos, com o intuito de se divertirem, mas ao mesmo tempo, estes têm um objetivo educativo. Para participarem nas minhas atividades o grupo só poderá ter no máximo 8 crianças e jovens e estes terão de ter idades compreendidas entre os 8 e os 12 anos, pois estas exigem um nível de maturidade.

Após esta breve apresentação, eles irão estabelecer regras juntamente com eles escrevendo-as no quadro, onde ficará estipulado que quem não as cumprir terá uma consequência, tendo de abandonar a atividade, e quem as cumprir será recompensado, falar sobre as suas expectativas e que jogos e dinâmicas gostavam de realizar.

Por fim, realizarei a gravação dos insultos que darão início à primeira atividade estipulada.

### Atividades propostas para o mês de Fevereiro

<b>20 de Fevereiro (Bairro do Lagarteiro)</b>	<b>21 de Fevereiro (Bairro do Contumil)</b>	<b>27 de fevereiro (Bairro do lagarteiro)</b>	<b>28 de fevereiro (Bairro do Contumil)</b>
Atividade “Aprender brincando (sessão I)” tema: violência familiar sob a criança e o jovem- conceito e tipos de maus tratos”	Atividade “Aprender brincando (sessão I)” tema: violência familiar sob a criança e o jovem- conceito e tipos de maus tratos”	Atividade “Aprender brincando (sessão II)” Tema: Como se sente uma vítima?	Atividade “Aprender brincando (sessão II)” Tema: Como se sente uma vítima?

## Descrição das atividades do mês de Fevereiro

Atividade	Data	Público alvo	Descrição	Objetivos	Recursos
<p><b>“Aprender brincando (sessão I)”</b>  <b>Tema: violência familiar sob a criança e o jovem- conceito e tipos de maus tratos”</b></p>	20 e 21 de Fevereiro de 2018	Pré-adolescentes (idade 8 aos 12 anos) do Bairro do Contumil e Lagarteiro	<p>A atividade é estruturada por quatro partes:</p> <p>A primeira parte é constituída pelo impacto da realidade. O grupo ao entrar na sala vai observar várias imagens dos diferentes tipos de maus tratos que estarão dispostos ao longo desta, ao mesmo tempo que ouvem uma gravação realizada pelas crianças e jovens do bairro do Contumil e do Lagarteiro com insultos que já lhes proferiram. Após este momento, o grupo irá fazer uma reflexão sobre a violência psicológica, através das suas gravações e do impacto que as “palavras” podem ter ao longo da nossa vida.</p> <p>Na segunda parte, irei abordar o conceito de violência e maus tratos e os diferentes tipos de maus tratos que podem ocorrer nos menores (negligência, abuso sexual, violência física e psicológica). Referenciarei também, um tipo de violência que considero relevante, a perseguição, que ocorre com mais frequência entre casais de idade adulta.</p> <p>Através das imagens dispostas na sala, o grupo irá identificar os tipos de maus tratos, legendando-os. Aqui, tentarei perceber se algum membro do grupo passa por alguma destas situações ou se tem conhecimento de alguém que esteja a passar.</p> <p>Na terceira parte, irei dividi-los em dois grupos. Cada grupo irá realizar um puzzle com imagens dos maus tratos abordados anteriormente e identificá-los. O puzzle será realizado na parede. O primeiro grupo a completar o puzzle e a identificar os maus tratos corretamente ganha 1 ponto.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Aquisição de competências sobre a problemática dos “maus tratos”;</li> <li>- Consciencializar o grupo sobre a temática;</li> <li>- Reflexão sobre a problemática;</li> <li>- Prevenção de futuros comportamentos violentos;</li> <li>- Desenvolver a capacidade de se colocarem no lugar do outro (empatia);</li> <li>- Desenvolver a capacidade intelectual;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- candeeiro;</li> <li>- colunas;</li> <li>- postites;</li> <li>- cadeiras;</li> <li>- apitos;</li> <li>- computador;</li> <li>- retroprojeter;</li> <li>- cartolinas pretas;</li> <li>- tesoura;</li> <li>- mesa</li> <li>- papel cenário.</li> </ul>

			<p>A terceira parte consiste no jogo dos “perguntados”. Os grupos realizados anteriormente terão que responder às questões que serão colocadas sobre os maus tratos. Cada grupo terá um apito, quem apitar primeiro responde à questão colocada, se errar, o outro grupo terá a oportunidade de responder.</p> <p>No fim, o grupo vencedor irá ganhar uma medalha com o primeiro lugar e o grupo perdedor uma medalha com o segundo lugar.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Reforçar o trabalho em equipa;</li> <li>- Promover o espírito de equipa e entre ajuda;</li> </ul>	
<p><b>Atividade “Aprender brincando (sessão II)”</b> <b>Tema: Como se sente a vítima?</b></p>	<p>27 e 28 de Fevereiro de 2018</p>	<p>Pré-adolescentes (idade 8 aos 12 anos) do Bairro do Contumil e Lagarteiro</p>	<p>A atividade inicia com o grupo numa sala toda escura a ouvirem uma gravação real de uma criança vítima de violência que ligou para o 911 (112 em Portugal) a pedir ajuda. Em seguida, irei realizar uma dinâmica intitulada “papel amarrotado”. Todos os elementos estarão sentados em roda e a dinamizadora no meio. A dinamizadora irá distribuir a cada um dos elementos uma folha e em seguida pedirá para eles a amarrotarem, depois de o fazerem a dinamizadora pedirá para tentarem pôr o papel igual ao que estava antes. Cada elemento vai perceber que não consegue pôr a folha igual. Esta dinâmica tem o intuito de fazê-los perceber o sofrimento que os maus tratos causam nas crianças, de forma a prevenir que estes sejam futuros agressores.</p> <p>Em seguida farei o jogo da party, em algumas casas terá palavras a descrever como se sentem as vítimas (eu explicarei todas essas palavras), noutras terão ações para realizar (exp. Dar um abraço, um elogio, uma qualidade, etc), para além disso uma das casas é do jogo do “concordo e discordo”, que me irá permitir perceber alguns aspetos culturais e algumas perspetivas sobre a violência.</p> <p>No final, como agradecimento por terem participado na minha atividade, irei oferecer um mini party.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Prevenção de futuros comportamentos violentos;</li> <li>- reforçar a autoestima;</li> <li>- reforçar as competências interpessoais;</li> <li>- Desenvolver a capacidade de se colocarem no lugar do outro (empatia);</li> <li>- Desenvolver a capacidade intelectual;</li> <li>- Promover o espírito de equipa e entre ajuda;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-computador;</li> <li>-retroprojektor;</li> <li>-papel cenário;</li> <li>- folhas brancas</li> <li>-cartolina;</li> <li>-cola;</li> <li>-marcadores;</li> <li>-fita-cola.</li> </ul>

### Atividades propostas para o mês de Março

6 de março (Bairro do Lagarteiro)	7 de Março (Bairro do Contumil)	13 de Março (Bairro do Lagarteiro)	14 de Março (Bairro do Contumil)	20 de Março (Bairro do Lagarteiro)	21 de Março (Bairro do Contumil)
Atividade “Aprender brincando” (sessão III) Tema: : O que fazer se for vítima de violência?	Atividade “Aprender brincando” (sessão III) Tema: O que fazer se for vítima de violência?	Atividade “Aprender brincando” (sessão IV) Tema: Papel do homem e da mulher na comunidade cigana.	Atividade “Aprender brincando” (sessão IV) Tema: Papel do homem e da mulher na comunidade cigana.	Atividade “aprender brincando” (sessão V) Tema: retratar os vários tipos de maus tratos.	Atividade “aprender brincando” (sessão V) Tema: retratar os vários tipos de maus tratos.

### Descrição das atividades do mês de Março

Atividade	Data	Público alvo	Descrição	Objetivos	Recursos
<b>Atividade “Aprender brincando (sessão III)” O que fazer se for vítima de violência?</b>	6 e 7 de Março de 2018	Pré- adolescentes (idade 8 aos 12 anos) do Bairro do Contumil e Lagarteiro	<p>Iniciarei com uma dinâmica intitulada por “auto-estima”. Todos os membros do grupo terão um papel afixado às costas, nesse papel cada um dos elementos terá que escrever algo positivo sobre essa pessoa. No fim, cada um dos elementos vai ler o que lhe escreveram nas costas, referindo como se sentiu com o que o grupo proferir sobre ele.</p> <p>Esta dinâmica pretende que todos escrevam aspetos positivos para que cada um sinta que os outros valorizam aspetos sobre si.</p> <p>Em seguida farei o jogo das setas, este será feito com balões, dentro de cada um terá rebuçados e frases sobre o que uma vítima ou terceiros devem fazer em caso de maus tratos ou conhecimento sobre estes. Para a realização deste jogo cada um dos elementos do grupo terá a oportunidade de arrebentar um balão e de ler o que está dentro dele. Em seguida, terão que pôr as frases dos balões e colar numa cartolina.</p> <p>Esta ficará exposta na sala, pois sempre que precisarem de se relebrar para onde devem ligar, ou pedir apoio, sejam vítimas ou não têm a informação acessível.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Reforçar a autoestima;</li> <li>- Reforçar as competências interpessoais;</li> <li>- Desenvolver a capacidade intelectual;</li> <li>- Valorização pessoal;</li> <li>- Reconhecimento do outro;</li> <li>- Reforçar os aspetos positivos;</li> <li>- Promover o espírito de equipa e entre ajuda</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- papel;</li> <li>-marcadores;</li> <li>-balões;</li> <li>-setas;</li> <li>-cadeiras;</li> <li>-rebuçados;</li> <li>-fita cola;</li> <li>-cartolina.</li> </ul>

<p><b>Atividade “Aprender brincando” (sessão IV)</b>  <b>Tema: Papel do homem e da mulher na comunidade cigana</b></p>	<p>13 e 14 de Março de 2018</p>	<p>Pré-adolescentes (idade 8 aos 12 anos) do Bairro do Contumil e Lagarteiro</p>	<p>O grupo irá estar sentado em volta de mesas e será distribuído uma tela e tintas, estes terão a oportunidade de expressar a visão que têm sobre o papel do homem e da mulher.</p> <p>Através da arte irão exprimir qual a imagem que têm do homem e da mulher, o que estes representam e o que gostavam que se alterasse.</p> <p>Esta é uma atividade que vai despoletar a descoberta de si mesmos, algo que venha da profundidade do seu ser e da sua essência. No final, quem desejar poderá exprimir verbalmente o que sentiu e o que emergiu durante esta ação.</p> <p>No final desta dinâmica irei distribuir um lanche como forma de agradecimento.</p>	<p>-Desenvolver a capacidade intelectual;</p> <p>- Explorar o lado criativo destas crianças;</p> <p>-Introspeção sobre os aspetos positivos e negativos da vida destas crianças.</p> <p>- conhecer os aspetos culturais.</p>	<p>- telas;  - tintas;  - cadeiras;  - mesa.</p>
--	---------------------------------	--	--	--	--

<p><b>Atividade “aprender brincando” (sessão V) Tema: retratar os vários tipos de maus tratos</b></p>	<p>20 e 21 de Março de 2018</p>	<p>Pré-adolescentes (idade 8 aos 12 anos) do Bairro do Contumil e Lagarteiro</p>	<p>O grupo irá estar sentado e terá que escolher o mau trato que quer representar, ao mesmo tempo em que a dinamizadora aponta no quadro as suas escolhas. Estes terão que escolher três tipos de maus tratos ( psicológico, físico e negligência). Quando o definirem terão que escrever frases para a campanha que irão representar.</p> <p>Após terminarem esta primeira parte, a dinamizadora irá tirar fotos que representem o mau trato escolhido por estes. O objetivo é criar uma campanha criada pelo grupo de forma a sensibilizá-los.</p> <p>Esta campanha será exposta em ambos os bairros.</p> <p>No final da atividade, irei oferecer um lanche como forma de agradecimento.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Prevenção de futuros comportamentos violentos;</li> <li>- Desenvolver a capacidade de se colocarem no lugar do outro (empatia);</li> <li>- Desenvolver a capacidade intelectual;</li> <li>- Promover o espírito de equipa e entre ajuda;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- cadeiras;</li> <li>-quadro,</li> <li>-giz;</li> <li>-máquina fotográfica;</li> </ul>
---	---------------------------------	--	--	--	---

### Atividades propostas para o mês de Abril

<b>10 de Abril (Bairro do Lagarteiro)</b>	<b>11 de Abril (Bairro do Contumil)</b>	<b>17 de Abril (Bairro do Lagarteiro)</b>	<b>18 de Abril (Bairro do Contumil)</b>	<b>23 de Abril (Bairro do Contumil)</b>	<b>24 de Abril (Bairro do Lagarteiro)</b>
Atividade “Aprender brincando” (sessão VI) Tema: Prevenção contra maus tratos	Atividade “Aprender brincando” (sessão VI) Tema: Prevenção contra maus tratos	Atividade “Aprender brincando” (sessão VII) Tema: Diferenças culturais.	Atividade “Aprender brincando” (sessão VII) Tema: Diferenças culturais.	Atividade “aprender brincando” (sessão VIII) Tema: Bullying	Atividade “aprender brincando” (sessão VIII) Tema: Bullying

## Discrição das atividades do mês de Abril

Atividade	Data	Público alvo	Discrição	Objetivos	Recursos
<b>Atividade “Aprender brincando (sessão VI)”</b> <b>Tema: Prevenção contra os maus tratos.</b>	10 e 11 de Abril de 2018	Pré-adolescentes (idade 8 aos 12 anos) do Bairro do Contumil e Lagarteiro	<p>Como estamos no mês da prevenção contra os maus tratos, decidi fazer uma atividade que o demarcasse.</p> <p>Inicialmente estes estarão sentados e verbalmente irão proferir os direitos das crianças. Eu irei ajudá-los, expondo os direitos das crianças na parede que estes já proferiram e outros que irei mencionar caso estes não os digam.</p> <p>Após esta parte inicial, o grupo num papel de cenário irá pintar o laço que simboliza a prevenção contra os maus tratos e irá escrever ao lado do laço os direitos da criança que estarão expostos na parede.</p> <p>No final, irei expôr esta atividade, que simboliza o trabalho que tenho feito com estas crianças ao longo destas semanas e o mês contra os maus tratos.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Reforçar as competências interpessoais;</li> <li>- Desenvolver a capacidade intelectual;</li> <li>- Conhecer os direitos da criança;</li> <li>- Promover o espírito de equipa e entre ajuda</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- papel de cenário;</li> <li>- tintas;</li> <li>- gódes;</li> <li>- cadeiras;</li> <li>- cola;</li> <li>- aventais;</li> <li>- fita cola;</li> <li>- cartolina.</li> </ul>

<p><b>Atividade “Aprender brincando” (sessão VII) Tema: Diferenças culturais</b></p>	<p>17 e 18 de Abril de 2018</p>	<p>Pré-adolescentes (idade 8 aos 12 anos) do Bairro do Contumil e Lagarteiro</p>	<p>O grupo irá estar sentado e terá duas fotografias identificadas com o número um e dois, uma corresponde ao cigano e outra ao caucasiano. O grupo terá nas mãos uma placa com o número um e dois. A dinamizadora irá colocar questões e estes terão que responder se consideram que corresponde ao cigano ou ao caucasiano levantando as placas. A cada resposta dada, irá haver uma reflexão e discussão.</p>	<p>-Conhecer a cultura cigana;  - conhecer a perspectiva que os ciganos têm sobre a cultura cigana e não cigana;  - Desenvolver a capacidade intelectual;  - reconhecimento do outro;</p>	<p>- Cartolina; - papel; - matrcador.</p>
--	---	--	--	---	---

<p><b>Atividade</b>  <b>“aprender brincando”</b>  <b>(sessão VIII)</b>  <b>Tema: Bullying</b></p>	<p>23 e 24 de Abril de 2018</p>	<p>Pré-adolescentes (idade 8 aos 12 anos) do Bairro do Contumil e Lagarteiro</p>	<p>Inicialmente a atividade inicia com uma dinâmica. O grupo irá se dividir em duas equipas com 4 elementos. Ambas tinham que desenhar um barco, sendo que, para o desenhar cada elemento tinha que desenhar um traço até o barco estar completo. A equipa que terminar em primeiro lugar recebe um prémio. Quando ambas as equipas terminarem o desenho do barco, teriam que o voltar a fazer, só que, desta vez um dos elementos de ambas as equipas estaria com os dois braços presos, outro elemento tinha os olhos vendados e os dois elementos restantes tinham um braço preso. A segunda vez que o grupo desenhar o barco vai sentir mais dificuldades, podendo até não conseguir terminar o desenho. No final da dinâmica haverá uma reflexão sobre esta e sobre o bullying.</p>	<p>Prevenção de futuros comportamentos violentos;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Desenvolver a capacidade de se colocarem no lugar do outro (empatia);</li> <li>- Desenvolver a capacidade intelectual;</li> <li>- Promover o espírito de equipa e entre ajuda</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-lenços</li> <li>- cadeiras</li> <li>-quadro</li> <li>- giz</li> <li>-papel</li> <li>-lápis</li> </ul>
---	---------------------------------	--	--	---	---

## **Anexo 5- Informação recolhida do focus grupos**

### **1ª atividade (16 participantes)**

**Na questão realizada ao grupo “quem é que de vocês já recebeu insultos por parte de outras pessoas”?**

13 destas crianças responderam que já receberam insultos.

**Como é que se sentiram ao recebê-los?**

11 destas crianças responderam que os insultos as magoavam, as deixavam tristes, as outras 5 disseram que lhes era indiferente ser insultadas, que não sentiam nada. Todos insultam e não se importam com isso, porque segundo estes os outros também lhes fazem.

Podemos perceber aqui que a violência é algo comum entre todos, os insultos já são desvalorizados, porque já fazem parte do seu dia a dia.

**Depois de ouvirem os vossos colegas a dizer como se sentiram, acham que isso é correto?**

Para estes não é correto, mas se os outros lhe insultam eles também o vão fazer. Conseguimos perceber que estes ainda não têm a noção do que é correto ou errado, não conseguem perceber que às vezes por sermos insultados e magoados o melhor ignorar e não responder da mesma forma.

**Para vocês o que é a violência?**

Para estes a violência só se resume à agressão física, não sabiam que o insulto é considerado uma violência psicológica e que deixa marcas muito maiores que a violência física.

**O que para vocês é a violência psicológica? O que é que para vocês é a violência física? O que é que para vocês é a negligência? O que é que para vocês é o abuso sexual?**

Aos diferentes tipos de violências responderam sempre que eram agressões, eu expliquei cada uma delas, ficando estes surpreendidos com a violência psicológica que não faziam ideia que era uma violência, porque é a que mais praticam entre eles.

Ao abordar estas problemáticas, uma das crianças referiu que já visualizou os pais a agredirem-se fisicamente.

Os comportamentos desta criança são violentos para com os colegas quer fisicamente, quer psicologicamente, já chegou inclusive a morder uma outra criança. estes comportamentos são o reflexo do que acontece no contexto familiar, é uma criança que necessita de muita atenção, o que me leva a pensar que não a tem em casa. É uma família instável, porque a sua mãe já teve vários homens, sendo que esta tem irmão, mas muitos são de outro pai e não residem com esta.

**“Entre marido e mulher não se mete a colher”**

Num jogo que realizei, continha a frase “entre marido e mulher não se mete a colher” ao qual eu pedi para eles me falarem sobre este provérbio e se concordavam. Por falta de tempo só consegui fazer esta questão ao grupo do bairro do Contumil.

As 8 crianças inicialmente responderam que não se metiam entre os pais se vissem violência, mas quando uma das jovens repensou e mudou a opinião referindo que se metia, todos os outros mudaram também de resposta. Visto que no bairro do Contumil a maioria das mulheres sofre de violência e não pode fazer queixa, devido à imposição cultural, penso que a resposta do não se metiam devia a isso mesmo, porque as respostas foram dadas por raparigas e já estão com a cultura imposta, sabendo que, não podem ir contra os homens.

Pelo que tenho percebido no bairro de Contumil são muito unidos, e muitas vezes não pensam por eles, vão atrás da resposta das amigas. E foi o que aconteceu aqui, porque inicialmente elas responderam, mas não ouviram opiniões, quando ouviram a da amiga a resposta alterou-se de imediato.



## **2ª Atividade (15 participantes)**

Coloquei um vídeo com uma chamada de uma criança para o 911 a pedir ajuda, porque o pai estava a bater na mãe e na irmã. Depois de o ouvirem questionei o grupo.

### **O que é que ouviram?**

Todos responderam que era uma menina a pedir ajuda, porque o pai estava a bater na mãe e na irmã mais nova.

### **O que fariam numa situação destas?**

Duas raparigas disseram que assistiam a violência em casa por parte do pai a bater na mãe. Uma delas referiu que não se metiam, quem o fazia era a irmã mais velha, mas que já bateu também na avó. Este comportamento leva-me a refletir, que como a avó é mais frágil esta sentiu que tinha o poder de o fazer, repetindo os comportamentos que vê em casa. Em casa esta sente que não tem poder e que é inferior e viu na avó uma forma de se sentir superior.

Esta rapariga é muito afetiva, necessita de extrema atenção e é violenta quer fisicamente (por exemplo, já mordeu a uma colega), quer psicologicamente. Não aceita

ser castigada, chora e fica revoltada. Os comportamentos desta criança, retrata o ambiente em casa.

A outra rapariga já diz que quando o pai fica violento que o agarra. Segundo esta o pai só fica violento devido ao álcool, a mãe segundo esta insulta-o dizendo que é bêbado. Não só é devido ao álcool que este é violento, como também quando pede dinheiro à mulher e esta não lhe dá, pois quem o gere é ela, dando-lhe um x por dia. Mas quando este o gasta todo e pede mais fica revoltado e violento por a mulher lhe negar o dinheiro.

Esta rapariga é uma “líder”, quer sempre fazer tudo, quer sempre ser a melhor e ficar por cima. Pelo que percebi a mãe não mostra que tem medo do pai e a filha também tem essa postura que não tem medo de nada. É uma rapariga que é mais violenta a nível psicológico do que físico. É muito protetora dos seus amigos, mas quando não fazem parte do seu grupo insulta as outras crianças.

Seis das crianças responderam que numa situação destas não se metiam e não ligavam à polícia, com medo que o pai fosse preso, que o que faziam era chorar para o pai ter pena delas ou falavam com alguém da família para as ajudar.

Uma das crianças (rapaz) respondeu que se metia entre o pai e a mãe para os separar.

Estas respostas levam-me a refletir que na cultura cigana já está muito enraizada o papel do homem e da mulher e que preferem que a mãe esteja a ser vítima de violência a fazer queixa à polícia, pois o importante é a figura do pai.

6 das crianças, não se pronunciaram sobre o assunto. É difícil retirar informação sobre este tema com crianças da cultura cigana, porque em casa já está incutido que não se pode falar do que se passa dentro de casa com outras pessoas.

### **Como se sente uma vítima?**

Todos responderam triste, medo, pânico, aflita.

### **Jogo do party**

Tinha questões sobre a violência e atividades que eles tinham que realizar para reforçar laços e autoestima.

Numa das perguntas do jogo “**É normal os casais gritarem**”, todos responderam que sim, porque é normal um casal discutir e que às vezes se exaltam e

gritam. Ao ouvir estas respostas referi que pode haver conflitos, mas que não é preciso gritar para os resolver.

Há pergunta “**Quanto mais me bates mais eu gosto de ti**” todos responderam que discordavam com esta frase, porque não se deve bater para provar o amor. Perante isto, fiz-lhes refletir que tanto um casal gritar que para eles é normal como bater é considerado violência, sendo violências diferentes. Sendo que estes desvalorizam a violência psicológica.

Para eles a violência mais presente e que eles conhecem mais é a física. Não tendo noção de que a psicológica é a que deixa mais marcas. O que me faz pensar que como é tão desvalorizada que é uma violência presente na vida de todos eles.

Quando abordei o **teste da virgindade**, estes referiram que é sagrado, dizendo que é pior perder a virgindade com um homem a penetrá-las, do que ser uma mulher a pôr os dedos até elas sangrarem, pois isso é sinal que são puras e isso tem muito valor.

Em relação ao **papel do homem e da mulher** todos responderam que a mulher tem que obedecer ao homem, que trata dos filhos, da casa, das contas, os homens são os chefes.



### Atividade 3 (16 participantes)

Inicialmente o grupo teve uma dinâmica em que tinham que escrever elogios num papel afixado nas costas de todos os colegas.

Depois de o fazerem tinham que ler os elogios escritos pelos colegas e dizerem como se sentiram.

#### “Como se sentiram a ler os elogios?”

4 das crianças responderam que aquilo que escreveram sobre elas não correspondia à realidade, porque se viam de maneira diferente, viam-se de forma mais negativa, ficando surpreendidas com o que escreveram sobre elas.

12 das crianças gostaram dos elogios e ficaram contentes com as opiniões dos colegas, porque lhes fizeram sentir bem e também se sentiram bem ao elogiar os outros.

Muitas vezes estas crianças ficam surpreendidas com os elogios, porque estão habituadas a que os colegas lhes insultem mais do que as elogiem. O ser humano tem a tendência a criticar muito mais facilmente do que a elogiar, e daí trabalhar também essa parte com as crianças. Dizer coisas boas sobre os outros, também é algo bom, não precisam estar sempre a insultarem-se e a magoarem-se.

#### O que fazer em caso de violência? Para quem devo ligar e pedir ajuda?

Numa segunda parte trabalhei com eles o que deviam de fazer em caso de violência, para que ligar. Todos estes perceberam o que deviam de fazer numa situação destas ou até mesmo se alguém tivesse a passar por isto.



## Atividade 4 (14 participantes)

Através da arte, pedi para o grupo representar o papel da mulher e do homem numa tela.

Depois de o realizarem, fizemos uma reflexão, em que coloquei algumas questões:

### Como retrataram o papel do homem e da mulher?

Todos desenharam que o papel da mulher era cuidar dos filhos e fazer a lida doméstica, enquanto que o dos homens é dormir e estar na feira. Segundo estes, os homens são superiores, dão todas as ordens e não fazem nada em casa, já as mulheres têm que fazer tudo (gerem o dinheiro, tomam conta dos filhos e dos homens e fazem a lida doméstica).

### Concordam com os papéis do homem e da mulher na comunidade cigana?

10 das crianças responderam que concordavam com o papel do homem e da mulher e que não mudavam nada. As raparigas (8) concordam que o papel delas era fazer toda a lida doméstica, cuidar dos filhos e que o dos homens era estarem no sofá, sem as ajudar enquanto elas lidam com tudo. Os 2 rapazes responderam que não iam fazer nada em casa, que isso é o papel das mulheres e que o deles é mandar.

Isto permite-me pensar que estes papéis já estão muito vinculados nestas crianças, não tendo a capacidade de perceberem que não há mal nenhum o homem ajudar a mulher. Para eles os homens não o têm que fazer, nem o farão porque são chefes, são dominantes.

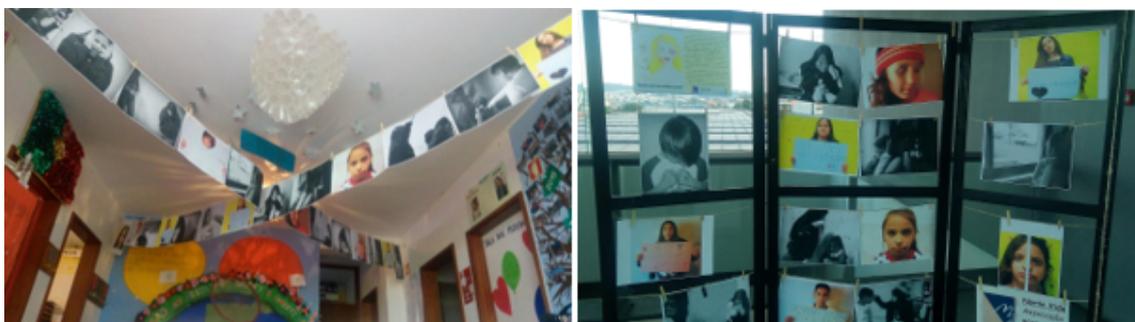


## Atividade 5 (12 participantes)

Realização de uma campanha sobre a representação dos maus tratos pelas crianças e jovens do bairro do Lagarteiro e do Contumil que irá ser exposta no mês do junho em ambos os bairros e no metro do estádio do dragão nas últimas duas semanas do mesmo mês.

Tiveram que organizar uma campanha através de cartazes e de fotografias, todos eles participaram dizendo frases sobre a violência que irão estar expostas juntamente com todo o trabalho criado por eles.

Todos eles ficaram entusiasmados por participarem nesta atividade e mostrarem às pessoas como a violência é algo errado.



## Atividade 6 (14 crianças)

Como o mês de abril é o da prevenção dos maus tratos a crianças e jovens, fiz com estes uma atividade para simbolizar este mês. Abordamos os direitos das crianças e

dos jovens, explicando-lhes o que cada um significava e depois eles pintaram no papel de cenário o símbolo do laço e colocaram as mãos ao lado deste com tintas.

Foi uma atividade muito divertida, porque as crianças gostam de pintar, principalmente com tintas. Ficaram a perceber os direitos que tinham e o simbolismo deste mês, visto que é algo que já venho a trabalhar com estes, desde a primeira atividade.



### **Atividade 7 (12 participantes)**

Para perceber a perspetiva das crianças sobre a cultura cigana e da caucasiana coloquei várias questões através de um jogo de fotografias com um cigano e um não cigano.

As questões colocadas foram:

#### **Qual o é o cigano? Qual é o senhor?**

A esta pergunta 9 responderam que o cigano era a fotografia do senhor e 3 responderam que o cigano era realmente a fotografia que correspondia ao cigano. Na visão deles, o homem apresentado da fotografia do senhor era sem dúvida o cigano. Como na maioria deles não conseguiram acertar na fotografia do cigano, isto mostra-nos que somos todos iguais, sendo nós ciganos ou não ciganos, que temos todos características em comum.

### **Como caracteriza fisicamente cada um deles?**

O cigano homem é gordo, bigode, moreno, cabelo preto, camisa aberta. A mulher tem cabelo grande e usa saias.

As respostas foram variadas referindo que o senhor é baixo, giro, cheiram mal, chapéu de padre, gravata, asseados, maus e zarolhos.

### **Como caracteriza psicologicamente cada um deles?**

O cigano é bom, inteligente, zangado, simpático, falador, implicativo, mente mais aberta, unidos, fortes e limpos.

O senhor é inteligente, moles, fixes, simpáticos.

### **Consideras os ciganos diferentes dos senhores?**

Sim, as leis, a fala, religião, casamento, o senhor demora muito a explicar, os ciganos são mais sucintos.

### **Qual é que valoriza mais a família?**

Os ciganos, porque estão sempre juntos, as festas, tradições, o casamento, o luto, quando alguém morre o luto é mais sentido do que pelos senhores.

### **Qual é que valoriza mais o casamento?**

Ciganos, por causa da tradição, a única situação que destacam nos senhores é os papéis que existem do divórcio, que nos ciganos isso não existe.

### **Qual é o mais discriminado?**

Ciganos, os senhores são todos racistas, já nos sentimos discriminadas pelos senhores, nunca nos dão trabalho, mas também sei que às vezes discriminamos.

### **Quem é que consegue subir mais na vida?**

Os senhores, têm logo trabalho, nós não continuamos na escola depois do 9ºano, porque somos violadas pelos senhores e depois não somos puras para casar. Nós também não estudamos, porque não gostamos.

### **Quem é que consegue alcançar os objetivos?**

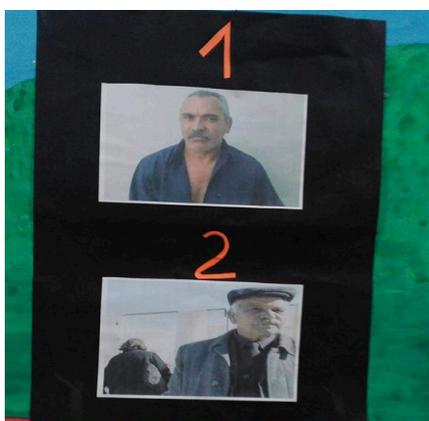
Os senhores, porque vão para a faculdade e nós não vamos e depois não nos dão trabalho.

**Com quem te pareces mais? Em que aspetos?**

Ciganos, em todos os mencionados.

**Se pudesses mudar alguma coisa em ti, o que mudavas?**

Queria ser melhor a falar português, mudava a atitude, queria ir para a faculdade ser juíza, gostava de fazer isso tal como os senhores.



**Atividade 8 (12 participantes)**

A atividade sobre o Bullying consistia em fazer entender ao grupo que todos somos diferentes e o que sentiam se tivessem incapacidades físicas. Para tal, o grupo teve que desenhar um barco primeiramente com nenhuma incapacidade e em seguida fazer o mesmo, mas com os olhos vendados, sem braços e sem um braço. Quando terminaram a atividade realizei questões para os fazer refletir:

**Sentiram dificuldades a realizar o barco da segunda vez?**

Todos responderam que sim, porque não viam, nem tinham braços.

**Como é que vocês lidam com pessoas com dificuldades?**

A esta pergunta seis das crianças responderam que existe uma rapariga na escola que tem uma deficiência no lábio e tem dificuldades na fala, às vezes gozamos com ela,

mas é a brincar. Abordei o grupo, que temos que aceitar as diferenças dos outros e que mesmo quando gozam na brincadeira que a rapariga pode ver isso de outra perspetiva.

As outras 6 responderam que ajudavam os meninos que eram diferentes.

### **Será que nós também não temos uma pequena deficiência?**

Todos responderam que sim, uns que tinham uma deficiência nos olhos, outros que tinha um braço ou uma perna maior que a outra.

### **Muitas vezes há pessoas que fazem Bullying por as pessoas serem diferentes. Sabem o que é o Bullying?**

Todos que responderam que sim, que era violência, física e psicológica.

### **Sabem o que o Bullying provoca?**

Sim, tristeza, isolamento, medo, não querem ir à escola. Uma das raparigas respondeu que se gozassem com ela que ela sabia se defender e que isto só acontece a quem não o sabe fazer.

Tentei fazê-la entender que todos somos diferentes e que existem pessoas que têm mais dificuldades que outras em defender-se.

## **Parte II**

Realizou-se uma dinâmica de grupo que consistia na passagem de uma barreira. Todos os elementos do grupo tinham que a passar. Só seria possível com a ajuda do grupo. No final da atividade, fez-se uma reflexão com o intuito de perceber se eles entenderam o objetivo desta dinâmica. Todos responderam que não seria possível passar a barreira sem a ajuda do grupo. Conseguiram perceber que na vida precisamos dos outros, não conseguimos fazer as coisas sem a ajuda dos outros.



## **Anexo 6- Consentimento informado**

### **Consentimento informado**

#### **Informação geral**

O meu nome é Bárbara Martins, encontro-me a realizar o mestrado de Intervenção com crianças e jovens em situação de exclusão, no Instituto Superior de Serviço Social do Porto.

No âmbito do meu estágio curricular, estou a realizar um estudo sobre a violência sob a criança e o jovem em contexto familiar nos bairros do Lagarteiro e de Contumil.

Assim, pretendo realizar uma entrevista com o objetivo de perceber a visão da comunidade cigana sobre a violência, obter conhecimento sobre esta cultura e compreender a visão de duas gerações diferentes sobre este problema social.

#### **Qual a duração esperada da minha participação?**

O meu estudo tem início no mês de Abril até Junho.

#### **A participação do entrevistado é voluntária?**

Pode decidir se quer ou não ser entrevistado.

#### **Possíveis riscos na participação do entrevistado?**

A participação não traz nem implica nenhum risco.

#### **Como é assegurada a confidencialidade dos dados?**

Finalidade académica, os dados são anónimos.

#### **O que acontecerá aos dados quando a investigação terminar?**

Serão apagados.

**Assinatura do participante:**

## **Anexo 7- Entrevista das sete mulheres cigana**

### **Guião da Entrevista**

Esta entrevista tem como público-alvo mulheres e homens da comunidade cigana, residentes do bairro de Contumil, com idades compreendidas entre os 27 e os 40 anos.

Esta tem como objetivo perceber a visão da comunidade cigana sobre a violência, obter conhecimento sobre esta cultura, compreender a visão de duas gerações diferentes sobre este problema social e a influência da sua visão sobre os seus progenitores.

### **Caracterização da população cigana**

1. Quais são as características mais distintivas da comunidade cigana?
2. Qual o papel da mulher na comunidade cigana?
3. Como é vista a mulher pelo homem cigano?
4. Acha que a população cigana é muito diferente da não cigana?
5. Em que aspetos é que se distingue da não cigana?
6. A comunidade cigana tem mudado nas últimas décadas? Que mudanças ocorreram?
7. Pode explicar a lei cigana?

### **Caracterização habitacional**

1. Gosta de residir no bairro? Porquê?
2. Salienta algum problema no seu alojamento? Qual?
3. Como é a relação dos moradores do bairro?

### **Relação familiar**

1. Como descreve o conceito de violência?
2. Como é a relação entre o homem e a mulher da cultura cigana? Na cultura portuguesa existem muitos casos de violência doméstica, na cultura cigana também acontece isto?

3. Suponhamos que era vítima de maus tratos ou conhecia alguém que era, o que faria nessa situação?
4. Alguma vez os seus filhos foram violentos para alguém na escola? Se sim como reagiu e o que fez?
5. Qual é a sua opinião sobre esta afirmação “ quanto mais me bates mais eu gosto de ti”
6. Qual é a sua opinião sobre esta afirmação “é normal os casais gritarem”

## **Entrevista 1**

40 anos

### **Caracterização da população cigana**

#### **1. Quais são as características mais distintivas da comunidade cigana?**

*O luto é mais rígido, as vestes, não vamos ao shopping, restaurante, não vemos televisão e não ouvimos música. Só a partir dos 9/ 10 meses é que podemos começar a ir ao restaurante e assim. O luto para os homens é igual. A gente temos que fazer o respeito para depois termos o respeito. O casamento, mas agora está um lixo, casam e descasam, apesar de não ser aceite, há famílias que já permitem. As mulheres ciganas não podem fumar, não podem beber, embora já bebemos numa festa de natal, mas em festas que não são da família já não. Agora também já existem umas que fumam às escondidas, que é por causa da curiosidade, mas é raro. Já os homens podem fazer tudo.*

#### **2. Qual o papel da mulher na comunidade cigana?**

*Temos que manter a ordem em casa, o que homem diz para fazermos é para o fazermos, a gente às vezes também não concorda com o que eles dizem. Nós também dirigimos a vida e eles é que comandam.*

#### **3. Como é vista a mulher pelo homem cigano?**

*Há muitos homens que valorizam as suas mulheres e a outros que não. Quando a valorizam dizem que são boas mulheres, que é para a vida, ouvem as nossas opiniões.*

*Quando não nos dão valor não nos incluem em nada, temos que obedecer a tudo. O meu marido valoriza-me permite-me dar a minha opinião.*

**4. Acha que a população cigana é muito diferente da não cigana?**

*Um bocado, sim.*

**5. Em que aspetos é que se distingue da não cigana?**

*Não deixo as minhas filhas irem para certos sítios sozinhas, não dou liberdade, não fui criada assim, também não deixo as minhas filhas serem criadas assim. Em relação à escola, eu quero que elas vão, mas fora do bairro já não lhes permito ir, porque o povo começa a falar delas, aí elas vão para a escola é para namorar, deve ter algum namorado, depois fazem asneiras e por umas pagam todas. Vocês têm uma liberdade que nós já não temos, ir para a noite, nós não vamos, fica feio, quando elas casarem vão com os maridos, sozinhas não. O casamento também é diferente.*

**6. A comunidade cigana tem mudado nas últimas décadas? Que mudanças correram?**

*Olhe muitas, o casamento, antes casavam com o marido e era até a morte, agora não, mantinha-se aquele respeito, ele podia ser vadio, alcoólico, espancá-la, elas aguentavam e agora não. As mães querem dar mais liberdade e depois ficam faladas porque querem. A carta da condução também, agora as mulheres já podem tirar, a roupa agora até já está demais, vestem mini saís, calças, tops, antes isto não acontecia.*

**7. Pode explicar a lei cigana?**

*Por exemplo, vou explicar o luto, hoje já não se anda a cumprir tanto, mas os antigos ainda cumprem muito o luto. As mulheres no mínimo durante um ano não podem ver televisão, nem música, têm que dormir no chão e andar de preto para sempre, pois significa que não podemos ter mais ninguém. Se alguém quiser refazer a vida, tem que fugir, é logo mal visto, claro que isto é aplicado só as mulheres, porque os homens podem refazer a vida deles. No trabalho somos os dois que controlamos, a mulher e o homem só podem trabalhar nas feiras, apesar de qua agora já podemos ter*

*outro tipo de trabalho como limpar casas. Porque se tivermos outro trabalho sem ser nas feiras começam logo a dizer que vamos trabalhar para o pé dos senhores. O facto de agora a vida estar tão difícil obriga-nos a trabalhar sem ser nas feiras, já não é tão mal visto. Apesar de haver sempre ainda falatório por uma pessoa ter trabalho sem ser nas feiras.*

### **Caracterização habitacional**

#### **1. Gosta de residir no bairro? Porquê?**

*Sim, porque sempre tive aqui, já estou há 25 anos. Aqui dámo-nos todos bem, somos unidos, há entendimento que é o principal.*

#### **2. Salienta algum problema no seu alojamento? Qual?**

*Sim, a humidade.*

#### **3. Como é a relação dos moradores do bairro?**

*Dou-me bem com todos, quer seja da minha raça ou da tua.*

### **Relação familiar**

#### **1. Como descreve o conceito de violência?**

*Para mim violência é bater, existe aquela que não é bater que ainda é pior, é o falar palavras, esse dói mais, ou seja, a psicológica, e o desprezo mata, mais que a porrada.*

#### **2. Como é a relação entre o homem e a mulher da cultura cigana? Na cultura portuguesa existem muitos casos de violência doméstica, na cultura cigana também acontece isto?**

*Nós não consideramos a violência como um crime, mas isso não quer dizer que goste e existe imensos homens aqui que batem nas mulheres. Nós nunca fazemos queixa à polícia não podemos, porque isso quer dizer que querem outro homem. Existem os nossos mais velhos para nós fazermos queixe e eles irem ralhar com eles. Às vezes resulta outras não. Eles batem porque estão bêbados e porque nós os confrontamos com opiniões diferentes. Para a gente é mau porque um homem pode dar uma chapada e um pontapé à mulher. Tem que se valorizar a mulher.*

**3. Suponhamos que era vítima de maus tratos ou conhecia alguém que era, o que faria nessa situação?**

*Tentava ralhar, fazia entender que a vida não é assim, que não é só porrada, porque nós não podemos fazer queixa, porque isso é sinal que não queremos o marido. Ouve uma que foi fazer queixa e que ficou sem o marido e sem os filhos pela lei cigana. O marido batia-lhe a ela e as crianças foram obrigadas a ficar com o pai na mesma.*

**4. Alguma vez os seus filhos foram violentos para alguém na escola? Se sim como reagiu e o que fez?**

*Houve uma vez que me vieram fazer queixa da minha filha e eu ralhei para ela não fazer o mesmo, mas também lhe disse tu bateres não, mas se te baterem também não te deixes ficar.*

**5. Qual é a sua opinião sobre esta afirmação “quanto mais me bates mais eu gosto de ti”**

*Não, porque acho que o bater, sei lá, bater para quê? Uma pessoa fica mais revoltada.*

**6. Qual é a sua opinião sobre esta afirmação “é normal os casais gritarem”**

*Sim, também berro às vezes, ele berra e eu também berro.*

## **Entrevista 2**

34 anos

### **Caracterização da população cigana**

**1. Quais são as características mais distintivas da comunidade cigana?**

*As tradições, a mulher tem que casar virgem, na hora de casar as pessoas mais velhas têm de ver se ela é virgem ou não, as mulheres não podem sair tanto, hoje em dia até já têm mais liberdade que antigamente. Na educação a mulher não segue com o estudo em frente, vai até ao 9ºano, porque quando uma mulher é adulta com outras pessoas misturadas pode-se envolver, ou seja, começar a gostar de alguém e pode vir*

*a ter problemas por causa disso, podem fazer asneiras com as pessoas antes de casar, e casar virgem é um orgulho.*

## **2. Qual o papel da mulher na comunidade cigana?**

*Tratar da casa, despachada, limpa, cuidar do marido e dos filhos, das contas, há mulheres que são mais apagadas e há as mais atrevidas e despachadas, que são as que tratam de tudo, as outras não sabem fazer quase nada.*

## **3. Como é vista a mulher pelo homem cigano?**

*Uma escrava, porque temos que fazer tudo, eles trabalham nas feiras e até podem ter outros negócios, eles arranjam sempre negócios, mas nós normalmente levamos tudo às costas, nós preocupamo-nos mais com a vida. As pessoas dizem que nós não queremos trabalhar, mas não é bem assim, porque ninguém nos dá emprego, nós estamos inscritas no centro de emprego, só somos chamadas para cursos, eu queria ter um trabalho e ganhar um ordenado. Um cigano entra em algum lado para pedir trabalho e dizem que depois entram em contacto connosco e nunca mais entram. Os portugueses têm uma maneira de pensar sobre nós e não nos abrem as portas. Eu queria estar bem na vida e não queria estar nesta situação que estou.*

## **4. Acha que a população cigana é muito diferente da não cigana?**

*Sim.*

## **5. Em que aspetos é que se distingue da não cigana?**

*Questão de trabalho que já referi anteriormente, sentimo-nos discriminados, por exemplo, nos restaurantes, em Lisboa há certos restaurantes que não aceitam a entrada de ciganos. Quando se trata da etnia cigana se um erra todos são iguais e nós não somos.*

## **6. A comunidade cigana tem mudado nas últimas décadas? Que mudanças ocorreram?**

*Muita coisa, uma mulher tirar a carta de condução, antes não havia nada disso, as roupas antes se vestissem uma saia curta era logo um falatório, agora já não.*

*Antigamente se fossemos para a baixa sozinhas iam logo pensar coisas, não o podíamos fazer, agora já não, já podemos. Casar com uma pessoa que não era cigana antigamente não era permitido, agora já se pode.*

#### **7. Pode explicar a lei cigana?**

*Casar virgem é o mais importante da tradição cigana. As mulheres não podem fumar e beber só em festas. Os homens já o podem fazer. Uma mulher fumar meu deus, mas pode traficar droga desde que não consuma. Às vezes ao jantar bebo um copo de vinho, mas é raro, não pode acontecer diariamente. Se beberem diariamente são logo faladas. Mas por exemplo, em São Roque há lá ciganos que não são como nós. Existem vários tipos de ciganos, os romenos, os xabotos, galegos que é o que sou. Os xabotos já podem fumar as mulheres. Eu acho que os romenos também não fumam, eles também são diferentes de nós, as roupas são aquelas saias compridas e lenços na cabeça, não podem mostrar o corpo, só o podem fazer para o homem.*

#### **Caracterização habitacional**

#### **8. Gosta de residir no bairro? Porquê?**

*Gosto, damo-nos todos bem, não estamos sozinhas, saímos na rua e falamos com pessoas, somos unidos. O problema é que aqui não há muita privacidade, tudo se sabe aqui. No lagarteiro eles são mais fechados, não há esta união.*

#### **9. Salienta algum problema no seu alojamento? Qual?**

*Gostava de ter uma casa maior.*

#### **10. Como é a relação dos moradores do bairro?**

*Boa, somos todos unidos.*

#### **Relação familiar**

#### **1. Como descreve o conceito de violência?**

*É uma coisa horrível, não devia de existir, devia de ser tudo paz, carinho e amor. Não gosto de ver ninguém a bater, fico maluca com isso. As palavras também são horríveis, prefiro levar uma chapada a me digam certas coisas. Em relação aos maridos prefiro que ele me de uma sapatada ou duas do que me diga certas coisas que*

*diz. O marido pode dizer tudo à mulher e nós não podemos responder, porque nós não temos esse direito, eles são superiores e nós temos que ouvir e aceitar.*

- 2. Como é a relação entre o homem e a mulher da cultura cigana? Na cultura portuguesa existem muitos casos de violência doméstica, na cultura cigana também acontece isto?**

*Há casais que se dão mal, que o cigano bate na mulher.*

- 3. Suponhamos que era vítima de maus tratos ou conhecia alguém que era, o que faria nessa situação?**

*Fazemos queixa ao sogro e assim, agora ir à polícia fazer queixa isso é horrível na nossa cultura, somos logo fal2adas, somos vistas como se fossemos umas pessoas horríveis.*

- 4. Alguma vez os seus filhos foram violentos para alguém na escola? Se sim como reagiu e o que fez?**

*Eles já brigaram e eu ralhei com ele e disse que não queria que repetisse.*

- 5. Qual é a sua opinião sobre esta afirmação “quanto mais me bates mais eu gosto de ti”**

*Não concordo, porque o homem não pode bater à mulher nem a mulher ao homem.*

- 6. Qual é a sua opinião sobre esta afirmação “é normal os casais gritarem”**

*Sim é normal, eu às vezes grito.*

### **Entrevista 3**

27 anos

#### **Caracterização da população cigana**

- 1. Quais são as características mais distintivas da comunidade cigana?**

*O casamento, o noivado, a união que existe entre nós, somos muito preocupados uns com os outros. Quando alguém vai para o hospital, nós também vamos para lá.*

**2. Qual o papel da mulher na comunidade cigana?**

*Criar os filhos, dar uma educação adequada, fazer a lida doméstica, gerimos a vida financeira.*

**3. Como é vista a mulher pelo homem cigano?**

*Dão muito valor as mulheres, os homens para a comunidade são os principais, mas para mim nós é que somos, porque sem nós eles não conseguem fazer nada, nós é que fazemos tudo.*

**4. Acha que a população cigana é muito diferente da não cigana?**

*Em vários aspetos sim.*

**5. Em que aspetos é que se distingue da não cigana?**

*Nós somos discriminados, ninguém nos dá trabalho, a maneira como nos vestimos, temos que casar virgens.*

**6. A comunidade cigana tem mudado nas últimas décadas? Que mudanças ocorreram?**

*Sim, a mulher é mais independente, eu sempre fiz o que quis, o meu marido nunca me restringiu, mas os meus antepassados não havia mulheres com carta de condução, as vestimentas mudaram muito, agora as raparigas novas vestem tops curtos e calções e no tempo da minha avó não era assim, não se podia usar roupas curtas, na praia ainda usamos fatos de banhos com calções, não podemos usar biquíni, só até aos 12 anos, quando ainda não são mulheres. A nível da educação também já evoluiu, eu só fui até ao 7º ano e a minha irmã agora vão até ao 10º ano. Se as minhas filhas quiserem ir para a faculdade eu não me importo, mas lá está também temos que olhar para o pensamento dos ciganos, que normalmente elas perdem o respeito. Quando nós chegamos aos 16/17 nós já pensamos no noivado, vocês não, porque são mais liberais, podem andar de mãos dadas e nós não, por isso é que nós casamos mais cedo.*

*Eu quero que a minha filha case com um cigano, não é ser racista, mas não quero que ela case com um senhor, porque perde o valor. A comunidade ao início não aceita muito bem, mas mesmo que aceite, não é a mesma coisa, não podem participar em certas festas.*

## **7. Pode explicar a lei cigana?**

*Já fui explicando nas questões anteriores, o casamento que só casa quem é virgem, depois também atiramos o ramo, mas só pode apanhar as virgens; a mulher tem que trabalhar para o homem, faz tudo em casa, cuida dos filhos e a escola que não podemos andar depois de sermos mulheres, porque não são bem vistas pelo bairro.*

## **Caracterização habitacional**

### **1. Gosta de residir no bairro? Porquê?**

*Sim, porque é um bairro que não somos discriminados, nós brincamos com toda a gente, sendo ciganos e não ciganos, a xxxx entra na minha casa e você sabe que ela não é cigana, tem as chaves de minha casa e tudo. O do Lagarteiro tem muita divisão, os ciganos de lá são de dois tipos, uns são do Alentejo e outros são de cá, mas os do Alentejo são mais puxados.*

### **2. Salienta algum problema no seu alojamento? Qual?**

*Não, eu gosto da minha casa só queria era que fosse maior, mas gosto.*

### **3. Como é a relação dos moradores do bairro?**

*Boa, dou-me com toda a gente, tenho todo o tipo de amigos, de raça negra, não ciganos e até tenho pessoas já de idade que se metem sempre comigo, para conversar, brincar. As raças negras e ciganas sofrem muito de preconceito, os ciganos é sempre os que roubam, uma rapariga de raça negra quando nasceu o filho veio a minha casa mostrar-me, a cabeleireira fez vídeo chamada para me mostrar também a sua filha. Tenho muitas amigas.*

## **Relação familiar**

### **1. Como descreve o conceito de violência?**

Verbal, psicológico e físico.

**2. Como é a relação entre o homem e a mulher da cultura cigana? Na cultura portuguesa existem muitos casos de violência doméstica, na cultura cigana também acontece isto?**

*Pode acontecer, no meu caso isso não acontece, há de tudo um pouco. Se houvesse alguém a sofrer de violência da cultura cigana, nós não podemos fazer queixa, pedimos ajuda a um cigano mais velho, que é chamado o cigano da lei.*

*Nós somos mal vistas se pedirmos ajuda e podemos causar vários problemas, só podemos mesmo pedir ao cigano da lei. Nós agora tivemos um caso de violência doméstica e ela chamou a polícia e o marido podia levar 10 anos de cadeia, mas ele não foi preso, mas teve que ficar separado da mulher e ela agora está mal vista. Nem podia agora ter mais nenhum homem, mas deve ter, porque ainda é nova. O homem já casou, nestes aspetos eles são mais liberais, porque nós perdemos o respeito por casarmos duas vezes, nós só podemos levar um homem, escolhido por nós, na altura da minha avó eram os pais que decidiam.*

**3. Suponhamos que era vítima de maus tratos ou conhecia alguém que era, o que faria nessa situação?**

*Tinha que falar com ela para pedir ajuda ao cigano mais velho, eu não posso fazer nada. Se eu tivesse a sofrer de violência ia chamar o mais velho, porque nós temos um grande respeito pelos mais velhos. Não existe abandono de idosos na nossa comunidade, nós nunca punhamos um idoso num lar.*

**4. Alguma vez os seus filhos foram violentos para alguém na escola? Se sim como reagiu e o que fez?**

*Não, mas a minha filha já andou à porrada e eu cheguei a escola tal como os pais do outro menino e eu disse que eu colocaria a minha filha de castigo se o outros pais também colocassem o filho deles de castigo, porque ela não ia andar à porrada sozinha, teve que haver alguma coisa, a minha filha ficou de castigo, a partir daí nunca mais tive queixas de que ela andou à porrada.*

**5. Qual é a sua opinião sobre esta afirmação “quanto mais me bates mais eu gosto de ti”**

*Não, porque não faz sentido, não faz sentido bater.*

**6. Qual é a sua opinião sobre esta afirmação “é normal os casais gritarem”**

*As vezes pode calhar, no calor da discussão pode haver um levantar da voz, eu às vezes estou aos berros com a minha filha, tenho que gritar, para ela ter consciência que tem que ter respeito por mim, ela está numa fase que eu tenho que me impor, porque ela quer o fazer, está nessa fase.*

## **Entrevista 4**

Idade:30

### **Caracterização da população cigana**

**1. Quais são as características mais distintivas da comunidade cigana?**

*Os ciganos não conseguem ter emprego, porque são mal vistos. Há coisa de 15, 16 anos o cigano era muito mal visto em todo o lado, somos discriminados. Eu estava a trabalhar num restaurante e mal souberam que eu era cigana, despediram-me logo. Há racismo contra os ciganos, e é por isso que nós recebemos o rendimento mínimo, porque ninguém nos dá trabalho. Eu antes preferia trabalhar e não ter rendimento.*

*Outro aspeto é a escola, tanto o cigano como o não cigano tem que andar na escola. Eu queria que as minhas filhas fizessem a escola até aos 18 anos, eu não tiro as minhas filhas, mas a minha irmã já vai tirar a filha para o ano, porque é uma mulher, já se pinta e se arranja e para não ir ninguém sem ser cigano atrás dela, eles tiram-na da escola para ver se ela casa com um cigano. Isto é a tradição, não quer que case com um não cigano. Mas eu não sou assim, mas a minha irmã já é, apesar de ter um filho que casou com um não cigano, mas isso é porque é homem e pode casar, uma mulher não.*

*O homem manda em tudo a mulher não manda em nada, nós somos submissas ao marido. Se o marido disser “não veste aquela calça, não veste aquela camisola” nós não vestimos. O meu caso, como casei com um não cigano ele não manda em mim, mas se ele fosse cigano tinha que obedecer.*

## **2. Qual o papel da mulher na comunidade cigana?**

*A mulher tem que arrumar, lavar loiça, tudo o que diz respeito à casa ela tem que fazer, arrumar os filhos, olhar pelo marido, ir trabalhar para as feiras, o marido conduzir a carrinha e ele vender, mas quem grita quem põe as coisas é a mulher.*

## **3. Como é vista a mulher pelo homem cigano?**

*O homem não faz nada, encosta-se ali e ali ficou, não é como a mulher que tem que trabalhar, o homem não é nada, só gere o dinheiro. É assim que somos vistas.*

## **4. Acha que a população cigana é muito diferente da não cigana?**

*Sim, claro.*

## **5. Se sim, em que aspetos é que se distingue da não cigana?**

*A lei cigana é muito diferente da vossa, se as mulheres quiserem sair com umas amigas à noite, ou a um jantar de natal por exemplo, os homens não deixam, já não podemos ir. O meu irmão é assim para a minha cunhada. Vocês podem tudo. Eu quando era solteira, mais nova, eu vinha da escola, arrumava as coisas e a casa para minha mãe e às 22h tinha que estar em casa, quando casei com um não cigano comecei a ter liberdade. Nunca fui para uma discoteca quando estive solteira, aliás nunca fui para lado nenhum sem o meu pai e a minha mãe. Eu não quero que as minhas filhas sofram por ser ciganas, não quero que andem sempre atrás dos pais, quero que elas trabalhem, que tenham a vida delas próprias. Elas não vão ser discriminadas, por mim e pelo pai elas podem ir à discoteca.*

## **6. A comunidade cigana tem mudado nas últimas décadas? Que mudanças ocorreram?**

*Já mudou muito, ciganos casam com não ciganos, já se vem ciganos com tatuagens e as mulheres já usam calças. A tradição do casamento é que não muda, a tradição da virgindade, vai morrer com eles.*

## **7. Pode explicar a lei cigana?**

*Eu acho que a lei cigana é uma lei estúpida, para mim não dá. A virgindade da mulher é muito sagrada, tal como a lei deles, que são todos os aspetos que eu já referi.*

### **Caracterização habitacional**

#### **1. Gosta de residir no bairro? Porquê?**

*Mais ou menos, gosto da minha casa não digo que não, mas se tivesse que sair dali saia.*

#### **2. Salienta algum problema no seu alojamento? Qual?**

*Sim, a falta de espaço que tenho em casa. Eu tinha que ter um quarto, mais um quarto, que não tenho, o meu filho mais velho dorme no meu quarto porque não tem jeito nenhum dormir na sala e eu durmo no quarto das minhas, somos muitos lá em casa.*

#### **3. Como é a relação dos moradores do bairro?**

*São pessoas mesquinhas e eu não estou bem com os vizinhos que tenho, isto de ser cigano e não cigano é como se nós não valéssemos nada.*

### **Relação familiar**

#### **1. Como descreve o conceito de violência?**

*É bater, tratar mal, chamar nomes, violência psicológica, posso lhe dizer que às vezes prefiro levar um estalo a ouvir certas palavras, as vezes é putas e vacas, andas com aquele, andas com outro e isto é violência doméstica. Eu tenho uma prima minha que disse ao sogro que o marido andava com outra mulher e o sogro bateu-lhe, porque ela não tinha nada que contar. Isto para mim é violência psicológica, mas para os ciganos não é. Isto para eles é nada.*

#### **2. Como é a relação entre o homem e a mulher da cultura cigana? Na cultura portuguesa existem muitos casos de violência doméstica, na cultura cigana também acontece isto?**

*O homem faz a mulher e a mulher faz o homem, eu ajudo o meu marido e o meu marido tem que me ajudar a mim, só que na lei cigana isto não é assim, a mulher*

*ajuda o marido e o marido não ajuda a mulher. O meu filho mais velho arruma-me a loiça e a casa e o meu irmão já não faz nada, é nestas coisas percebe, os ciganos não ajudam em nada.*

*Há muita violência na cultura cigana, as mulheres encobrem a violência por medo, porque se vai dizer ao sogro, fica sem os filhos, não é preciso ir a tribunal, é uma lei diferente da vossa.*

**3. Suponhamos que era vítima de maus tratos ou conhecia alguém que era, o que faria nessa situação?**

*Deve-se chamar a polícia, eu já sofri como sabem, eu estou sempre com um pé atrás agora. Ele sabe que tenho medo, e que se ele me tocar eu vou logo à polícia, mas se for a minha irmã a fazer isto e a chamar a polícia significa que já tem outro homem. A comunidade não vê isto como algo mau, vê só que ela tem outra pessoa. Se a minha cunhada levasse porrada do meu irmão eu dizia-lhe para ir à polícia, porque eu sei melhor que ninguém o que custa, mas para a minha mãe ou assim, isto significava que ela tinha algum homem. É uma vida complicada, a vida de cigana é complicada.*

**4. Alguma vez os seus filhos foram violentos para alguém na escola? Se sim como reagiu e o que fez?**

*Não, mas se fossem eu perguntava-lhes porque é que bateram, se alguém lhes bater, têm que se defender, mas se ninguém lhes bater, então não têm que o fazer, porque infelizmente as minhas filhas são massacradas na escola, já cheguei a pontos de ver as minhas filhas todas pisadas, elas sofriam nas mãos dos ciganos. Eu quero sair deste bairro por causa disto, pelas pessoas, e porque estão sempre a bater às minhas filhas. Chegou a pontos de as minhas filhas não quererem ir à escola e eu não quero isto, elas não são bonecos, são humanas como eles.*

**5. Qual é a sua opinião sobre esta afirmação “quanto mais me bates mais eu gosto de ti”**

*A lei cigana é assim, quem casar com aquele homem, tem que ficar com ele até ser velha, até chegar ao ponto de se ter que fechar os olhos, daí esta afirmação, os ciganos matem -se fieis.*

**6. Qual é a sua opinião sobre esta afirmação “é normal os casais gritarem”**

*É e não é, eu falo alto normalmente é o meu tom de voz, pode as vezes parecer que estou a gritar, mas não estou. Eu para mim, isto é, vergonhas, todo o mundo fica a saber que estamos a falar alto e se falarmos baixo ninguém fica a saber de nada, mas para os ciganos isto é normal.*

**Entrevista nº 5**

Idade: 39

**Caracterização da população cigana**

**1. Quais são as características mais distintivas da comunidade cigana?**

*Eu não sou cigana pura, casei foi com um homem cigano. A união é o que destaco nesta cultura, se uma pessoa vai para o hospital a comunidade vai logo para lá. Os casamentos são muitos diferentes, as ciganas têm que ir virgens, na lei é mesmo assim.*

**2. Qual o papel da mulher na comunidade cigana?**

*O papel da mulher é fundamental, nós temos mais cabeça que os homens. A mulher cuida da casa, dos filhos, o homem trabalha, mas a mulher gere o dinheiro.*

**3. Como é vista a mulher pelo homem cigano?**

*O homem não admite o valor que a mulher tem, o homem vê a mulher como uma peça fundamental na família.*

**4. Acha que a população cigana é muito diferente da não cigana?**

*Não, hoje em dia acho que não, os mais velhos têm sempre que cumprir a tradição como ela era, mas acho que hoje não, os mais novos já vivem de outra maneira.*

**5. Em que aspetos é que se distingue da não cigana?**

*Há certos aspetos que as distingue, as ciganas se estiverem de luto, têm de se vestir de preto, percebe-se logo pelo traje que são ciganas, o lenço, as saias cumpridas, percebe-se que não são senhores.*

**6. A comunidade cigana tem mudado nas últimas décadas? Que mudanças ocorreram?**

*Antigamente tinha que se casar cigano com cigano, hoje já está um pouco ultrapassado, já é permitido. Já se vê ciganas a trabalhar sem ser nas feiras, nas escolas, também já somos mais aceites.*

**7. Pode explicar a lei cigana?**

*Já vem da geração mais antiga, há leis que ainda se cumprem se morre um marido ou um filho, o luto é para toda a vida. A mulher se trair o homem é expulsa do bairro. Esta lei foi definida pela geração antiga. Quando existe um conflito entre os ciganos, vai-se aos ciganos mais velhos para se resolver a situação da melhor maneira.*

**Caracterização habitacional**

**1. Gosta de residir no bairro? Porquê?**

*Sim, é um bairro calmo, dou-me bem com toda a gente, precisava era de uma casa maior.*

**2. Salienta algum problema no seu alojamento? Qual?**

*A casa é muito pequena, somos sete pessoas a viver num T2.*

**3. Como é a relação dos moradores do bairro?**

*Dou-me bem com toda a gente, as pessoas são educadas, nunca tive nenhum problema no bairro.*

**Relação familiar**

**1. Como descreve o conceito de violência?**

*A violência não é só bater, há verbal, há muitos, só mesmo quem passa é que sabe aquilo que sofre, é algo muito complicado.*

**2. Como é a relação entre o homem e a mulher da cultura cigana? Na cultura portuguesa existem muitos casos de violência doméstica, na cultura cigana também acontece isto?**

*O cigano é muito contra a violência, apesar de haver muitos casos de maridos a bater a mulheres, mas em relação a violência a crianças, o cigano é muito contra.*

**3. Suponhamos que era vítima de maus tratos ou conhecia alguém que era, o que faria nessa situação?**

*Não sei, eu não gosto de violência, e só quem passa por isso é que sabe falar e o que fazer, eu só se estivesse no limite é que denunciava, muitas pessoas têm vergonha e medo e depois são mortas.*

**4. Alguma vez os seus filhos foram violentos para alguém na escola? Se sim como reagiu e o que fez?**

*Não.*

**5. Concorda com esta afirmação “quanto mais me bates mais eu gosto de ti”.**

*Esse é um ditado que eu não entendo, não se consegue explicar. O amor fala mais alto, porque há pessoas que são mesmo obcecadas, são ciumentas, e cometem estes erros, e as pessoas aceitam*

**6. Concorda com esta afirmação “é normal os casais gritarem quando discutem”**

*Sim, às vezes com os nervos, com os stresses, costuma ser normal, lá em casa acontece, acho que isso é normal. Nós achamos que isto é tão normal que nem tenho noção se estou a fazer bem ou mal, e não peço desculpa, já é a minha maneira de ser.*

## **Entrevista 6**

Idade:24

### **Caracterização da população cigana**

**1. Quais são as características mais distintivas da comunidade cigana?**

*A nossa lei, é muito diferente da vossa, a idade que a gente casa não é igual à vossa, não é obrigatório casar-se novo, mas é a nossa lei. Nós achamos que casar cedo é normal, vocês não. Hoje em dia também se está a mudar muita coisa, ir á escola já é algo normal, hoje todos os ciganos vão.*

**2. Qual o papel da mulher na comunidade cigana?**

*Dona de casa, cuidar dos filhos, é a responsável por tudo, fazer limpeza que os homens não fazem, cozinhar, apesar de haver hoje em dia já homens que cozinham, mas é mais o papel da mulher.*

**3. Como é vista a mulher pelo homem cigano?**

*A mulher é que é responsável por tudo, é assim que é vista.*

**4. Acha que a população cigana é muito diferente da não cigana?**

*Sim*

**5. Se sim, em que aspetos é que se distingue da não cigana?**

*Já referi alguns anteriormente, eu sinto-me ao mesmo nível que as não ciganas, sempre me senti igual, sou educada, sou igual a vocês, não me consigo sentir diferente.*

**6. A comunidade cigana tem mudado nas últimas décadas? Que mudanças ocorreram?**

*Sim, os casamentos, antes era uma obrigação os pais escolherem os noivos ou as noivas para os filhos, agora está diferente para melhor. O trabalho antes os ciganos não trabalhavam sem ser nas feiras, mas isso não era culpa nossa, mas sim vossa, porque vocês nos estigmatizavam. A vida da feira está cada vez pior e os nossos filhos têm que estudar para serem alguém na vida, antes saíamos muito cedo da escola.*

**7. Pode explicar a lei cigana?**

*Respeitamos muito as pessoas mais velhas e eu vejo muitas pessoas não ciganas que não respeitam nada as pessoas de idade, se houver um desentendimento entre famílias, as pessoas mais velhas metem-se nisso, respeita-se as decisões destas pessoas, e isso é uma lei, a lei sempre foi assim e isto tem que continuar, porque é algo bom, os mais velhos metem paz, quando acontece algo mau a pessoa mais velha vai meter paz, fazemos um tribunal e tomam as decisões.*

**Caracterização habitacional**

**1. Gosta de residir no bairro? Porquê?**

*sim, somos um bairro muito unido, há muita união.*

**2. Salienta algum problema no seu alojamento? Qual?**

*Não, gosto da minha casinha por acaso.*

**3. Como é a relação dos moradores do bairro?**

*É muito boa, dou-me bem com toda a gente.*

**Relação familiar**

**1. Como descreve o conceito de violência?**

*Violência para mim é bater.*

**2. Como é a relação entre o homem e a mulher da cultura cigana? Na cultura portuguesa existem muitos casos de violência doméstica, na cultura cigana também acontece isto?**

*Não sei referir, como eu não sofro não sei responder a essa pergunta, mas existe entre todas as etnias.*

**3. Suponhamos que era vítima de maus tratos ou conhecia alguém que era, o que faria nessa situação?**

*Se fosse comigo, eu separava-me dele, não ia ficar a viver nestas condições ainda para mais tendo crianças a ver.*

**4. Alguma vez os seus filhos foram violentos para alguém na escola? Se sim como reagiu e o que fez?**

*Sim o meu filho já foi violento na escola com outras crianças, andou à porrada e eu pus de castigo, sem bonecos, sem playstation e funcionou, não quer dizer que não se torne a repetir, porque é uma criança, mas ele sabe que se o fizer, que fica de castigo.*

**5. Qual é a sua opinião sobre esta afirmação “quanto mais me bates mais eu gosto de ti”**

*É o amor, a pessoa gosta muito da outra pessoa, não é correto, mas a meu ver isso é amor.*

**6. Qual é a sua opinião sobre esta afirmação “é normal os casais gritarem”**

*Não, para se conversar e para se chegar a algum sítio é preciso falar calmamente um com o outro, senão não se vai a nenhum sítio. Não digo que nunca*

*gritei, mas é raro. Quando há desavenças entre nós espero que os nossos filhos vão para a escola e falo com ele.*

## **Entrevista 7**

Idade:35

### **Caracterização da população cigana**

#### **1. Quais são as características mais distintivas da comunidade cigana?**

*As tarefas da casa dizem respeito à mulher, mais que aos homens, se lhes apetecer ajudar pronto, mas se não quiserem não é aquela obrigação deles, a nível de respeito os filhos respeitam mais os homens que as mulheres, eu acho que é porque nós lhe fazemos tudo e os homens nem tanto, ao meu filho se ele se portar mal eu bato-lhe mas é como se ele nem ligasse, o pai se começar a discutir com ele, ele chora logo. Eu quando discuto com eles não ligam nenhum, não me respeitam, mas se for o pai choram e mudam logo de atitudes.*

#### **2. Qual o papel da mulher na comunidade cigana?**

*Somos as donas da casa, cuidamos dos filhos, vamos para as feiras. Quem gere o dinheiro somos os dois.*

#### **3. Como é vista a mulher pelo homem cigano?**

*É a dona de casa, os filhos estão cuidados e o marido também, nós é que se recebemos visitas temos que ser nós a recebê-las, é um orgulho ter a casa arrumada, comer bem feito, apesar que o meu marido até gosta de cozinhar, só não o faz por causa das dores da costa.*

#### **4. Acha que a população cigana é muito diferente da não cigana?**

*Sim, mas já houve mais.*

##### **a. Se sim, em que aspetos é que se distingue da não cigana?**

*Na vossa cultura o homem diz ai e a mulher diz ui, o homem diz não faças isso, e é quando elas fazem, o homem mete os cornos há mulher e a mulher mete mais dois ou três. Agora já todos se aceitam uns aos outros, eu não aceito isto, se o meu marido me*

*fizesse isto, ele que seguisse o caminho dele, e se eu andasse com um homem, também não entrava mais.*

*Hoje em dia nós dizemos muito esta frase, “já não há ciganos”, já não há muitas diferenças entre culturas, e para mim há certas coisas boas nisso e certas coisas más. Eu ainda estou habituada a certas antiguidades. No meu tempo nós andávamos na escola até à 4º classe, já no tempo dos filhos, as meninas usam telemóvel, internet, porque antigamente não nos deixavam ir à escola para não escrevermos carta para o namorado. Ainda existem muitos pais que não aceitam que as filhas continuem na escola, para não usarem telemóvel, para não arranjar namoro.*

*Hoje já não sabemos distinguir a cultura cigana e eu gosto de como a minha casa está organizada. O meu marido é o principal na casa, eu sou a seguir e depois os meus filhos, o meu marido é que tem que dar a última palavra, se é ou se não é. Já não grito tão alto para o meu marido, desavenças todos temos, mas não há aquelas porradas, não isso não, mas há aquele respeito em casa. Sem serem ciganas, noutras casas, aquilo que vejo é que o marido bate na mulher, a mulher bate no marido, e eu não gosto dessas maneiras em casa, para mim não faz sentido.*

##### **5. A comunidade cigana tem mudado nas últimas décadas? Que mudanças ocorreram?**

*Muita coisa, a maneira das ciganas se vestirem, agora vão para os casamentos em soutien, com soutien posto de pedras, vão assim para os casamentos, e não me agrada, se eu tivesse uma filha eu não a ia deixar ir assim, para estarem bem vestidas não têm que estar com o corpo todo à mostra, não é preciso estarem de soutien num casamento para sermos modernas e bem vestidas. Há vestimentas que vão para os casamentos que parecem do carnaval, as dos sambas, a mim não me agrada essas coisas. Já noivados ciganos acho bem, os meus três filhos não têm noiva, o meu sogro ainda pôs o meu filho mais velho noivo, mas o meu marido disse que não queria noivos na casa, que eles escolhem quem quiser, seja cigana ou não cigana, para mim é igual. Mas se tivesse uma menina já não queria isso, o menino pode, a menina ia-me ser retirada. Porque quando nos casamos a menina vai para casa da mãe do marido.*

*Outro aspeto que mudou foi a carta de condução que agora as mulheres já podem tirar e acho bem essa mudança.*

*Mas há muita coisa que me incomoda se o homem der um berro à mulher a mulher dá um berro ao homem, se o homem empurrar a mulher empurra e eu não acho que*

*isto seja uma casa com respeito. Não gosto que as ciganas andem com telemóvel, estão de noivado e andam à frente de toda a gente, quando casam já nem tem graça, a gente ás escondidas faz tudo e mais alguma coisa, não é preciso andarem à frente de toda a gente. Não têm de vergonha de ninguém e no meu tempo a gente se visse alguém ao pé, nem sequer olhávamos e agora falam, riem, brincam à frente de toda a gente, isto não me entra, e acho que o meu marido não permite uma coisa destas, ele diz que se eles quiserem têm tempo para namorarem, mas não há frente de toda a gente.*

#### **6. Pode explicar a lei cigana?**

*Já não é para todos, se as meninas andarem no liceu, já ficam mal faladas, se virem uma menina na rua a falarem com um senhor já não lhe fica bem, se um homem andar com outra mulher e a mulher aceitar e não disser nada, não calha bem, se a mulher se portar mal ela segue o caminho dela, não tem direito aos filhos, nem a nada, é uma lei mesmo dos ciganos. Os avós têm direito a ver os netos, mas a mãe não tem direito a ver os filhos. O que é que as ciganas agora fazem, recorrem à justiça, como a lei cigana já não dá para elas, e depois ganham na justiça. Raparigas novas que a lei cigana lhe tira os filhos e elas recorrem à justiça e conseguem. Perante a lei cigana a mulher não tinha direito aos filhos, antigamente isto ficava por aí, agora já recorrem à justiça. Por nada deste mundo eu deixava os meus filhos, nem pelo meu próprio marido e eu acho mal as mães deixarem os seus filhos, por um homem qualquer, isto agora está muito avançado, a lei cigana está a acabar, eu sou dos antigos.*

#### **Caracterização habitacional**

##### **1. Gosta de residir no bairro? Porquê?**

*Sim, dou-me bem com os vizinhos, desde que casei que estou cá e não o trocava por outro bairro.*

##### **2. Salienta algum problema no seu alojamento? Qual?**

*Sim, o chão está todo levantado e estou a espera que me vão arranjar o chão, a minha casa está velha.*

##### **3. Como é a relação dos moradores do bairro?**

*É muito boa.*

## **Relação familiar**

### **1. Como descreve o conceito de violência?**

*A violência é a mulher ser escrava, a mulher não poder fazer nada e o homem já estar a bater, a mulher dizer alguma coisa e o homem bater, o homem vir bêbado e bater na mulher e depois não é só bater, é as palavras que dizem, vou matar o teu pai a tua mãe, que há muitos que ameaçam com as famílias. Eu se tiver a passar na rua e vir um homem bater numa mulher eu ponho me no meio, se tiver que chamar a polícia eu chamo, porque sei que a mulher está a ser agredida ali. Agora dentro de casa não me meto.*

### **2. Como é a relação entre o homem e a mulher da cultura cigana? Na cultura portuguesa existem muitos casos de violência doméstica, na cultura cigana também acontece isto?**

*Aqui existe muita violência, ou porque os homens estavam bêbados, outras vezes porque eles tiveram razão, porque a mulher disse alguma palavra que não devia, um estalo não mata ninguém, é como nos filhos, como não podemos dar um estalo nos nossos filhos? Eles não obedecem dou uma bofetada ou no cu ou na cara, não mata ninguém. Eu dou tudo pelos meus filhos eu tudo o que tiver dou aos meus filhos, mas se tiver que dar uma bofetada ou duas eu dou, doí-me, mas eu sei que é para o bem deles. Se eu dissesse algo de errado ao meu marido e ele me desse uma bofetada na cara eu não acho que é assim uma coisa por aí fora, não digo aquelas porradas, com paus e vassouras até ter muito sangue, porque isso é um extremo. Se uma mulher fizer algumas coisas mal feitas, eu grito com os meus filhos, fico tão nervosa e depois o meu marido vem ter comido e grita-me para não gritar com os meus filhos e mostra-me que a falar com eles sem gritar é melhor. A minha casa tem respeito. Se eu dissesse ao meu marido que ele estava a mentir, o meu marido dava-me logo uma bofetada na boca, eu merecia.*

### **3. Suponhamos que era vítima de maus tratos ou conhecia alguém que era, o que faria nessa situação?**

*Eu não me metia nisso, dizia para a pessoa não contar a situação, para se ir embora, ou denuncia e faz o que quiseres. A gente se se meter como já vi gente a pôr-*

*se a falar à polícia, no outro dia já está o marido com ela outra vez a rirem-se, não vale a pena estarmo-nos a meter. Agora se visse se o homem quase a matá-la, a proibisse a sair de casa aí ajudava-a.*

**4. Alguma vez os seus filhos foram violentos para alguém na escola? Se sim como reagiu e o que fez?**

*Sim, pus de castigo e teve que ir pedir desculpas e na escola nem recreio tinha que fui eu que pedi ao professor.*

**5. Qual é a sua opinião sobre esta afirmação “quanto mais me bates mais eu gosto de ti”**

*Isso é ditado, é a tal coisa que eu estive a dizer, que adiante denunciar se no dia seguinte descem as escadas a rir.*

**6. Qual é a sua opinião sobre esta afirmação “é normal os casais gritarem”**

*Eu com o meu marido não grito, mas grito muito com os meus filhos, é normal, não é uma coisa por outro mundo. Eu falo por mim se estiver enervada eu grito, se não gritar posso bater mais de força.*

## Anexo 8- Notícia

☰ MENU 🔍 ☁️ 18 **Diário de Notícias**

### Professora agredida a socos e pontapés por familiares de um aluno no Porto

**U**ma professora de Educação Física na Escola Primária do Lagarteiro, no Porto, foi hoje agredida por familiares de um aluno de oito anos, após o repreender durante uma aula, avançou à Lusa fonte da PSP do Porto.

A docente terá sido agredida no interior do estabelecimento de ensino a socos e pontapés por quatro familiares do aluno, entre os quais dois homens e duas mulheres, após o chamar a atenção, referiu.

A agressão, que terá ocorrido cerca das 16:56, aconteceu depois do menor se queixar aos familiares, no final da aula, explicou a PSP.

A mulher de 30 anos foi transportada para o Hospital de Santo António, no Porto, com lesões na cabeça, após ter sido agredida com violência, adiantou.

"Não ia em estado crítico, mas sim muito maltratada", afirmou a fonte.

Os agressores foram identificados no local, onde estiveram a Escola Segura, a PSP e uma Equipa de Intervenção Rápida.

PARTEILHAR